LIVRO I - O CLICHÊ QUE AMAMOS

meu melhor amigo

T. M. KECHICHIAN

MEU MELHOR AMIGO

LIVRO I - O CLICHÊ QUE AMAMOS

T.M. KECHICHIAN

Copyright © 2019 T.M. KECHICHIAN
Revisão: Ivany Souza
Capa: Ellen Scofield
Diagramação Digital: Karen Dorothy

Essa é uma obra de ficção, seu intuito é entreter pessoas, quaisquer semelhanças entre nomes, datas e acontecimentos reais, são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
É estritamente proibida a reprodução e/ou armazenamento de qualquer parte desta obra, parcial ou completa, através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos dircitos autorais é crime estabelecido pela lei n° 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

SINOPSE

PLAYLIST

AGRADECIMENTOS

NOTA DA AUTORA

NOTA DA REVISORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

EPÍLOGO

DEMAIS OBRAS DA AUTORA

- MISTERIOSA ESSÊNCIA
- INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO
- NATAL EM 2

BIOGRAFIA

REDES SOCIAIS

meu melhor amigo

T. M. KECHICHIAN

Sinopse

E se o seu melhor amigo for o amor da sua vida?

Paula e Maurício são de Angra dos Reis e estudaram juntos dos 7 aos 17 anos, cultivando uma amizade invejável.

Para seguir o sonho de ser médico, Maurício se muda para a cidade do Rio de Janeiro e Paula permanece em Angra, frustrada por não poder realizar o sonho de estudar moda. Apesar de todo o amor e carinho, o pior acontece: com o passar do tempo, eles perdem o contato.

Agora, dez anos depois, Maurício é um médico em ascensão e Paula, empresária de uma loja de roupas. E, como o destino não brinca em serviço, o ex-melhor amigo de Paula retorna para sua cidade natal e veremos que a história dos dois está longe de terminar.

Em Meu Melhor Amigo, prepare-se para rir, dançar, se aventurar pela Ilha Grande e se apaixonar por duas pessoas que tiveram medo de expressar o que realmente sentiam em prol de uma grande amizade.

Playlist

Acesse a playlist da história escaneando o código abaixo no seu celular!

Agradecimentos

Primeiramente, obrigada, Deus!

A cada novo projeto, mais pessoas fazem parte da minha caminhada e vai ficando mais difícil colocar nomes, mas há sempre aquelas que estão conectadas comigo no dia a dia.

Ao meu marido, Eduardo, que me motivou, como nunca, a finalizar este projeto, que foi um desafio para mim, obrigada!

Às minhas amigas, apoiadoras e essenciais: Bianca Bonoto, Rafaela Pimenta, Ramone Franciele, Maiara Silva, Helô Delgado, Agatha Santos, Pry Olivier, Ivany Souza, que me ajudam sempre, direta e indiretamente. Vocês são sensacionais e fazem parte do roll de pessoas com quem posso contar sempre e, claro, podem contar comigo também.

Às minhas leitoras amadas e autoras queridas que se tornaram grandes amigas, ajudadoras do meu trabalho, meu muito obrigada.

Minhas parceiras, blogs, grupos de divulgação e leitura... Muito obrigada por me ajudarem tanto. Vocês são espetaculares e imprescindíveis!

A você que me deu uma oportunidade ao adquirir este eBook, muito obrigada!

Até a próxima!

T. M. Kechichian.

Nota da Autora

Olá para você que já conhece minha escrita e para você que está tendo contato pela primeira vez! É um prazer enorme ter a sua atenção. Espero que tenha uma ótima leitura!

Apesar de ser uma série, cada noveleta é como se fosse um livro único, por seus enredos serem totalmente independentes.

Todos os personagens aqui descritos são fictícios, não havendo nenhuma relação com a realidade. As praias aqui mencionadas são reais e, por isto, resolvi colocar um mapa da Ilha Grande para se situarem e conhecerem melhor a cidade de Angra dos Reis, que vai muito além de uma beleza natural, mas faz parte da história do Brasil.

Obrigada pela preferência e volte sempre!

T M Kechichian

Fontes de pesquisa: Wikipédia, ilhagrande.com.br, IlhaGrande.org, Blogs de Viagens.

Nota da Revisora

O texto segue as Normas vigentes da Língua Portuguesa, porém características da coloquialidade foram utilizadas para aproximar a linguagem às falas de situações do cotidiano. Os trechos em itálico se referem a termos técnicos, estrangeirismos, apelidos, gírias, termos coloquiais e/ou frases reflexivas.



Prólogo

— Paulinha, vai dar tudo certo! Em alguns anos eu vou me formar na faculdade de Medicina e você, na de Moda. Seremos bem-sucedidos, vamos dar a tão sonhada volta na Ilha Grande e teremos nossa própria pousada por lá…

— Maurício, às vezes eu acho que você vive no mundo da lua... Como pode programar toda sua vida assim? Tem coisas que a gente não planeja, garoto!

— Eu prefiro programar do que viver perdido, sabe? Mas cada um é cada um...

— É... cada um é de um jeito. Eu acho que a vida é repleta de surpresas e tudo pode mudar em um segundo, por isso, prefiro viver o momento — retruquei.

— Você não está errada, Paula, acho que todos temos nossas verdades e metas, porém uns seguem à risca, outros preferem esperar o universo se encarregar de tudo.

— Nossa, esse papo está bem louco... Mudando de assunto, quando você

viaja? — perguntei e segurei o ar, enquanto aguardava sua resposta.

— Daqui a dois dias.

— Uau! Nem acredito que o meu parceiro do crime vai embora...

O choro tentou romper as barreiras que fui erguendo desde que eu soube que meu melhor amigo ia se mudar para o Rio de Janeiro. Estudamos juntos dos 7 até os 17 anos de idade em um colégio particular tradicional aqui de Angra dos Reis e, assim que nos formamos, ele decidiu seguir o seu sonho. Íamos nos separar pela primeira vez.

Maurício queria fazer Medicina, para isto, seus pais decidiram investir pesado, matriculando-o em um cursinho pré-vestibular, fora da cidade, especializado na área.

A saúde em Angra nunca foi das melhores e ele queria fazer a diferença... Um sonhador. Um sonhador lindo e incrível...

— Eu não vou embora, Paula. O Rio fica a menos de três horas daqui e vez ou outra virei para casa visitar meus pais, você...

— Mas não é a mesma coisa, Maurício. A partir de agora, você vai ser um garoto da cidade grande e esquecerá que Angra dos Reis existe. É sempre assim...

— Ah, para de falar besteira, garota! Eu nunca vou me esquecer da minha melhor amiga! Está entendendo? — ele perguntou, segurando meus ombros, fazendo com que eu olhasse para o seu rosto.

Encarei seus olhos azuis, os cabelos castanhos propositalmente despenteados... e respondi com a voz embargada:

— Sim, entendi.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e me observou

por mais tempo que o normal. Parecia querer falar algo mais...

— *Maurício, chegamos!*

O grito de sua mãe interrompeu o momento de estranheza e voltamos à realidade. Querendo fugir o mais rápido possível, peguei minha mochila do chão do seu quarto e disse que ia para a minha casa, que ficava no mesmo condomínio. Ele não me impediu e segui correndo, passando por seus pais como um jato. Eles já estavam acostumados com a minha presença por lá, então, apenas disseram um uníssono:

— Tchau, Paulinha!

Assim que entrei no meu quarto, ainda esbaforida, dei graças a Deus por não ter ninguém em casa. Desabei no chão, em frente ao espelho, e comecei a chorar sem qualquer controle. Chorei porque eu não sabia o que fazer da minha vida sem ter o meu melhor amigo ao meu lado. Chorei porque ele teria uma nova vida em uma cidade que tinha tanto a oferecer e eu ficaria para trás. Chorei porque eu sabia que as coisas nunca mais seriam as mesmas. Chorei, sobretudo, pelo amor que eu sentia.

Quando a gente cresce, tudo muda. Eu esperava que o sentimento que mantinha em segredo também mudasse, pois eu não aguentaria conviver a vida toda com aquele aperto no peito por saber que nunca poderia ter o amor do meu melhor amigo. O garoto que não tinha ideia de que era o dono do meu coração e dos meus sonhos.

Tão clichê... Tão previsível... E lá estava eu, tão apaixonada!

Eu nunca seria burra de confessar o que eu sentia. E correr o risco de perder sua amizade? Não mesmo! O jeito era continuar jogando terra naquele sentimento, enterrando-o ao máximo e me distraindo com outros garotos. Quem sabe um dia aquele sentimento não fosse embora?

Ah, se a vida seguisse nossas regras, seria bem mais fácil...



— Paulinha, as roupas acabaram de chegar.

— Ah, ótimo, Amanda. Pode receber e precificar, por favor.

Minha funcionária, e amiga, assente e vai para os fundos da loja. Eu já estava preocupada com a demora na entrega da mercadoria, mas, graças a Deus, o pedido chegou a tempo das vendas do final de semana. O comércio não está nada legal por aqui, porém, com o início da alta temporada, estou otimista com uma melhora nas vendas.

O movimento do único shopping da cidade é fraco em dias normais e preciso ficar contando com alguns finais de semana, feriados, finais de mês e a chegada do verão. Quando decidi abrir esta loja, nunca imaginei que seria tão complicado *mantê-la*. Os gastos, muitas vezes, são maiores que os lucros, mas é o custo de seguir um sonho, ou, pelo menos, uma parte dele.

Infelizmente, não pude estudar o que eu sempre quis. Estava tudo certo para entrar na faculdade de Moda, sair da cidade, assim como meu melhor amigo na época fez, mas, então, minha vida deu uma virada de 180º. Meu pai perdeu o

emprego que sustentava minha família, em consequência disto, minha mãe ficou doente e eu precisei ficar em Angra para ajudar no que fosse preciso.

Fui obrigada a procurar emprego e foi aí que comecei a trabalhar em lojas de roupas. A cada salário ganho, eu tirava uma parte para casa e outra ia juntando para conseguir fazer alguma faculdade por aqui mesmo. Decidi cursar Administração, a área mais neutra que estava à disposição. Era isso ou nada. Estudei, *me* formei e abri minha própria loja de roupas.

Hoje, posso dizer que estou quase realizada. Com 27 anos, tenho uma loja no shopping, consegui quitar as dívidas dos meus pais, moro sozinha em um apartamento confortável e estou com Fábio, um policial civil, há dois anos.

— Paulinha, terminei uma parte e depois do almoço continuo, tudo bem?

— Claro, Amanda. Pode ir! — respondo, voltando minha atenção para o computador.

— Nossa, não sei como você consegue mexer nisso aí — minha amiga comenta.

— Excel? É só ter prática. No início foi o cão chupando manga, mas agora não vivo sem. Melhor forma de fazer uma planilha bem-feita. E o meu TOC agradece. — Nós duas rimos.

— Prefiro continuar com meu lápis e papel — ela completa e eu balanço a cabeça.

— Você é doida! Vai almoçar, vai...

— Vou! Quer alguma coisa da rua?

— Não, obrigada!

— Nem um moreno gato e gostoso? — Amanda pode me perguntar isso todos os dias, mas em todas as vezes não consigo deixar de rir.

— Garota, você não existe!

— Bom, vai que um dia você resolve trocar aquele traste do Fábio... — ela fala, mas coloca a mão na boca rapidamente. — Desculpa, Paulinha. Eu não quis...

Giro minha cadeira e fico de frente para ela.

— Amanda, você é minha amiga, funcionária, mas, por favor, não faça isso. Eu tomo as minhas próprias decisões e espero que você respeite isso.

— Eu sei, Paula, mas não é nada fácil ver uma amiga perdendo tempo com um cara que não a valoriza. Eu juro que estou tentando entender como uma mulher linda e inteligente como você pode ter perdoado um cara como ele... — Abro a boca, mas ela continua: — Parei por aqui. Você já sabe muito bem o que eu penso. Só espero que ninguém fique te perturbando quando você *levá-lo* à festa dos ex-alunos...

— Eu nem sei se irei a essa festa. — Giro a cadeira de volta para ficar de frente para o computador, dando a conversa por encerrada.

— Como assim *não sabe se vai*?

Sem cerimônia, ela me gira de volta e sou obrigada a ver sua expressão chocada. Intimidade é uma *merda*!

— Ah, não estou com saco para ver o quanto as garotas mimadas do passado viraram mulheres bem-sucedidas, morando em cidades grandes, desprezando quem ficou por aqui e as que ficaram destilarem o veneno de sempre...

Há uns três anos eu estava louca de vontade para participar do evento de 10 anos Pós-Colégio, que vem prometendo ser um grande acontecimento, mas agora, faltando apenas uma semana para o bendito encontro, comecei a analisar os prós e os contras e percebi que não vai me fazer bem.

— É por causa dele, não é? — sua pergunta interrompe meus pensamentos acelerados.

— Não sei do que você está falando — respondo, retornando finalmente ao que estava fazendo antes dela me interromper. — Amanda, por favor, está na sua hora. Eu vou precisar sair depois que você voltar.

Com isso, ela sai da loja, e eu solto o ar que nem sabia que estava prendendo. A última coisa de que eu precisava era me lembrar *dele*. Aquele cara fez parte do meu passado. E só!

Por mais que Amanda seja sua prima e sempre diga que uma amizade não pode acabar do jeito que a nossa terminou, ele não me afeta mais. Já faz anos que não nos vemos e suas promessas vazias se foram com eles. Minha vida não tem nada a ver com a dele, e quero que continue assim.



Estarei mentindo se eu disser que as palavras da Amanda não ficaram martelando na minha cabeça, principalmente a parte sobre Fábio. Não é que eu seja ingênua, boba ou que não tenha amor próprio, como tenho ouvido ultimamente, mas, apesar de tudo, ele me faz bem. Ninguém é perfeito, eu mesma não sou. Eu não o amo e é por isto que o entendo.

Quando começamos a sair, eu pensei que poderia, enfim, ter um relacionamento de verdade, real, de cumplicidade e que poderia sentir alguma explosão dentro de mim. Infelizmente, isto não aconteceu. Fábio sempre me tratou como uma princesa, disse que me amava alguns meses depois, e, quando percebeu que eu não o correspondia como merecia, aos poucos foi desistindo de se entregar também. Acho que meu destino é ficar sozinha, porque eu não tenho capacidade de amar alguém. É triste, mas é o que eu sinto.

Então, ao saber que o Fábio me traiu, e foi o próprio que confessou, não me importei. Eu simplesmente o entendi. Talvez eu tenha algum problema mental sério ou só não sirva para um relacionamento convencional.

Contudo Fábio não ficou tão indiferente. Ele se culpou, disse que não faria novamente, que foi fraco... E o que eu poderia responder? A verdade. Que estava com ele pela companhia e pelo sexo. No início, ele ficou perplexo, como se uma mulher não pudesse ser tão direta, mas assim como ele “mostrou” o seu ponto ao me trair, eu “mostrei” o meu sendo sincera.

Desde então, nossa relação melhorou bastante. Não gosto de rotular o que temos e, por isto, muita gente não entende. Eu e Fábio sabemos das necessidades um do outro, sem aquele furor desenfreado que o amor faz e que, por vezes, deixa alguém machucado, mas com uma calma muito bem-vinda,

equilíbrio e sem cobranças. Perfeito!

Quem é de fora, porém, prefere julgar! Julgam sem saber e compreender meus motivos. E não estou nem aí para o que pensam ou deixam de pensar de mim.

Encontro-me deitada no sofá do meu apartamento quando o celular toca. Dou uma olhada no visor e demoro alguns segundos para decidir se atendo ou não. A insistência vence.

— Alô...

— *Paulinha?*

— Diga, Matheus.

— *Nossa, mas por que tão seca, querida? Eu hein, parece até que não quer falar com as amigas.*

— Se me ligou para dizer que eu sou uma idiota por estar com o Fábio pode...

— *Opa, opa. Pode ir parando, dona Paula. Não liguei para falar merda nenhuma de Fábio. Mesmo que não seja a favor, a vida não é minha, querida. Só quero saber se está tudo bem com a minha bicha preferida, se quer sair para beber alguma coisa, essas coisas...*

— Ah, Matheus, não seria ruim, viu? Estou precisando de um pouco de diversão. Tem algum lugar em mente?

— *Mas é claro, lindeza. Hoje tem show do* Luan Santana *no Curral.*

— Nossa, eu detesto o nome desse lugar, mas adoro o cantor. Então, o *Luan* venceu. Que horas?

— *Te pego às 23h. Aí a gente faz a pré no barzinho que tem lá dentro.*

— Fechado! *Te* espero.

Já estou mais animada. Conheço Matheus desde o colégio, mas só viramos amigos depois que nos formamos. Antes, eu só tinha olhos para um amigo em especial, cujo nome não merece ser mencionado. Que Deus o tenha!

Matheus é animado, seu jeito faz com que eu ria até nos momentos mais tristes. Costumo dizer que ele é a minha luz no fim do poço, mas sempre me corrige falando que é “do túnel”, e eu rio mais um pouco.

Começo a pensar no *look* e uma combinação perfeita chega à minha mente. Eu mencionei que estou aprendendo a costurar para fazer minhas próprias peças? Pois é... Ainda não fiz a faculdade tão desejada, mas não é isso que vai acabar com o sonho de ser uma estilista. Afinal, quem quer, corre atrás.



Ajeito o *cropped* rendado de mangas compridas, a calça de couro justa e coloco a bota de salto alto, tudo na cor preta. Como dizem, *femme fatale*. É como estou me sentindo.

A tatuagem delicada, que fica do meio dos meus seios e desce até a metade da minha barriga, está parcialmente aparente, e sinto que me dá um ar ainda mais sensual. Eu gosto muito dela. Uma lua com algumas finas correntes penduradas.

Ouço a buzina inconfundível do carro de Matheus e rapidamente passo o batom *Russian Red*, da *Mac*, meu queridinho para noitadas. Tiro os grampos do cabelo, as ondas loiras descem pelas minhas costas e vou ajeitando-as com os dedos. Por último, penteio meus cílios, que estão com uma extensão maravilhosa e que nunca mais abandonarei (Amém!). Meus olhos claros nunca ficaram tão destacados, e sinto orgulho do que vejo.

Mais uma buzinada, passo meu perfume preferido, *Amor Amor*, da *Cacharel*, pego minha bolsa, apago as luzes e fecho a porta do apartamento.

Ufa! Tempo recorde!

— Já estou indo — grito assim que avisto Matheus fora da *Ranger 4x4*.

— *Porra*, Paulinha! Pensei que tivesse confundido a noitada para amanhã.

— Ah, para com isso, Theus. Eu estava caprichando.

— E caprichou, hein, loira? Coitado do Fábio…

Reviro os olhos e digo:

— Que Fábio, o que, Matheus! Você esquece que eu sou uma mulher livre!

— Verdade... É tão raro encontrar uma mulher como você que acabo esquecendo, Paulinha. Agora, vamos! *Luanzinho* está nos esperando, querida.

Caio na risada e sento no lado do carona.

— Vamos, Theus. Vamos que eu quero ouvir aquele delícia cantar.

— Aí, sim. É assim que eu gosto! Aquele homem é só *choque térmico*.

Dito isto, meu amigo nos leva diretamente para uma noitada, que espero valer a pena, pois é o que mais preciso hoje.



Chegamos ao Curral e minha vontade de rir começa. É uma das únicas boates da cidade e eu não vejo elegância alguma no letreiro em neon azul escrito "*Curral*", com letras cursivas e tudo. Aff, sério! Coisa mais brega, mas o que importa é que *Luanzinho* estará aqui!

Se eu sou fã? Não chego a ser fã, mas amo como as músicas dele me deixam para cima. Dá para dançar, curtir, gritar... Enfim, é muito mais por me fazer bem que qualquer outra coisa. E, claro, ele é uma *delicinha*.

Fábio me ligou e eu disse que estava aqui com Matheus. Ele queria vir, mas eu logo cortei, dizendo que hoje eu quero curtir com meu amigo. Apenas isso. E ele entendeu. Ou, pelo menos, parece que entendeu.

O nome pode ser de mau gosto, mas, por dentro, o Curral é um grande e moderno galpão, parecido com um dos espaços do *Villa Country* em São Paulo, porém bem menor. A dupla que estava cantando se retira, e um barulho ensurdecedor começa. Aproveitando a pausa, eu e Matheus pedimos uma *caipiroska* de lichia no balcão de bebidas e seguimos para a pista.

Como se soubesse que o *Luan* está no palco, o público, em sua maioria feminino, fica ensandecido. Quando o *back vocal* começa a cantar a primeira parte da música *Quando a Bad Bater*, aí que o barulho aumenta mais, e eu e Matheus gritamos junto.

Luan aparece e os holofotes acendem em toda sua força. *Porra*, ele pode ser mais novo, mas olha... eu pegava para cuidar, viu?

Então, ele começa a cantar:

"Amor, eu só quero o seu bem
Se for embora agora vai ficar sem ninguém
Amor, eu quero um filho seu
E eu não suporto a ideia de que nada valeu..."

Eu e Matheus deixamos os copos vazios em cima de uma pequena mesa e começamos a dançar um com o outro. Várias outras pessoas fazem o mesmo. Eu amo dançar, é tão libertador! Logo alguns caras me chamam, mas Theus não fica para trás. Ele tem seus admiradores também. A pele constantemente bronzeada, os músculos torneados despontando da camisa branca de gola V e os olhos verdes muito claros fazem do meu amigo um pedaço de mau caminho. Ele me olha e sorri, como se dissesse: *vamos aproveitar, loira!* E é claro que eu aproveito.

Então, vem o refrão que eu adoro:

"Não vai saber o que fazer
Quando a bad *bater e o silêncio trazer minha voz*
Não vai saber o que beber se esse vinho não mata essa sede,
Sede que é de nós"

Suada, leve e livre, é como me sinto. Danço com um, dois, três caras, mas nenhum deles se arrisca a perder o respeito comigo. Pelo contrário, estou me divertindo como há muito tempo não acontece.

Quando *Luan* começa a cantar *Sofrendo Feito Um Louco*, aí que eu dou uma de fã, livro-me dos caras e, no refrão, começo a cantar a plenos pulmões:

"Eu amando ela, ela amando outro,
Tô aqui tremendo, sofrendo feito um louco...
Eu amando ela, ela amando outro,
Tô aqui tremendo, sofrendo feito louco...
Passando sufoco"

Ele volta a cantar a música desde o início, e eu estou tão concentrada cantando junto que não percebo que há alguém do meu lado. Por instinto, viro o rosto e fico paralisada. Sabe aqueles filmes que passam em câmera lenta? É exatamente o que acontece. Minhas pálpebras ficam pesadas e os olhos abrem e fecham com lentidão, a boca levemente aberta, sem reação.

Não!

Não!

Não!

Porra, mil vezes NÃO!

Não tenho como escapar, fugir ou fingir que não o vi. Ele está ao meu lado, *me* encarando com seus mais de 2 metros de altura — exagero, mas em comparação aos meus 1,60m, é o que parece —, os olhos azuis injetados, o corpo mais musculoso do que eu poderia imaginar. Consigo reparar no braço

direito todo tatuado, a camisa preta decotada e apertada, a barba por fazer, tudo nele gritando que é um homem e não o garoto de anos atrás.

— Paula... — Consigo ver sua boca pronunciando cada letra. A expressão tão chocada quanto a minha.

— Maurício... — digo, mas duvido que ele tenha me escutado também.

A música continua rolando, porém nada consegue fazer com que meus olhos desviem dos dele. O reconhecimento do que ele representou na minha vida por tantos anos bate com força no meu peito. Lutando com todas as minhas forças, viro-me de costas e caminho em direção ao bar. O pior é que eu sei que ele está atrás de mim.

Paro no balcão e o sinto por perto. Com menos barulho, consigo ouvir quando ele sussurra ao meu ouvido:

— Podemos conversar?

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Uma *caipiroska* de lichia, por favor! — peço ao *barman*.

— Uma dose de *Jack Daniels*.

Hum... Agora ele está na *vibe* do *whisky*. Médico, rico, quase um carioca da alta sociedade...

— A gente pode conversar, Paula? — ele pergunta novamente, sua boca quase tocando minha orelha, e um arrepio percorre todo meu corpo.

Porra! Como ele ainda consegue fazer isso comigo? Giro meus tornozelos e o encaro.

— Fala, Maurício! Já não basta ter estragado minha noite? Agora fala!

A julgar pelos olhares curiosos na nossa direção, acho que eu cheguei a gritar.

Ele me olha, surpreso, sem conseguir, por um momento, argumentar. *O que ele esperava? Que eu fosse só sorrisos depois de anos sem vê-lo?*

— A gente precisa conversar direito, Paula. Para com isso!

Suspiro e concordo com a cabeça.

— Ok, vamos lá fora!

Assim que nossas bebidas chegam, ele me segue. Alguns caras tentam me puxar, mas Maurício os afasta com a mão livre.

Chegamos a uma área aberta para fumantes e para quem quer *pegar* um pouco de ar. Enquanto bebo minha *caipiroska* e ele sua dose de *whisky*, nossos olhos não se desviam. Parece que conversam entre si de alguma maneira misteriosa, trazendo lembranças.

— Não sabia que já estava em Angra — quebro o silêncio. — A festa de 10 anos não é só na semana que vem?

— Resolvi adiantar uma semana. Tenho alguns assuntos para tratar aqui.

— Ah!

— Paula...

— Maurício, não acho que esta conversa vá nos levar a algum lugar. Já faz muito tempo... Tanto eu quanto você não somos mais adolescentes, melhores amigos, inocentes...

Com um gole finalizo minha bebida e ele faz o mesmo.

— Você está... diferente — ele diz ao analisar, sem qualquer cerimônia, cada parte do meu corpo, e estremeço.

— Diferente, como? — pergunto, fingindo indiferença, mas querendo saber o que está diferente, querendo saber no que eu mudei por fora, porque, por dentro, sinto que nada mudou.

A *porra* do meu coração continua batendo forte como um bumbo no meu peito, vibrando em cada terminação nervosa.

— Você sempre foi linda, mas... mas agora está demais. Gostosa *pra caralho*!

Impossível não rir da sua observação e da sua falta de discrição. É como se tivéssemos voltado no tempo, e nada tivesse mudado. Eu tenho tanto para falar, tanto para perguntar, gritar, brigar, mas nada disso parece ser importante agora. Nada merece mais minha atenção do que ter o seu olhar todo para mim, algo que nunca tive quando éramos melhores amigos.

— Você também está diferente, Maurício. Mais homem... — Ele ri. — Até tatuagem fez...— digo, apontando para o seu braço direito.

Ele olha para os desenhos em sua pele e sorri de lado.

— Sempre quis fazer, você sabe, mas meus pais me enchiam o saco. Depois que me formei, resolvi fazer o que eu queria e larguei um *foda-se* para eles. Eu estava *puto*, *me* acabando de tanto estudar e precisava fazer alguma coisa que me desse prazer. Aí, fiz estas e mais algumas.

Arregalo meus olhos, não pela quantidade, mas porque minha imaginação está indo longe demais ao visualizar cada desenho em seu corpo sarado. *Meu Deus do Céu! Só pode ser efeito da bebida.*

— O que foi? Não pensou que eu tivesse coragem?

Seu sorriso está ainda mais lindo do que me lembro. Dentes retos e brancos contrastando com a pele bronzeada, os cabelos castanhos ondulados, que continuam espessos, e os olhos azuis, claríssimos. Um médico como ele deve deixar passando mal uma mulher em cada esquina.

— Não é isso... — Tento voltar à conversa sem continuar “viajando”. — Fico feliz que você, enfim, ligou o *foda-se* para o que os seus pais pensavam.

— Ah, eles ficaram chocados, mas depois entenderam que as tatuagens não moldariam meu caráter, que não é porque eu fiz que virei um delinquente como eles achavam.

— Nossa, não tem nada a ver mesmo. Eu fiz algumas também.

— Sério? — ele pergunta, surpreso. Acho que não conseguiu ver a que está aparecendo um pouco abaixo do meu top por conta da quase ausência de luz.

— Sim! Só consigo te mostrar uma agora.

Sem qualquer vergonha, como se tivéssemos 17 anos novamente, levanto um pouco o *cropped* e minha tatuagem fica mais à mostra. Ele abaixa o rosto por conta da baixa iluminação e seu dedo traça o caminho das correntes que caem em parte do meu abdômen.

Por que eu não consigo afastar sua mão de mim? Cadê a Paula raivosa que disse que nunca mais falaria com o ex-amigo? A saudade da sua presença é muito maior que a raiva e o ódio que eu guardei durante todos esses anos, e não consigo *fazê-lo* parar.

Um arrepio percorre todo meu corpo. *Meu Deus... Como ele pode me afetar tanto?*

Com apenas um toque, minha pele esquenta. Antes, éramos novos, e eu não entendia o que meu corpo queria dizer, mas agora... agora eu conheço cada parte minha e as sensações que me envolvem.

— Uau, Paula! É linda! Combinou muito com você. Delicada, sexy... — E quando penso que ele vai parar de tocar minha *tattoo*, o *cara de pau* tem a audácia de subir mais um pouco o meu top.

— Maurício, para... — Abaixo o *cropped* com violência. — O que você pensa que está fazendo?

— E-Eu só queria ver o restante dela... — ele se explica, sem jeito, como se só agora tivesse percebido o que estava fazendo. — Eu senti sua falta, Paula. — Com uma expressão agoniada, ele passa as mãos no cabelo. — Nem acredito que estamos nos falando, logo nesse lugar com nome horrível, que você sempre afirmou detestar...

A tensão se dissipa, e começamos a rir. Rir não, gargalhar. A música continua rolando, mas eu só quero fingir que eu e Maurício nunca nos separamos. Que, na verdade, não ficamos sem nos ver por tantos anos, apenas dias.

Nossas risadas vão morrendo, e eu respiro fundo. A realidade é outra. Houve sim, uma janela enorme de tempo que não pode ser esquecida. Ambos mudamos. Deixamos de ser adolescentes e nos tornamos adultos. Deixamos de ser melhores amigos e nos tornamos dois desconhecidos fingindo que ainda se conhecem.

— Maurício... Vamos falar sério. Eu não posso desconsiderar o fato de que não cumpriu o combinado. Se você apareceu três vezes em Angra, em dez anos, foi muito. E só nos primeiros dois anos! Você que disse que nossa amizade nunca mudaria, que seríamos amigos para sempre... Eu simplesmente decidi que nossa amizade nunca foi importante para você e segui em frente.

— Não fala assim, Paula. *Porra*, eu pensei que fosse conseguir vir mais vezes, mas Medicina é uma área que não dá para prever. Eu estudava o dia todo, mal tinha tempo para sair, mal dormia... Foi um inferno! Não pense que eu fiquei me divertindo! Estudei por seis anos, *me* formei, mas não parou por aí, tive que estudar mais três anos na residência de cirurgia geral e, agora, estou finalizando outra especialização em cirurgia do aparelho digestivo.

Eu levanto minha mão direita e faço um gesto para que pare de falar.

— Olha, eu entendo que estudar para ser médico demanda muito tempo,

energia, mas não ligar para sua melhor amiga? Não se importar com a pessoa que mais torcia por você? Nada justifica isso. Nada!

Ando de um lado para o outro, nervosa, estalando meus dedos, a respiração acelerada. Todo sofrimento que passei retornando nas minhas lembranças. Ele me olha e morde o lábio inferior.

— Eu sofri *pra caralho,* Paula. Sem poder te ligar ou falar com você, simplesmente porque descobri que mudou de número e pediu que ninguém repassasse para mim. Eu não usava nenhuma rede social, mas entrei no *Facebook* e *Instagram* só para ver se te encontrava, e nada! Você sumiu, *porra*!

— Claro! Depois de você ficar um ano sem aparecer ou ligar, eu precisei fazer o que estava ao meu alcance para não sofrer mais. Não podia te esperar para sempre, Maurício.

Ficamos em silêncio, mas uma risadinha amarga chama minha atenção. Maurício está rindo, olhando para o chão, e as mãos nos bolsos de sua calça jeans clara.

— Quem vê pensa que somos ex-namorados...

Balanço a cabeça não querendo rir, mas falho miseravelmente.

— Não éramos namorados, mas tínhamos uma relação de cumplicidade, Maurício. — *E eu te amava, seu idiota!*

— Concordo, Paula. Nós dois erramos. Falta de maturidade, não sei, mas podemos consertar tudo isso...

Olho de repente para o seu rosto, franzindo a testa, confusa.

— Estou voltando para Angra.

— Como assim, Maurício?

— Eu finalmente consegui uma vaga no Hospital. Passei em um

concurso e em vinte dias me mudo.

Eu não sei dizer o que esta informação faz comigo, porque é um misto de sensações. Choque, alegria, confusão, raiva... Sim, raiva porque eu pensei que minha vida estivesse finalmente nos eixos, e agora esse cara está me dizendo que vai voltar a morar em Angra e não sabe que tem o poder de abalar toda as minhas estruturas. Ainda hoje ele tem... É claro que tem! Quem eu quero enganar?

— Nossa! Fico feliz por você, Maurício. Finalmente seu sonho está se realizando.

— Eu falei que daria tudo certo, Paula. Exatamente como eu planejei.

— Para você pode ser...

— Como assim?

Agora é a vez dele ficar confuso.

— Você deve saber que eu não consegui entrar na faculdade de Moda.

— Sim, eu sei. Apesar de você não querer falar comigo, meus pais sempre me contavam as novidades. Eu senti muito por você. — Ele chega mais perto e levanta meu rosto. — Mas, *caralho*, Paula, você fez Administração, tem sua própria loja de roupas, seu próprio apartamento... Você conquistou muita coisa.

Se ele sabe disso tudo, na certa tem ciência do meu rolo com o Fábio, mas, graças a Deus, não diz nada. Seus dedos acariciam meu queixo e fecho os olhos. Ele me deixa vulnerável e rendida diante do seu toque. E isso é exclusividade dele, porque nunca senti nada parecido com outro homem.

— Vamos dançar? — sou surpreendida.

— Não sei, Maurício. Ainda temos muito o que conversar.

— E o Matheus? É o seu mais novo melhor amigo? — pergunta, ressentido.

Levanto as sobrancelhas e respondo:

— E se for? Pelo menos ele esteve comigo nesses dez anos.

Vish. Até eu senti a dureza das minhas palavras.

— É muito injusto você me comparar com ele! A gente estudou "uma vida" juntos... Tínhamos planos e eu nunca me esqueci de nenhum deles. Você não pode ter esquecido da nossa amizade de uma hora para a outra! — ele se exalta e eu elevo minha voz também.

— Maurício, não foi de uma hora para a outra! Eu tive alguns anos para pensar nisso, não é mesmo?

— Vamos dançar — ele pede mais uma vez, parecendo cansado e com um brilho indecifrável nos olhos. — Por favor! Eu vi você dançando com os outros caras lá dentro. Só vamos nos divertir — ele insiste. — Pelos velhos tempos.



Onze anos antes...

— Eu não sei dançar, Maurício. Ainda mais forró! Não levo jeito *pra* isso, não.

— Paula, deixa comigo. Todo mundo precisa dançar essa música um dia. Ouso dizer que é obrigatório!

— Para de bobeira, garoto. Quem vê pensa que você é muito experiente. Só tem 16 anos, como pode gostar dessa música arcaica?

Ele coloca a mão no peito e fecha os olhos.

— Ai! Você quase me matou agora, Paulinha. *Porra*, é *Alceu Valença*! As músicas dele são atemporais.

É claro que eu conheço as músicas do *Alceu*, inclusive, a que está tocando agora, *Tropicana*, mas nunca parei para curtir, muito menos dançar. Minha "praia" é mais *Foo Fighters, Blink 182, Red Hot Chili Peppers, Guns N'*

Roses, Coldplay... Uma *vibe* mais *pop* e *rock*.

— Olha, estou para ver garoto mais estranho. Você sabe dançar forró por acaso? Porque essa é nova *pra* mim.

— Garota, minha mãe ama forró e vem me ensinando a dançar desde que eu tinha 10 anos, senão antes. Ela e meu pai dançam *pra caraca*!

— Uau. Como eu não sabia disso? — pergunto, atônita. — Eu te conheço desde que você tinha sete anos!

— Tem certas coisas que só são mencionadas no tempo certo — ele sorri de lado e eu reviro os olhos.

— Eu não acredito que você me trouxe *nesse* galpão horrível e ainda vai me fazer dançar!

— Nome horrível, concordo, mas é divertido, vai. Vamos! Não tem nada de difícil. É só seguir o ritmo.

— O que a gente não faz pelos amigos... — murmuro e o sorriso dele aumenta.

— Isso, *porra*! — depois de dar um soco no ar ele pega minha mão e me conduz até o meio da pista.

Olho para os lados e há vários casais dançando, uns parecendo profissionais — girando e fazendo passinhos orquestrados —, outros aprendendo, mas todos estão com um sorriso no rosto. Acho incrível o poder que a música exerce na vida das pessoas. Não deixo de observar que as meninas estão usando saias longas e camisetas de alcinha, tudo muito confortável para que consigam se movimentar sem se preocuparem.

Quando Maurício me chamou para vir ao Curral, fiz questão de colocar uma roupa leve. Meus pais começaram a liberar minhas saídas recentemente, mas sempre ouvi comentários que em dias de forró, como hoje, o ideal é vir de

saião, camisetinha justa e uma sandália rasteirinha.

Agradeço por estar com uma saia estampada fluida e longa, estilo sereia, uma blusinha branca um pouco decotada e sandália sem salto, que amarra no tornozelo.

— Aqui está bom — ele grita acima do som alto. — Esse é o lugar menos cheio. Vamos aproveitar!

Meu amigo aproxima o meu corpo do dele, sempre com um sorriso debochado no rosto, pega minha mão direita e coloca na parte superior das suas costas e a esquerda ele eleva junto com a sua.

— Agora siga os meus passos. Direita, direita, esquerda, esquerda...

Erro na primeira, piso no seu pé, quase acerto na segunda e só lá pela quarta vez é que começo a acertar. Com maior domínio dos meus pés e seguindo cada batida da canção, Maurício me puxa para mais perto e fico com meu corpo totalmente colado ao dele. Um arrepio perpassa cada pelo do meu corpo. *Que droga é essa?*

Ele me conduz com mais audácia, indo para frente e para trás, guiando-me como se eu fosse uma boneca.

— Meu Deus! Você dança muito — sussurro, quase sem ar pelos movimentos contínuos e rápidos.

Sinto seu peito tremer junto ao meu quando ele ri com vontade.

— A senhorita não conhece nem metade dos meus dotes... — seu sussurro pode ser inocente, mas a aproximação da sua boca na minha orelha causa um choque na minha pele exposta. Não é ruim, mas é diferente de tudo que já senti.

A mão grande espalmada em minhas costas vai me guiando. O contato fica cada vez mais íntimo. É o que sempre dizem do forró, que é uma dança de

pegada.

— *Porra*, eu adoro essa música! — meu amigo diz, de repente, quando começa a tocar *Anunciação*. E, pelo visto, a galera toda concorda, porque a pista enche ainda mais.

"Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento
E o Sol quarando nossas roupas no varal"

Sinto cada vez mais calor. Não sei... Vai além disso... É algo que não consigo identificar. Começo a suar pela velocidade e intensidade da dança. E quando chega o refrão, ele levanta minha perna direita na lateral do seu corpo e arregalo os olhos.

— Garoto, se você me deixar cair...

— Confie em mim, garota... — Sua voz é grave e irreconhecível. *Meu Deus. Eu não estou nada bem.*

E, então, ele começa a cantar, roçando sua boca na minha orelha:

— *Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais.*

Ele rebola, apalpando o final da minha coluna para que eu rebole junto com ele. A cada fricção sinto meu coração disparar. Os suspiros dele se evidenciam e se misturam com os meus, assim como o nosso suor. *Nojinho* passa longe neste momento.

O. Que. Está. Acontecendo?

Involuntariamente, agarro a frente da sua camisa cinza como se buscasse força, mas eu não sei para o que... Como se eu tivesse que saber que ele está o mais perto possível.

Ele me gira para longe do seu corpo e instantaneamente sinto falta da sua quentura. Quando me pega nos braços de novo, o impacto é ainda maior. De repente, sua boca rosada é a mais linda que já vi na minha vida, seus olhos, os mais azuis, seus cabelos, os mais sedosos, seu corpo... seu corpo, o mais incrível.

Maurício não está indiferente. Ele sente também. A forma como encara os meus lábios, meu rosto, o decote da minha blusa, parte por parte... Sua respiração se mistura à minha de uma forma tão... quente!

Para onde minha mente está me levando? Que loucura é essa? Ele é o meu melhor amigo. Por Deus!

Antes que eu perca o juízo e meu corpo me traia, paro de dançar.

— Preciso beber água. — Saio de perto dele, querendo correr, fugir.

Sigo em direção ao banheiro e fico parada por alguns minutos em frente ao espelho. Vejo meu rosto vermelho, suado, pegando fogo... e não apenas pelo calor. Algo aconteceu. Aquela dança foi mais que uma dança. Ainda consigo sentir cada parte do seu corpo... Fecho os olhos com força e balanço a cabeça.

Mas que droga!

O que eu senti dançando... Não é o que uma amiga deve sentir com um amigo. Não está certo. Eu ainda sou virgem, mas sei diferenciar uma coisa da outra. Eu... Eu não sei por que isso aconteceu. E como em um clique, abro os meus olhos e observo o reflexo do meu rosto apavorado.

Meu. Deus. Do. Céu! Será que estou apaixonada pelo meu melhor amigo?

O tanto que tentei ignorar meu coração batendo forte no peito quando ele me abraçava... As vezes em que eu o via com outras garotas e ficava enjoada... Eu me enganei tanto que acreditei na minha própria mentira. Maurício nunca será apenas um amigo para mim, mas não posso colocar tudo a perder. Preciso

continuar fingindo... Continuar com a nossa amizade é o mais importante.



Agora...

Estou aérea, perdida em lembranças, quando percebo que ainda não respondi à pergunta do meu ex-melhor amigo.

Depois daquele dia em que dancei forró pela primeira vez, não foi nada fácil silenciar meus sentimentos, mas consegui. Eu acho que, tanto ele quanto eu, percebemos que fomos longe demais e fingir ignorância foi melhor para os dois. Era como se ambos estivéssemos com medo do que poderia vir se comentássemos.

Eu não posso agir como se anos não tivessem passado. Ele acha que o fato de retornar para Angra fará com que tudo volte a ser como antes, mas está muito enganado.

— Maurício, não vai rolar...

E, ao dizer isto, eu começo a me afastar. Preciso fazer com que a ficha caia, o que ainda não aconteceu. *Ele vai voltar para Angra!*

— Paula, sério isso? Você não vai nos dar uma chance? Eu tenho tanta saudade da nossa amizade, que às vezes chego a me arrepender de ter saído daqui.

Por um momento, penso em abrir a guarda, mas logo me lembro de todas as vezes em que eu precisei dele e não o encontrei ao meu lado.

— Maurício, não é porque você está de volta que tudo vai ser como antes. Hoje foi apenas uma reaproximação. Temos muito o que conversar ainda.

— Você não quer ser minha amiga, não é? O que eu preciso fazer para você me perdoar, Paula? Nunca foi minha intenção me afastar de você, mas, infelizmente a vida tomou outros rumos.

— Olha, eu preciso encontrar o *amigo* que me trouxe e tentar aproveitar um pouco. Então, boa noite. — Posso ter sido criança ao frisar o *amigo,* como fiz, mas já dei atenção demais ao Maurício. Ainda não é o momento para falar de algo tão sério. Estamos em um show. Não é do jeito que ele quer.

Sem esperar resposta, volto para dentro do galpão. Não posso ignorar que meu coração está acelerado e parece contrariado por eu ter virado as costas para o cara que um dia foi meu grande amigo, mas não conseguiria ficar mais um minuto na presença dele. Eu sofri demais com a sua ausência e vê-lo mais lindo do que nunca, dizendo que está voltando para Angra, deixou-me descompensada. Eu preciso me distrair.

Avisto Matheus no balcão do bar e vou ao seu encontro.

— Oi! — grito e ele se vira, assustado.

— Mulher, onde você estava? Estou te procurando há uns bons minutos e nada.

— Estava lá fora.

— Fazendo o quê? Esse show está babado!

— Eu sei, mas você não vai acreditar no que aconteceu.

Rapidamente, a postura do meu amigo muda e o sensor fofoca é ligado.

— Então, pode contar tudinho.

— Maurício está aqui.

— Não! — ele retruca com os olhos arregalados e uma mão no peito. Dramático que só ele.

— Sim! E tem mais...

— Mais? *Puta merda*. Conta logo!

Ele bebe o drink de uma vez, sem tirar os olhos dos meus. Extrema atenção.

— Ele está voltando para Angra. Vai trabalhar no hospital.

Apesar da música rolando solta na pausa que o *Luan Santana* deu há alguns minutos, nós dois estamos em silêncio. Apenas nos encaramos, matutando o que esta notícia significa.

— Paulinha, meu amor, e como você está?

— Eu... Eu acho que estou bem. Ainda não consegui assimilar. E-ele me chamou para dançar, como nos velhos tempos, e eu neguei. Eu.. Eu...

— Ei, calma! Vem cá. — Matheus me abraça e eu o envolvo com meus braços, assustada demais, com medo demais. Faz muito tempo que não me sinto tão insegura. — Ele nem suspeita de que você estava apaixonada quando foi embora?

— Acho que não... Mas isso não importa agora, Matheus. Eu acabei de ver meu ex-melhor amigo depois de anos e a minha mágoa não me deixou nem chorar nem sentir saudade. Isso não é justo, sabe? *Porra*! Ele significou tanto para mim... Nossa amizade era única, Theus.

— Se acalma, Paula. — Ele pede para o *barman* trazer uma *caipi* para mim. — Você está em choque, emocionalmente abalada, eu entendo. Se quiser ir para casa...

— Não! — Saio dos seus braços e respiro fundo. — Não é sempre que tem um show como esse em Angra, Matheus. E se tem uma coisa que aprendi com isso tudo é que a vida é curta demais e a gente precisa aproveitar cada minuto. Eu só saio daqui quando *Luanzinho* sair daquele palco. Então, depois,

quando estiver em casa, eu desabo e choro o que preciso chorar.

— Mulher, eu te admiro tanto! Que orgulho de ver quem você se tornou! Aproveita sim, porque você nasceu para arrasar, querida! Depois, chora baldes, mas, agora, vamos arrastar uns bonitões nessa pista!

Eu começo a rir da sua fala e vejo, ao fundo, que *alguém* está me encarando. A testa franzida, os olhos azuis penetrantes, o corpo imenso e forte chamando a atenção de todas as mulheres que passam por ali. Suspiro e me forço a olhar para o outro lado.

— Meu Deus, Paulinha! Não me diga que aquele homem delicioso é o Maurício. Menina... Não pode ser! Ele andou tomando alguma coisa para ficar daquele jeito. Ele já era gatinho, mas agora... Não! Não é possível! Médico e gostoso assim... *Puta que pariu!* Acho que eu estou com um problema sério de saú...

— Quer parar, Matheus?

— Ok, ok. Parei! Ele vai abalar as estruturas de Angra dos Reis, minha querida... Ah, se vai!

— Bom, vamos dançar? — pergunto, batendo uma palma na outra, após beber meu drink.

— Só se for agora. Se você está ferrada? Ah, está bastante, minha amada amiga. Fábio “bola murcha” que se cuide!



— Paulinha, eu juro que eu não sabia que o Maurício estava voltando para Angra!

— Não sei por que não consigo acreditar em você, Amanda. Você é prima dele!

— Mas meus tios não têm comentado nada com os meus pais ultimamente! E nem eu tenho falado com o Mauricinho. Quando eu disse, aquela vez, que ele não tinha vida, não estava mentindo, Paula. Ontem que eu fiquei sabendo de tudo porque o encontrei saindo da casa dos meus tios para ir ao Curral.

Amanda termina de preparar o café e me serve uma xícara. Eu não consegui me controlar quando ela chegou à loja e resolvi tirar tudo a limpo.

— Mas me conta... você se resolveram? Diz que sim, Paulinha! Vocês eram tão lindos juntos. Uma amizade daquelas não pode ter acabado para sempre.

A não ser Matheus, ninguém sabe que um dia fui apaixonada pelo meu

melhor amigo. Na época, minha família e meus colegas não sabiam que, além de sofrer pela amizade perdida, eu sofri por um amor não correspondido. Como dizem: matei dois coelhos com uma cajadada só.

— Ainda não deu para conversar direito, Amanda. Ontem foi rápido, tinha o show rolando...

O fato é que, quando Matheus me deixou em casa, só deu tempo de abrir a porta do apartamento e começar a chorar. Meus joelhos dobraram e espalmei minhas mãos no chão, desolada. Chorei tudo o que precisava e que estava preso desde o momento em que vi Maurício. Imagens de quando éramos inseparáveis, sorrindo, brincando, brigando, não paravam de chegar à minha mente. Despejei, nas minhas lágrimas, toda a minha saudade e a vontade de abraçar apertado. Acordei hoje de manhã, no chão da sala, com o rosto inchado, porém aliviada. Eu precisava daquele momento.

Fábio começa a me ligar. *Droga! Não poderia ser numa hora pior?*

— Já volto — digo à minha funcionária.

— Tudo bem.

Vou para a porta da loja e atendo.

— Oi!

— *Paula. Bom dia! Tudo bem?*

— Tudo ótimo. E você?

— *Tudo bem. E como foi no Curral ontem? Fiquei sabendo que lotou.*

— Estava cheio mesmo. *Me* diverti bastante.

— *Hum... que bom. Alguma novidade?*

Merda de cidade pequena! Além disso, tem os amiguinhos dele da Polícia que são piores que aquelas vizinhas fofoqueiras. Aposto que já foram

bater com a língua nos dentes sobre minha noite.

— O que você quer saber de verdade, Fábio?

— *Nossa... Não precisa ser grossa!*

— Eu sei muito bem que te falaram alguma coisa. Então, seja direto!

A linha fica em silêncio por alguns segundos, e ouço sua respiração pesada, antes de falar:

— *Disseram que te viram com um cara lá. Que ficaram conversando por um tempo...*

Eu sabia!

— Disseram, é? Eu dancei com alguns caras, Fábio. — Eu não vou comentar sobre o Maurício com ele. Não preciso ficar me explicando.

— *Paula, não precisa ser assim, você sabe. Eu sei que você é uma mulher pra frente, que não se apaixona por ninguém, mas nós estamos juntos, não estamos?*

“Não se apaixona por ninguém...” Minha vontade é rir e dizer que não me apaixono por caras traidores como ele, mas deixo quieto. Não estou a fim de gastar meu tempo e nem energia.

— Fábio, nós estamos juntos, porém nos meus termos. Lembra-se do que você fez? Se não quiser que a gente pare de sair de vez, é melhor baixar a bola.

— *Porra, você me deixa louco, mulher! Eu queria não me preocupar tanto, mas o fato de você não ser nem um pouquinho minha me deixa doido!*

Sua sinceridade faz com que eu feche os olhos e respire fundo.

— Fábio, eu nunca serei sua. Você sabe bem disso...

— *Eu sei. Eu sei. Posso te ver mais tarde?*

— Pode ser. Saio às 20h hoje.

— *Tudo bem, passo no seu apartamento às 21h.*

— Ok. Até mais.

— *Até, Paula.*

O que eu fico abismada é com o fato do Fábio continuar alimentando esperanças com relação a mim. Ele é um cara lindo de 32 anos, tem 1,80m de altura, estrutura de um lutador de *Jiu Jitsu*, olhos e cabelos castanhos, com um cargo público, estável. Poderia ter a mulher que quisesse, mas insiste em comer minhas migalhas. Eu não fico feliz com isso, mas sua companhia sempre foi bem-vinda. Ele é inteligente, sabe conversar, *me* faz rir, além de ser ótimo na cama. Meu coração, contudo, parece não ver nada disso.

Volto para o interior da loja e Amanda me intercepta:

— Você e o Maurício não marcaram de conversar? E a festa da semana que vem? Chegaram a falar alguma coisa?

— Não, Amanda. Não deu para falar muita coisa. Não marcamos nada. Só sei que ele vai à festa.

— E você vai? — ela me pergunta, as sobrancelhas erguidas, aguardando minha resposta.

— Ainda não sei. Só vou definir depois do final de semana.

— Ah, entendi. Espero que você decida ir. Pode não achar, mas é um caso de sucesso também, Paulinha. Tem conquistado cada vez mais seu espaço na cidade. Não se diminua só por não ter conseguido estudar fora ou qualquer coisa do tipo.

— Obrigada, Amandinha. Vou pensar a respeito.



O dia da festa de 10 anos pós-colégio finalmente chegou, e passei a noite em claro pensando se eu iria ou não. Além de Amanda, Matheus também está me enchendo o saco querendo saber o que decidi.

Não vejo Maurício desde a noite no Curral. Achei estranho ele não se manifestar, mas vai saber se ele ficou chateado com o nosso papo ou se quis me dar um tempo para assimilar seu retorno. Quanto mais eu penso na probabilidade de reencontrá-lo, mais nervosa fico.

O pior é que se eu for a esse evento terei que levar o Fábio comigo, porque na última vez em que nos vimos, ele estava tão para baixo que ofereci a primeira coisa que me veio à cabeça. Agora, já não tenho tanta certeza se esta é uma boa ideia. *Que merda!*

Resolvo ligar para o Matheus. Ele pode me dar uma luz.

— Theus?

— *Bom dia, deusa. Tudo bem?*

— Tudo! Só estou com dúvida ainda...

— *Caraca, Paulinha. Ainda? A festa já é hoje à noite!*

— Eu sei!!! Mas não consigo definir o que fazer, Matheus. Ao mesmo tempo que não quero ir, quero ir só para ver o Maurício de novo. Eu quero voltar a ser sua amiga, sinto tanta falta dele, mas estou com medo dos meus sentimentos adormecidos acordarem. Estou com muita coisa na cabeça.

— *Paula, isso não é algo que dê para evitar. Se você quer voltar a ser amiga dele, siga o seu coração. Se eu fosse você, eu iria, conversaria, pelo menos seria uma tentativa e não ficaria apenas no "E se". A pior coisa é ficar*

se perguntando o que teria acontecido se tivesse ido e tal...

— Então eu vou! Eu vou, Matheus.

— Opa, isso aí! E já tem um vestido arrasador para ir?

— Tenho um que ainda não usei. Comprei em um dos pedidos que fiz para a loja.

— Ótimo! E o "bola murcha" vai com você? Me diz que não.

— Eu tinha falado que se fosse, ele poderia ir comigo. — *Se arrependimento matasse...*

— Puta que pariu, Paula. Você está mais para Madre Teresa de Calcutá, viu? Ficar fazendo caridade não vai te levar para o Céu não, mulher! Fora que aquelas mulheres que não têm o que fazer não vão perder a piada...

— Não é caridade, Matheus. Eu... Ok, foi caridade. Eu fiquei com pena por ele ter ficado chateado com minha ida ao Curral e ainda ter dançado horrores por lá. E não estou nem aí quanto às piranhas que podem fazer piadas.

— Bom, você já é uma mulher crescida. Só quero ver como você vai fazer para conversar com o Maurício tendo o Fábio no seu pé...

— Ah, mas aí vou ser bem direta, Theus. Ele vai ter que entender, oras.

— Vamos ver. Agora, vá se aprontar, pois quero ver a minha loira preferida muito bem-produzida, ouviu?

— Pode deixar, meu querido. Espere e verá!

Desligo e fico olhando para o teto do quarto. Ok. Eu vou ao encontro. Tento absorver o que isso implica na minha vida. Inspiro. Expiro. Levanto-me da cama e me olho no espelho. Vou ter um longo trabalho pela frente para arrumar essa cara que mais parece que foi atropelada por um bonde de duendes.



O interfone toca e eu caminho para atender. Fábio chegou e peço para esperar na portaria. Dou o último retoque na maquiagem e resolvo tirar uma foto do espelho. O vestido ficou lindo no meu corpo. Apesar de ter comprado há um tempinho, estava esperando o momento certo para usá-lo. Ele é vinho, justo e bate dois dedos acima dos meus joelhos. A peça tem uma abertura em cada lado da minha cintura, deixando um pedaço da minha pele exposta, prende no meu pescoço e um decote bonito valoriza os meus seios, que não são grandes. O que chama ainda mais atenção nele são os bordados de pedrarias localizados um pouco acima da cintura, na região do decote, e nas costas, junto ao zíper.

Meus cabelos descem em ondas bem-delineadas até a metade das costas, obra de muita paciência durante toda a tarde. Coloquei brincos combinando com o vestido, estilo gota imitando cristal, e uma sandália de salto prateada.

Chamo o elevador e, quando chego à recepção, Fábio, que estava sentado no sofá, levanta-se rapidamente, com as sobrancelhas levantadas e olhos surpresos.

— Uau! Você está linda, Paula!

— Obrigada, Fábio. Você também está muito bonito. — E é verdade. Ele está com uma camisa social branca, por dentro de uma calça social *slim* preta, e sapatos pretos lustrados. Três botões da sua camisa estão abertos, deixando à mostra a gargantilha de ouro que ele sempre usa e uma parte do seu peitoral musculoso.

— Obrigado! Vamos? — pergunta, estendendo a mão para mim.

— Vamos!

Como em toda cidade pequena, aqui há vantagens e desvantagens; neste caso, a vantagem é que da minha casa para o clube em que está acontecendo o evento são apenas dez minutos de carro. Ele fica próximo à Praia do Anil, no centro de Angra, e eu moro no Parque das Palmeiras.

Logo que chegamos, Fábio estaciona a *Hilux 4x4* — carros grandes estão na moda por aqui — e, antes que eu abra a porta, ele já está correndo para abrir para mim.

— Obrigada! — digo, abrindo um sorriso.

De mãos dadas, ele me ajuda a andar no chão de paralelepípedos e agradeço a Deus quando chegamos à entrada do salão onde o chão é liso, sem perigo para os meus saltos altíssimos.

Na entrada, uma moça pergunta meu nome e eu respondo, dizendo o do meu acompanhante em seguida.

— Podem entrar. Tenham uma ótima noite!

— Obrigada.

Eu pensei que tivesse chegado cedo demais, mas me enganei. O salão está cheio, e, na pista de dança, vejo algumas pessoas se mexendo ao som do DJ que está no palco. Já vim a casamentos aqui, lindos, mas a decoração de hoje está impecável. Há bolas metálicas de cores variadas pendendo do teto, algumas cadeiras brancas e pufes, um bar localizado na parte externa, em um deck que tem o mar como pano de fundo. Mesmo sendo noite, a vista é linda. O movimento de garçons para lá e para cá, servindo canapés e comidinhas, é constante.

— Legal, hein? Pensei que seria algo mais simples — Fábio comenta, analisando parte por parte do espaço.

— Pois é. O povo gosta de uma festa. Também não esperava algo tão...

grandioso.

Alguns rostos eu não vejo há exatos 10 anos, e cumprimento os antigos em reconhecimento, conforme vou caminhando com Fábio ao meu lado. Outros eu vejo quase sempre, e logo começam a cochichar como se não tivessem nada para fazer a não ser fofocar em plena festa. Olho para os lados mas não encontro Matheus e decido me acomodar em uma das cadeiras com mesas altas.

— Quer beber alguma coisa? — Fábio pergunta.

— Acho que vou esperar os garçons servirem.

— Deixa que eu pego *pra* você no bar, assim evita enfiar esses lindos saltos nas aberturas do deck. — Nós dois rimos. — Quem sabe eles não têm sua *caipiroska* preferida?

— Duvido que tenham lichia. Seria bom demais para ser verdade. Se realmente não tiver, pode ser uma outra nem tão cítrica, nem tão doce.

— Exigente, como sempre — ele fala, rindo. — Espere aqui que já volto.

Pego meu celular e vejo se há alguma mensagem do Matheus. Nada. Ele tem um estacionamento perto do cais que fica no centro da cidade, pertinho daqui, e o movimento é constante. As pessoas deixam seus carros lá para pegarem barcos rumo às ilhas. Theus passa suas tardes no escritório, mas hoje disse que sairia cedo para não se atrasar. *Onde esse cara está?*

Assim que levanto minha cabeça, preciso piscar várias vezes para confirmar se o que estou vendo está acontecendo de verdade. Sentada de frente para a entrada, eu tenho uma visão privilegiada de quem entra e quem sai.

Minha respiração fica acelerada repentinamente e a necessidade de ter qualquer coisa para molhar minha boca é quase urgente.

Cadê o Fábio com a minha bebida, caralho?

Fico em pé, de costas para quem está chegando, querendo fugir para qualquer lugar. Olho de esguelha para ver se já passaram, mas... *Puta. Que. Pariu! Vou matar meu amigo!*

— Paulinha, minha deusa, você está espetacular! — Matheus já chega fazendo estardalhaço.

— Obrigada, Theus! — respondo, e ele me dá um abraço e um beijo no rosto.

Ouço um sussurro:

— Não fique brava comigo.

Não entendo muito bem o motivo, até ele começar a falar:

— Olha quem chegou comigo! Ela não está linda, Maurício?

Faço uma cara feia para o Matheus e vou girando meus tornozelos devagar até ficar de frente para o homem mais lindo que já vi em toda minha vida... E, ao seu lado, uma mulher deslumbrante, que poderia ser capa da revista Vogue.

— Ela sempre foi linda, mas hoje está incrivelmente maravilhosa, Matheus.

Ah, meu Deus!

Tento sorrir, o nervoso fazendo com que eu fique uma careta bizarra sem querer, e digo:

— Ei... Olá, Maurício.

Ele está o pecado em forma de homem. Os cabelos castanhos despenteados propositalmente, uma camisa preta de botões por baixo do blazer igualmente preto, moldado perfeitamente em seu corpo imponente, os olhos azuis mais claros do que nunca, a boca rosada. *Lindo pra porra!*

— Olá, Paula... — Ele me olha profundamente, disfarçando ao analisar, por alguns segundos, meu corpo dos pés à cabeça, antes de dar dois beijos no meu rosto. *Impressão minha ou ele demorou mais tempo que o normal em cada bochecha? Eu só posso estar ficando louca.*

Maurício parece se lembrar de algo e emenda:

— Dani, esta é a Paula, minha melhor amiga na época do colégio. Paula, esta é Danielle... Minha namorada.



De repente, tudo está em câmera lenta e só fico imaginando que a trilha sonora desta cena é *Madness*, da *Ruelle*.

Minha namorada.

Minha namorada.

Minha namorada.

Minha namorada.

Sua voz ecoa em todos os cantos do meu cérebro. Tempo para a amiga não tinha, mas para arranjar uma namorada... Ah, para isso ele deu um jeito. Um idiota mesmo. Sinto uma raiva tão grande, uma dor tão imensa...

— Paulinha... — Ouço a voz do Matheus ficando mais perto até que eu o enxergo. Ele sinaliza que estou sem falar nada por alguns segundos e volto à realidade. Deixo minhas costas eretas e levanto a cabeça, abrindo o maior sorriso do meu estoque de encenação.

— Prazer, Danielle!

Ela é muito bonita. Cabelos escuros na altura do pescoço longo, olhos castanhos, rosto anguloso, corpo magro e esguio em um vestido longo florido e justo. Uma modelo sem tirar nem pôr.

— É um prazer, Paula. — Após nos cumprimentarmos, percebo que Danielle tem o sorriso tão lindo e sincero que, por um momento, eu acho que ela não é real.

— Linda, desculpa a demora, mas foram buscar a... — Fábio chega ao meu lado com uma *caipi* de lichia e para de falar quando percebe que entrou no meio da nossa conversa. — Desculpa, gente! Eu não quis atrapalhar.

— Que é isso, Fábio. Obrigada! Pelo menos conseguiu a minha bebida favorita — agradeço, abrindo um sorriso gigante, talvez exagerado demais, e olho de soslaio para Maurício. Seu semblante está indecifrável.

— Fábio, este é Maurício, meu melhor amigo da época do colégio, e esta é Danielle, sua namorada. — Eles começam a se cumprimentar e complemento: — Maurício, Danielle, este é Fábio, meu namorado.

Matheus assente, debochado, o que só eu percebo por conhecê-lo como ninguém. Ele sabe que odeio rotular o Fábio como namorado, mas entende que a situação está pedindo. Estou usando as armas que tenho para não sair correndo e chorar até me acabar.

Meu acompanhante deve ter estranhado como eu o apresentei, já que evito chamá-lo de namorado ou impor algum título ao que temos. Já Maurício não para de me olhar e começo a ficar incomodada. Ele tem namorada. Eu tenho namorado. Dois amigos que não sabem mais nada da vida um do outro. *Que grande merda!*

— Muito prazer, Fábio. — A voz de Maurício soa alta e firme quando ele estende sua mão e o cumprimenta.

— Paula, agora, pelo menos eu tenho um rosto para associar toda vez que

o Maurício falar sobre a amiga do colégio — Danielle comenta, divertida.

— É mesmo? — pergunto, franzindo a testa e olhando para o meu ex-melhor amigo, que voltou a me encarar intensamente. *O que eu não daria para saber o que está se passando na cabeça dele.* — Maurício e eu éramos inseparáveis. Uma pena que nos distanciamos — comento, olhando diretamente em seus olhos.

— Mas sempre há tempo para uma reaproximação, não é mesmo? Ainda mais agora que ele está voltando para Angra.

Fábio não deve estar entendendo nada. Eu nunca falei do Maurício para ele, até porque não tinha nada para falar, mas sua expressão surpresa é visível.

— É verdade, não é? — digo.

Sou a mais fingida de todas. Poderia ganhar o Oscar com toda certeza. Mudo de assunto:

— E você, Danielle? Mora no Rio? Como se conheceram?

— Moro sim. Eu e Maurício nos conhecemos há quatro anos na faculdade. Eu estava no quarto ano e ele se formando.

— Ah, médica também!

— Sim.

— Muito melhor assim, não é? Os dois na mesma área, compartilhando, ensinando...

— Sim, Paula. Confesso que se o Maurício não fosse médico, ele não entenderia a minha rotina maluca de estudos, trabalho. Estando na mesma área, é muito melhor mesmo. — Ela olha o namorado de maneira tão apaixonada, que preciso respirar fundo para permanecer indiferente.

— E como farão agora com a distância? — pergunto, realmente

interessada em sua resposta.

— Ah, estamos resolvendo. Como eu estou no começo da minha residência, não tem como eu pensar em sair do Rio agora, mas vamos fazer o possível para nos vermos nas folgas, férias... Afinal, acho que quem quer, faz dar certo, não é?

É impossível não olhar para o seu namorado e sorrir.

— É verdade. Quem quer, faz dar certo, Danielle. Falou tudo! Adorei te conhecer.

— Eu também, Paula. E você pretende ficar em Angra mesmo?

— Por hora, sim. Eu me formei em Administração, tenho uma loja de roupas no shopping e estou me organizando para começar a faculdade de Moda.

— Sério? Que demais! Isso é maravilhoso. Eu queria fazer Moda quando era adolescente, mas meus pais logo cortaram minhas asas. Acho que toda garota pensa em fazer Moda um dia.

— Verdade. A diferença é que a minha vontade nunca passou, então, estou vendo o momento certo para ir atrás desse sonho.

— Nossa, espero que realmente consiga. Você tem todo o jeito de ser uma mulher determinada. Vai tirar de letra!

— Eu sou sim. Isso você pode ter certeza.

— Verdade, Paula é uma mulher admirável e um exemplo de sucesso aqui em Angra — Fábio completa e eu sorrio para ele.

— Ah, que é isso! Apenas corri atrás e o resto a vida se encarregou de trazer.

— Minha deusa, nem vem com modéstia que você é arrasadora, ok? — Até estranho Matheus entrar na conversa, porque ele estava apenas observando

tudo com atenção.

— E você, Fábio? Trabalha em quê? — Maurício pergunta.

— Sou policial civil.

— *Caralho*, deve estar sendo tenso trabalhar por aqui sendo policial, não? Tenho visto na TV que é recorrente acontecer troca de tiros com policiais... bandidos se refugiando nos morros. — O interesse de Maurício é genuíno.

— Olha, não tem sido fácil, mas a gente vem contando com ajuda de outros órgãos, porque senão seria ainda mais complicado. Angra já não é a mesma de alguns anos atrás.

— Estou sabendo e fico penalizado por isso. Espero ajudar de alguma forma quando começar a trabalhar por aqui.

— Bom, já basta de preocupações no dia a dia, não é? Vamos curtir esta festa que está incrível! — chamo a atenção e todos concordam.

— Ai, mulher, graças a Deus você deu um basta nesse assunto nada a ver. Eu hein, só me faltava essa! — Matheus sussurra assim que começamos a caminhar em direção à pista.

— Não é? — sussurro de volta.

— E aí? Como você está? Olha, loira, vou falar que nunca imaginei que a senhora pudesse interpretar tão bem. Fiquei chocado!

— Aprendeu com a titia aqui?

— Mas sério, como você está?

Nossas vozes não passam de sussurros e fico aliviada por Fábio e Maurício terem engatado uma conversa enquanto Danielle foi ao banheiro.

— Eu acho que estou anestesiada, Theus. É muita informação ao mesmo tempo. O retorno dele, o namoro... *Porra!* Eu senti como se tivesse levado um

soco na cara!

— Eu imagino, mulher. Quando olhei para você, pensei que teria um piripaque, mas ainda bem que foi só o choque inicial e você encarnou logo a indiferente. Foi lindo!

— Vamos dançar, Paula? — Fábio chega ao meu lado e pergunta. Involuntariamente, olho para Maurício e ele está sorrindo de lado, acenando a cabeça, enquanto começa a dançar com sua namorada.

Namorada. Que merda...

— Vamos! — respondo.

Como não poderia ser diferente, o repertório envolve músicas antigas, internacionais e nacionais, um perfeito *flashback*. Neste momento estamos dançando ao som de *Speed of Sound*, do *Coldplay*, banda que adoro.

Algumas ex-colegas de classe acenam para mim, enquanto dançam com seus parceiros, e eu retribuo o gesto. Reconheço Rafaela, Bianca, Ramone, Jacqueline... Acho que a outra é a Raquel. Elas estão diferentes, mas nada que seja difícil de reconhecer. Faz muito tempo que eu não as vejo, acho que desde quando se mudaram para fazerem faculdade. A Mayara, Andrea, Andréia e Anne eu encontro quase sempre.

Minha mente me leva para 13 anos atrás. Para quando eu e Maurício tínhamos 14 anos, quando tudo era simples e tranquilo, quando ele cismou que estava apaixonado pela Bianca. Ele vivia falando dela, entregava bilhetes anônimos e eu ajudava a escrevê-los, mas quando um certo dia ela disse que não queria namorar com ele, meu amigo ficou muito triste e comemos uma porção de batata frita tamanho gigante com muito cheddar e bacon que a *tia* Marta, mãe dele, fez para aplacar sua tristeza.

Sorrio com a lembrança e olho para ele agora, dançando com a garota com quem escolheu estar, maduro, lindo, formado, adulto. Parecendo perceber

que alguém o observa, ele encontra o meu olhar. Saudoso, nostálgico e triste.

Trato de me recompor quando *Viva La Vida*, do *Coldplay* também começa a tocar, animando a galera toda. Agradeço por Fábio apenas dançar na minha frente e não puxar conversa. Não estou com vontade de fingir agora.

— Vou pegar mais uma bebida — aviso, já me afastando, e ele toca o meu braço.

— Está tudo bem? Eu posso pegar *pra* você.

— Está tudo bem sim. Não precisa, eu pego. — E saio rumo ao bar.

Peço mais uma *caipi* de lichia e o *barman* começa a prepará-la. Balanço meu corpo ao som da música e canto baixinho até que ela acaba. Todos esperam a próxima canção, e tomo um susto quando ouço a guitarra peculiar.

Só pode ser brincadeira! Como o DJ pode mudar de um estilo para outro dessa maneira? É claro que eu a escutei várias vezes durante esses anos, mas ouvi-la, no mesmo ambiente em que *ele* está, já é demais.

Meu drink fica pronto e sorvo um longo gole.

— Dança comigo?

Quase engasgo quando escuto a voz grave e decidida atrás de mim. Olho para a pista, à procura da namorada dele e do Fábio, mas sou surpreendida quando vejo os dois dançando juntos.

— Eu já cuidei de tudo. Não precisa se preocupar — diz, prevendo meus pensamentos. — Vamos antes que a música acabe.

Sem muito pensar, bebo o restante da *caipiroska* e pego a mão que ele estende. Como ela é grande! Quase cobre a minha inteira. Ele está todo grande, imenso... Maurício me conduz até o centro da pista e começamos a dançar junto à voz de *Alceu Valença*.

Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais

Impossível não recordar a voz dele cantando este refrão no meu ouvido anos atrás. Tanta coisa mudou. Hoje eu sou uma mulher, ele um homem. Ele continua dançando bem e eu não fico atrás. Tive tempo para praticar e ele não estava comigo para presenciar o meu desempenho. Maurício não sabe que quase todas as quintas eu saio para *forrozear.* Ele não me conhece mais. Nossa amizade se tornou apenas mais uma amizade dentre tantas que passam sem significância alguma pela nossa vida, e isso acaba comigo.

Sou girada e tomo cuidado para não tropeçar. Fica difícil dançar forró de verdade usando esses saltos altíssimos.

— Espere aí — peço e tiro minhas sandálias, jogando-as atrás de uma pilastra. — Bem melhor.

Ele abre um sorriso enorme e me puxa de volta para os seus braços.

— Agora senti firmeza! — diz.

Fico igual uma miniatura ao seu lado, pela diferença de tamanho, mas estou à vontade agora e é isso que importa. Voltamos a colar nossos corpos em um perfeito xote, indo para frente e para trás, minha perna se erguendo no meio das pernas dele, a sua se erguendo no meio da minhas, nossas testas coladas uma na outra. Este é o famoso forró tradicional, sem muitos passos e com mais aproximação.

Mais rápido do que eu gostaria, a música termina. A turma toda bate palmas e só agora tomo ciência de que fizemos um espetáculo. Tanto ele quanto eu estamos ofegantes e, pela primeira vez, depois de muito tempo, eu me sinto como se fôssemos melhores amigos novamente. Compartilhamos um sorriso e

um abraço.

— Você está dançando *pra caralho*, Paulinha! — sussurra.

— Obrigada! E você não perdeu o gingado. — Seus olhos brilham muito, talvez de orgulho, não sei, e eu não consigo parar de sorrir.

— Você arrasou, lindão!

Danielle avança, abraçando Maurício pelo pescoço e Fábio enlaça minha cintura, antes de dizer:

— Paula, não tinha ideia de que você dançava tanto. Está escondendo o jogo, é?

— Faço aula há alguns anos e costumo praticar só nas noites de forró do armazém que você não frequenta.

— Acho que vou começar a mudar de ideia... — ele brinca.

Antes que eu responda, Maurício chega no meu ouvido e diz:

— Você não tem noção do quanto senti a sua falta, Paula. E, se depender de mim, não vou mais ficar longe de você. Eu nunca deixei de ser o *seu* melhor amigo, assim como você nunca deixou de ser a *minha* melhor amiga.

A emoção tenta se desfazer pelos meus olhos, mas estou me segurando. Eu o encaro, tocada pelas suas palavras e o abraço com força. Eu não sabia que precisava tanto ouvir essas palavras. Até que não consigo mais me segurar. As lágrimas descem sem parar e sei que ficarei uma bagunça, mas não estou nem aí. A única coisa que importa neste momento está entre os meus braços, dando o melhor abraço que eu poderia receber. O meu melhor amigo.



Quando me afasto do seu abraço, vejo que ele está com os olhos marejados. Começamos a rir, como a gente ria das pessoas que choravam à toa, quando éramos crianças, e nunca entendíamos.

— Que coisa linda vocês dois! — Danielle comenta, enganchando o braço no de Maurício, e tanto eu quanto ele saímos da nossa bolha. Como se só agora percebêssemos que não estamos sozinhos.

Fábio enlaça minha cintura, aproveitando minha distração, e Maurício, por fim, diz:

— Depois a gente conversa melhor, Paula. Agora vou dar atenção para a dona Dani aqui, porque ela vai voltar para o Rio amanhã de manhã.

— Ah, claro! Aproveitem — eu falo, fingindo que não estou decepcionada por me separar dele tão cedo.

É claro que ele precisa dar atenção à namorada. *Ela* é a garota dele. Olhando para mim, a mulher fala:

— Vamos marcar alguma coisa na próxima vez em que eu estiver em

Angra.

— Vamos sim — respondo no automático.

— *Se* cuida, Fábio. A gente se vê por aí — Maurício se despede.

— Com certeza! Se precisar de alguma coisa, estou por aqui — meu parceiro responde.

Maurício abre um sorriso sem jeito para mim antes de se afastar e eu faço o mesmo. Quando me viro, Fábio está me olhando de uma maneira estranha.

— O que foi? — pergunto.

Ele balança a cabeça e responde:

— Nada, é que... Nunca te vi chorar e não sabia nada sobre o Maurício. É como se eu não te conhecesse de verdade.

— Fábio, você conhece uma parte de mim. A parte que eu permiti que conhecesse. Esta outra, que você viu há pouco, era reservada ao cara que foi meu melhor amigo por anos e que eu achava que estava perdida junto com o tempo que passei sem *vê-lo*.

— Sim, e não estou te recriminando, entenda bem. Pelo contrário. Eu gostei de ver que existe uma mulher sensível dentro de você, além da durona com o coração blindado com que estou acostumado.

Sinto o impacto de suas palavras e não consigo responder antes de ver duas ex-colegas de classe se aproximando.

— Vou ao banheiro — ele diz, na clara intenção de pegar um ar ou algo parecido.

Uma das pessoas mais fofoqueiras que conheço desde o colégio puxa assunto:

— Paula, nem parece que você e Maurício não se viam há tantos anos...

Voltaram com a velha amizade? E o Fábio? Continua pulando a cerca?

Se fosse qualquer outra pessoa falando, eu até me daria o trabalho de dar uma “boa” resposta, mas sendo a tão conhecida “Deb, língua de cobra”, nem me estresso. Ela mora em Angra, mas, diferente de mim, não faz nada da vida. Vive às custas dos pais. A amiga que está ao seu lado logo fala:

— Não liga para a Deb, não, Paula. Vocês dançaram muito bem. Fico feliz que tenham se entendido depois de tanto tempo. Uma amizade verdadeira não acaba nunca. — Não sei como ela consegue ficar na companhia de uma pessoa tão tóxica. A diferença entre elas é gritante.

— Obrigada, Anne. Eu e o Maurício estamos nos reaproximando. Ainda precisamos conversar bastante, mas estamos no caminho.

— Que bom. Vocês merecem. Fiquei sabendo que ele está voltando para Angra.

— Sim, também fiquei sabendo — falo sem dar muitos detalhes. Então, a outra se intromete:

— Já tem uma fila de mulheres esperando para ser atendida naquele hospital. Eu serei a primeira. — Reviro os olhos e me lembro do comentário do Matheus. Pelo jeito a notícia já está correndo.

— Você já viu a namorada dele? Não acredito que nenhuma mulher desta cidade seja páreo para ela — resolvo responder, tentando me manter sob controle.

— Ah, mas eles vão namorar à distância, *Paulinha*. — O jeito que ela diz meu nome é com puro desdém. Nunca entendi qual é o motivo dela ser tão amarga comigo. — Distância dá carência. E, quando ele precisar, eu estarei lá para *dar*... carinho.

Ela me dá nojo. Deb é a típica garota que acha que o mundo só gira ao

seu redor. Meu sangue ferve e preciso contar até dez para não responder como gostaria. A criatura ergue sua boca vermelha em um sorriso debochado e puxa Anne, que acena para mim se despedindo.

Incrível como algumas coisas nunca mudam.



Estou uma pilha de nervos. Mãos suando, frio na barriga, um misto de sensações. Expectativa é uma *merda*! Desde que o Maurício pediu para que eu o ajudasse com a mudança, não paro de pensar nisso. Ele foi para o Rio dois dias depois da festa de reencontro e está lá até hoje, quase duas semanas depois, resolvendo algumas pendências antes de se mudar de vez.

Alguns dias atrás, ele mandou recado pela Amanda, dizendo que precisava falar comigo. Como ele não tinha meu celular, eu peguei o número dele com ela e liguei, foi então que ele pediu minha ajuda com a sua mudança, dizendo que ia morar no mesmo prédio em que moro. Quase não acreditei! Lembro-me da conversa como se fosse hoje:

— *Você não vai acreditar, Paula. Adivinha onde o corretor encontrou um apartamento do jeito que eu estava querendo?*

— *Não tenho nem ideia, Maurício. Onde?* — Eu ainda não estava 100% à vontade com ele, então, a conversa ainda não fluía como antes. Era como se eu estivesse muito arredia e mecânica, porém estava contando que tudo vai se ajeitar.

— *No seu prédio!* — ele quase gritou e pude ouvir sua gargalhada no outro lado.

Naquele momento, fiquei atônita e incrivelmente feliz com a novidade. É como se voltássemos para a época em que morávamos no mesmo condomínio.

— *Que demais, Maurício. Você vai gostar bastante daqui. Por ficar ao lado do shopping, é uma mão na roda. Também é meio caminho do centro da cidade e da casa da sua mãe, além de ser pertinho da Rodovia que segue para o Hospital.*

— Sim, perfeito, Paula. Eu nem acredito. Só queria compartilhar isso com você e aproveitar para abusar um pouco da nossa recém-antiga-amizade... — Eu ri do termo e ele também. — *Será que você poderia me ajudar com a mudança?*

Sabe quando algo é tão natural que você nem percebe que as palavras estão saindo da sua boca? Foi o que aconteceu quando eu disse que poderia ajudá-lo sem problemas. Eu não pensei no que rolou no passado, só senti que era a coisa mais certa do mundo e que eu queria aquela amizade de novo, mais que tudo.

Fico pensando que, se eu não tivesse sido tão cabeça dura, as coisas poderiam ser diferentes hoje. Se eu não tivesse excluído o Maurício da minha vida, se eu não tivesse pedido para ninguém me falar sobre ele... O quão imatura eu fui? Hoje, aos 27 anos, vejo que eu poderia ter evitado grande parte do nosso desentendimento.

Talvez, se fosse mais compreensiva, menos possessiva... São tantos "se's" que tem hora que penso que vou entrar em pane, contudo preciso viver o agora. O que aconteceu, aconteceu, e não volta mais. A vida está me dando a oportunidade de consertar as coisas, de fazer com que a nossa amizade, aquela que cultivamos dos 7 anos aos 17, volte mais forte que nunca.

Estou em seu novo apartamento, ainda vazio, aguardando o caminhão chegar com suas coisas. Ele está vindo do Rio, porém vai demorar um pouco mais porque vem direto do hospital em que estava trabalhando. A namorada só vem na próxima semana, quando tem folga.

Ouço uma buzina alta na entrada do prédio e, pela janela, confirmo que a mudança chegou. Simultaneamente, meu telefone começa a tocar.

— Alô!

— Minha deusa, onde você está? Estou na porta do seu apartamento e já

estou cansado de tanto apertar a campainha.

— Como o Sr. Marcos deixou você entrar?

— *Queridinha, esqueceu que eu sou quase seu irmão? Ele não é doido de não me deixar entrar. Fala logo onde você está.*

— Estou no 306.

— *E posso saber o que está fazendo no apartamento do seu amado amigo? Vai me dizer que está rolando um sexo quente?*

— Matheus! Para com isso, caraca. Sobe logo, idiota.

— *Estou subindo. Intimidade é uma merda!*

— Digo o mesmo — respondo.

Assim que desligo o celular, o interfone toca e o porteiro avisa que o pessoal da mudança está subindo. *Caramba, tudo ao mesmo tempo!*

Ouço uma batida na porta e já sei que é meu amigo abusado.

— Quer dizer que já está se apossando da casa do amiguinho... — É a primeira coisa que ele fala ao entrar, em seguida, começa a andar pelos cômodos como se fosse o dono do lugar.

— Theus, tem horas que você é bem-atrevido, querido! Estou apenas fazendo um favor para o Maurício. Ele não ia conseguir chegar no horário, os pais estão viajando e me pediu para receber as coisas.

— Ah, que bonitinho. Os dois amigos já estão pedindo favores. Quando vão começar a ver filmes juntos?

— Eu acho que tem alguém com ciúmes por aqui — digo e estreito os olhos para o seu rosto, que tem uma expressão indecifrável, porém ele não consegue me enganar.

— Ciúmes? Não conheço esta palavra. — Ele empina o nariz e vai até a ampla varanda que tem vista para o mar. — Até que aqui é bonitinho, mas prefiro o seu.

— É a mesma coisa, Matheus. Para de implicar!

A campainha toca e abro a porta para os funcionários da empresa, que já chegam trazendo um sofá grande de couro preto.

— Boa tarde, somos da mudança — um rapaz anuncia.

— Claro, podem entrar.

Eu e meu amigo somos obrigados a ficar na varanda, porque a movimentação é intensa. Aproveitamos o entardecer e admiramos o pôr do sol.

— Sério, Matheus. Você não precisa se preocupar. Eu nunca vou deixar de ser sua amiga, ouviu? É que agora eu preciso fazer as coisas darem certo com o Maurício. Eu sinto falta dele. Demais. E saber que ele está tão perto me faz pensar que estamos recebendo uma segunda chance.

Ele suspira e fecha os olhos. É difícil vê-lo para baixo, eu o entendo e não recrimino. Se fosse comigo, eu estaria da mesma forma.

— Eu só não quero que você me deixe para trás, Paula. — Eu me viro para ele e pego seu rosto.

— Ei! Nunca vou te deixar para trás, seu doido. Você esteve comigo nos piores momentos da minha vida e vai continuar nela até quando Deus quiser.

— Então, estamos combinados. Eu só quero que você seja feliz, loira — diz, finalmente abrindo um sorriso. — Tenha cuidado! Não confunda as coisas, não deixe que o seu coração te engane, tudo bem?

Assinto. Ele tem razão. O risco é grande demais, contudo é um risco inevitável.

— Bom, eu só passei aqui porque queria ver se você topava ir ao cinema, mas já vi que não vai rolar.

— Ah, hoje não vai dar mesmo, Theus. Daqui quero ver se consigo ir à academia. Vamos amanhã, que já saio cedo da loja, e de lá nos encontramos no cinema.

— Tudo bem. Vou ver o horário certinho e te passo. Boa sorte... com tudo isso. — Ele aponta para a bagunça que toma conta do apartamento.

— Que nada! Quem vai arrumar é o Maurício.

— Paulinha, eu te conheço, querida. Você vai ajudá-lo, pois o seu coração é gigante e faz parte da sua essência.

E sem falar mais nada, ele vai embora.



Estou sentada no sofá preto, admirando como o trabalho dos entregadores é minucioso e bem-feito. Eu não preciso fazer nada, e pelo visto, nem o Maurício vai precisar. Quando me mudar, quero contratar uma empresa como esta. Além de terem subido com todos os pertences do meu amigo, eles agora estão arrumando tudo em seus respectivos lugares. Ou seja, zero trabalho para quem contrata seus serviços, que não deve ser nada barato, porém acho que compensa.

Estou tão concentrada que nem percebo quando um homem alto, com um conjunto de blusa e calça azul claro, entra no meu campo de visão.

— Oi! — ele cumprimenta, abrindo um sorriso enorme. Levanto-me rapidamente, sem graça de uma hora para a outra, e respondo:

— Oi!

A gente fica se olhando, sem saber qual passo dar, até que decidimos nos abraçar. Seu corpo cobre o meu e... Nossa! Como eu senti sua falta! Seus braços são tão grandes e eu tão pequena, mas o encaixe é perfeito.

— Muito obrigado por acompanhar tudo, Paula. Nem sei como agradecer. E aí? Como estão as coisas? Deu tudo certo? — pergunta, afastando-se para observar ao redor.

Caminhamos até a varanda e a escuridão já alcançou o céu, a não ser pela luz da lua sobre o mar. A noite está linda!

— Tudo certo. Eles são muito cuidadosos. Estou perplexa até.

— Ah, eu tive ótimas recomendações desta empresa. Para quem não tem tempo, é a melhor opção.

— Com certeza. E estou vendo que alguém não conseguiu nem se trocar — comento, referindo-me ao uniforme que ele está usando. E ainda assim consegue ser o cara mais lindo e sexy que já vi.

— Nem fala. Foi um porre resolver tudo lá no Hospital em que eu estava trabalhando. Saí correndo, porque eu não queria deixar tudo na sua mão.

— Foi tranquilo, Maurício. De verdade. Deixei Amanda na loja, então, não tem com o que se preocupar.

— Muito obrigado, Paula. — Ele analisa minha roupa e pergunta: — Vai malhar ou já foi?

— Vou. Na academia do prédio mesmo.

— Eu me esqueci desse detalhe. Vai ser bom demais, pois é o que alivia o meu stress depois dos plantões. Se eu não estivesse tão morto, iria te fazer companhia.

— Vai descansar! Qualquer coisa, sabe onde me encontrar.

— Eu ainda não consigo acreditar que estamos tão perto, Paula. — Ele apoia suas mãos nos meus ombros e eu sorrio. — Depois de anos... *Caralho, que porra louca*!

Caímos na risada e falo em seguida:

— Agora que a ficha está caindo. Você sabe que eu não acredito em acasos, não é? Para mim, o fato de convivermos juntos novamente é como uma segunda chance. Eu sei que eu errei, que tenho muito para me desculpar, mas quero fazer as coisas darem certo entre a gente. Não passei um dia sem sentir a sua falta, Maurício.

Ele pega o meu rosto com as mãos gigantes e seu polegar desliza pelas minhas bochechas.

— Garota, nós dois erramos *pra caralho*, foi *foda* ficar sem a minha melhor amiga enquanto eu me tornava um adulto, sem poder compartilhar as minhas conquistas, assim como eu não acompanhei as suas, e é isso que me mata, entende? Mas estou nessa contigo. Vamos fazer valer essa segunda chance, Paulinha. — Ouvir sua voz pronunciando o apelido que ele tanto usava é como música para os meus ouvidos. Que saudade! — Eu já disse e vou repetir: você não vai se ver livre de mim...

Tento fazer meu coração desacelerar, mas é difícil demais estando tão perto. É a minha vez de pegar seu rosto tão lindo e perfeito entre minhas mãos — a familiaridade retornando aos poucos — e dizer, emocionada:

— Por muito tempo eu fui amargurada com a vida, com o meu destino... — Dou uma fungada, e o seu polegar seca as lágrimas que deslizam sem controle. — Mas ter você aqui de novo me faz acreditar que nem tudo está perdido e me dá a certeza de que eu nunca deixei de ser sua... — seus olhos brilham e, então, completo meu pensamento — ... sua melhor amiga.

Quase cometi um deslize grandioso, mas me recompus rapidamente. Eu preciso focar. Preciso fazer com que os meus sentimentos não se confundam... *Meu Deus, como é difícil!* Tudo o que demorei tanto para esconder, enterrar, está aflorando sem qualquer esforço. Só por ele estar aqui, comigo, tão aberto, tão acessível.

Ele morde o lábio inferior e abre um sorriso de lado. Seu rosto se aproxima do meu e eu deixo de respirar por um instante. Nossos narizes se tocam por alguns segundos, ambos segurando o rosto um do outro. Um gesto tão íntimo, que poderia muito bem me confundir, mas eu sei que não passa de uma demonstração de carinho forte e saudosa. Então, meu amigo deposita um beijo na minha bochecha.

— Eu também nunca deixei de ser seu... — sussurra, e os olhos azuis, vidrados, voltam a me encarar, antes de completar — ... seu melhor amigo.



Dormir foi quase impossível. A excitação e a ansiedade por saber que meu melhor amigo está a um andar de distância me deixaram bastante alerta. O toque de suas mãos em meu rosto está gravado na minha memória e *flashs* e mais *flashs* não param de chegar. Suas palavras, seu sorriso, seu carinho... Eu não consigo parar de pensar em tudo o que está acontecendo e em como a vida gosta de brincar com a gente.

Em um momento estamos na merda, perdidos, e em outro estamos aproveitando uma segunda chance inesperada, esperançosos.

Maurício sempre foi muito carinhoso comigo, mas não sei se é pelo tempo que passamos separados, agora tudo é mais intenso, emocionante. Ele começa a trabalhar daqui a dois dias e hoje quis tirar o dia para comprar alguns pratos, talheres, copos e quadros para decoração.

— Paula, eu não quero mudar a sua rotina, porém confesso que não conheço mais nada por aqui — diz enquanto sirvo um copo de suco de laranja.

— Para com isso, Maurício. Não tem problema nenhum em te ajudar

com isso. — Aproveito e envio uma mensagem para a Amanda, dizendo que não irei para a loja. Ela deve estar morrendo de curiosidade para saber o que está acontecendo, mas depois conto tudo.

Como o meu “novo” amigo não teve tempo de fazer compras, eu o convidei para tomar café da manhã no meu apartamento. Ele adorou a decoração *clean* e intimista que fiz. Principalmente a parte onde coloquei um futon confortável no lugar de um sofá comum e uma luminária de piso em inox. O espaço perfeito para ver um filme, ler ou simplesmente conversar.

— Eu fiquei muito interessado nesse negócio, Paula — ele deita no futon e o móvel parece diminuto em comparação à sua estatura.

Não consigo deixar de rir. Tento tapar minha boca, mas começo a gargalhar.

— O que é tão engraçado? — pergunta, desconfiado. Quando eu não respondo ele revira os olhos. — Sério isso? Pelo jeito, certas esquisitices nunca mudam.

Eu sempre tive acessos de riso quando menos esperava, e o meu amigo zoava demais por isto, porém fazia um bom tempo que não acontecia. E, logo agora, na frente dele, resolvi ter um e não consigo parar de rir. Maurício levanta, rindo também, e passa a mão nas minhas costas.

— Fala, qual foi a graça dessa vez?

— Você... — Tento balbuciar o restante da frase e não sai, não adianta. Eu já estou chorando de tanto rir. Começo a me abanar e ele me ajuda. — Você ficou tão imenso no futon que não sei o motivo de ter lembrado do gigante selvagem do *Game of Thrones*. Meu Deus! — E recomeço. Desta vez ele me acompanha.

— *Porra*, Paula! Você só pode estar de sacanagem comigo. Não me vê há um tempão e me chama de gigante do *GoT. Caralho*! Só você, garota.

Começando a voltar ao normal, eu digo:

— Foi involuntário, garoto. Eu te vi ali, deitado, todo espalhado no negócio que eu pensava que era grande, e só veio isso na minha mente. Tudo bem, é a sua vez. Pode mandar.

Sempre que um sacaneava o outro, a parte que foi sacaneada tinha o direito de revidar.

— Deixa eu pensar... — Ele coça o queixo. — A única personagem que me vem à cabeça quando olho para você é a *Daenerys*. Quando ela deu uma de louca, que fique claro.

— Ah, que sem graça. Ela era linda e não tinha nada de louca. Só perdeu um pouquinho a cabeça...

— Então: louca! E quanto a ser linda, acho você bem mais que ela.

Ele dá de ombros, pegando um pedaço de pão doce, como se tivesse falado algo óbvio. Dizer que sou mais bonita que a *mãe dos dragões* é um elogio e tanto. Ele só pode estar de brincadeira comigo. É claro. Eu conheço o seu jogo.

— Manda a bomba, Maurício.

— Qual a dificuldade de acreditar que estou falando bastante sério, Paula? — ele deita novamente e coloca o braço tatuado atrás da cabeça. A visão me faz engolir em seco.

— Ah, você perdeu o jeito — falo, indo em direção à cozinha para lavar a louça.

— Não precisa fugir, não, Paulinha — ele grita da sala. — Continuo te conhecendo bem e vi o seu rosto ficar todo vermelho. E eu que pensei que você estivesse mais confiante...

— Ei, mas eu estou! — grito de volta até ficar de frente para ele

novamente. — Só que fiquei sem graça, pois estávamos zoando e você decidiu estragar tudo.

Sem avisar, ele agarra minha mão e me puxa para deitar ao seu lado. Solto um grito com a surpresa e estou ofegante quando olho para o seu rosto, sorridente como uma criança levada.

— Você continua o mesmo louco, garoto.

— E você continua a mesma fraquinha, garota. É muito fácil te domar. — Ele prende minhas mãos no alto da cabeça e sei que é impossível me soltar se ele não quiser. Outra brincadeira da nossa infância em que ele sempre vencia.

— Ok, *Khaleesi*. Pode chamar os seus dragões para te salvar. Ou melhor, onde está o seu *Khal Drogo*?

— Maurício, tem certeza de que você conseguiu se formar em Medicina?

— Consegui e com mérito, dona Paula — ele diz, soltando minhas mãos para ficar com o corpo virado para mim.

— Agora, falando sério, qual foi a pior parte? Porque falar das conquistas é muito bom, mas o que te deixou mal? O que mais te deixou triste durante esses anos? — pergunto.

Ele me observa com atenção, a diversão dando lugar à seriedade.

— Sem dúvida alguma, foi não te ter ao meu lado. — Meu coração perde uma batida. — Cada descoberta que eu fazia eu queria contar para a minha melhor amiga, cada situação engraçada eu queria compartilhar, como na primeira vez que eu vi um cadáver na aula de anatomia e quase vomitei, ou quando precisei tirar sangue de uma colega e quase estourei a veia da menina...

— Meu Deus! — exclamo horrorizada e ele abre um sorriso, sem me olhar. A cabeça longe, perdida em lembranças.

— E aí vinham os momentos de tristeza por ter perdido a sua amizade. Arrependimento por ter saído de perto de você... Até que conheci a Dani nos 45 do 2º tempo, quando eu estava prestes a me formar. Foi a partir dali que as coisas começaram a melhorar. E, ainda assim, nunca deixei de pensar em você, no que estava fazendo, se estava feliz. A sorte é que os meus pais sempre sabiam de alguma novidade sua, e isso bastava. Mesmo de longe, eu fiquei muito orgulhoso de saber tudo o que construiu, o que deixou de lado para ajudar sua família. Garota, você virou um *mulherão da porra*!

Eu rio, mas a risada sai estranha. Triste, melancólica. Eu não quero chorar de novo, mas é muito difícil não me emocionar. Ouvir a sua confissão, sem reservas, *me* desarmou. Então, antes que eu me arrependa, começo a falar:

— Se eu disser que estava vivendo no automático, você acredita?

Ele me encara, o olhar ansioso para que eu continue. O que era para ser uma manhã de compras, transformou-se em uma necessária e esclarecedora conversa.

— Você foi embora, minha mãe ficou doente, eu não pude fazer minha faculdade, precisei trabalhar para só então conseguir estudar alguma coisa, fiquei em Angra. Eu realmente achei que nada de bom poderia acontecer comigo e fiz como aquela música: deixei a vida me levar. Inclusive, preciso te dar o devido crédito por me fazer amar a dança. Pode ser idiota, mas o primeiro pensamento quando fui procurar uma escola para aprender a dançar é que eu queria estar mais próxima de você de alguma forma. Louco, não é?

— Nada idiota, muito menos louco, Paula. — Ele passa a mão nos meus cabelos com carinho. — Você pode não acreditar, mas o meu ritual antes de dormir era olhar uma foto sua no celular. — Estou atônita. — Foi tirada no exato momento em que você estava dando uma risada gostosa e aquilo me dava paz e esperança de que tudo ficaria bem. Acho que somos dois loucos.

— Você não fez isso!

— Sim, eu fiz por alguns anos, até começar a achar que eu estava sendo um idiota.

— Acho que *eu* fui a idiota. Fiz tudo errado — admito.

— Não, Paula. Você entendeu o que queria entender porque era imatura, normal para uma menina de 17 anos. Depois disso, nós dois insistimos no erro. Não foi culpa de A ou B, ambos fomos os responsáveis.

Como eu consegui destruir a nossa amizade de uma forma tão egoísta? Em nenhum minuto eu imaginei que ele estivesse sofrendo. Só pensei na minha própria tristeza, nos meus próprios interesses e sentimentos. Será que eu era tão mimada assim?!

Viro de barriga para cima, coloco o braço sobre os meus olhos, com vergonha das escolhas que fiz, e continuo com a sessão de confissões:

— Abrir minha loja de roupas e, depois de um tempo, comprar meu apartamento, foi o ponto alto das minhas conquistas. Maurício, eu fiquei tão feliz, mas tão feliz, e adivinha para quem eu pensei em ligar para contar? — pergunto, abrindo um sorriso para o nada. — Eu me senti tão imbecil por ter lembrado da nossa amizade que eu desabei. O que era para ser o dia mais incrível da minha vida foi marcado pela sua ausência. Só não foi pior porque o Matheus estava comigo. E, se a sua namorada foi o seu escape, o Theus foi o meu. Sem a alegria dele, o otimismo e o cuidado, eu não sei como estaria hoje.

— Uau! E eu que pensei que você fosse falar que o Fábio foi o seu salvador.

— O Fábio foi apenas uma tentativa de fazer um relacionamento dar certo.

— Mas vocês se amam, não? — indaga. O tom da sua voz chama a

minha atenção e, depois de ficar um tempo considerável com o braço sobre o meu rosto, finalmente fito a imensidão dos seus olhos azuis.

— Eu nunca o amei.

Ele franze a testa, sem conseguir conter o choque da minha revelação; um celular começa a tocar. O dele. Maurício parece atordoado quando senta para pegar o telefone no bolso da calça jeans, e eu resolvo levantar.

— Alô! — atende. — Oi, linda. Está tudo bem sim. Claro. Também estou com saudades...

Sem querer ouvir sua conversa, vou para a cozinha. Começo a desfazer a mesa do café e reflito sobre tudo o que dissemos há pouco. A conclusão que eu tiro é que nossas vidas demoraram a engrenar por conta das nossas próprias decisões. É difícil demais perceber que eu tive uma grande parcela de culpa no que aconteceu. Por mais que ele diga que os dois tiveram suas responsabilidades, nada me tira da cabeça que as coisas seriam diferentes se eu houvesse sido mais compreensiva. O arrependimento me corrói.

Tomo um susto quando ele me abraça por trás e todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Ele apoia o queixo no meu ombro enquanto estou lavando louça, com uma atenção sobrenatural para não quebrar nada.

— Seu cheiro é o mesmo. — Ele inspira meu perfume, seu nariz tocando meu pescoço, e, por um instante, penso que vou desfalecer. *Calma, Paula. Calma!* — Deixa eu adivinhar... *Amor Amor*?

— Esse mesmo. Que memória, hein?

— Como não vou lembrar se você quase tomava banho com ele antes de ir para a escola?

— Ah, não exagera, garoto.

O que mais me deixa abismada é a nossa proximidade. Começou tímida,

mas é como se os nossos corpos e memórias se reconhecessem. Então, a maneira que falávamos, o jeito que nos abraçávamos e brincávamos está voltando naturalmente.

Continuando com os braços envolvendo minha cintura, ele comenta:

— Como você sabe, a Dani vem para Angra na semana que vem e quer fazer um programa diferente.

— Ah, é? E o que ela sugeriu?

— Como ela só pode ficar três dias por aqui e não conhece a Ilha Grande, e também sabe que eu tenho o sonho de dar a volta na Ilha, sugeriu da gente fazer isso e pediu para chamar você e o Fábio.

Fecho a torneira, seco minhas mãos e afasto os braços do meu amigo para poder me virar em sua direção.

— Dar a volta na Ilha? Em três dias?

A Ilha Grande é a maior ilha do estado do Rio de Janeiro. Ela tem 113 praias de variados tamanhos e mais de 190km^2. Sei disso, pois pesquisamos bastante quando pensávamos em dar a volta juntos. Então, para aproveitar e curtir, é impossível fazer em apenas três dias.

— Não seria a pé, doidinha. — Ele deve ter percebido minha cara de espanto. — Alugaríamos uma lancha e pararíamos em algumas praias com pousada. Acho que vai ser uma boa.

— Ah, com certeza. Amo aquele lugar de qualquer jeito! Mas o seu sonho era dar a volta a pé, não era?

— O *nosso* sonho era dar a volta a pé, mas não acho que seja a maneira mais segura atualmente.

— É, você tem razão. Não dá para *dar mole*. Gostei da ideia!

Ele faz questão de lembrar que era o *nosso* sonho. Engraçado como nossos gostos são parecidos. Tanto ele quanto eu adorávamos ir às praias do Abraão, Lopes Mendes, Provetá, Aventureiro e tantas outras que fazem parte da Ilha, foi por isso que surgiu o plano de abrir uma pousada por lá. Maurício e seus planejamentos que não duvido nada ele conseguir realizar em breve. Seria realmente incrível. Eu sou completamente apaixonada por aquele lugar.

— Olha, se você não quiser que o Fábio vá, não tem problema nenhum. A intenção da Dani, pelo que estou percebendo, é nos reaproximar, então, não se ache na obrigação de levá-lo se você não se sentir à vontade com isso.

É claro que ele está falando isso por causa da minha confissão.

— Maurício, eu não o levaria se não quisesse. Apesar do que falei mais cedo, não muda o fato de que ele é uma companhia que me agrada e tem suas qualidades... — digo, piscando o olho.

Ele abre a boca, chocado, e passa uma mão nos cabelos desgrenhados.

— Meu Deus! Eu não te conheço! O que você fez com a minha amiga que odiava falar sobre sacanagem?

Solto uma risada alta e, indo em direção ao meu quarto para me trocar, grito:

— Aquela garota já não existe há um bom tempo, meu querido. Você não conhece o meu novo lado insaciável — É a verdade, mas digo em um tom de brincadeira.

E, quando estou quase alcançando a maçaneta, ele puxa meu braço e me cola na parede, o corpo imponente cobrindo o meu. Pelo amor de Deus!!!

— Então, quer dizer que agora eu posso fazer isso... — Ele lambe o meu pescoço bem devagar, exatamente como costumava fazer para me deixar furiosa, e sou obrigada a fechar os olhos com medo de que ele consiga enxergar o que

estou sentindo na realidade. Que nada tem a ver com fúria ou nojo, como eu sentia na época.

Arrancando forças não sei de onde, empurro-o para longe e digo, a voz trêmula e ofegante:

— Não, não pode fazer. Continuo odiando!

Abro a porta do meu quarto e a fecho com força, mas isso não impede que eu ouça a gargalhada do outro lado. Esse cara só pode estar me testando. Não é possível! Ele não perde por esperar.



Estou exausta!

Depois da sessão desabafo pela manhã, eu e Maurício saímos para comprar o que ele precisava e só chegamos há pouco. Ele subiu para o seu apartamento e eu estou deitada no meu querido futon, que agora, graças ao gigante que deitou aqui, está com um cheiro delicioso. Lembro-me da referência ao gigante do *GoT* e sorrio. Eu invento cada uma quando estou com ele. É como se eu tivesse voltado no tempo.

Só tenho meia hora para tomar banho, *me* arrumar e sair de casa. Até pensei em desmarcar o cinema com o Matheus, mas não seria justo. E ele não ficou muito satisfeito por Maurício querer ir também. O que eu podia fazer? Mentir quando ele perguntou se eu iria fazer alguma coisa à noite? O cara chegou agora na cidade, não tem com quem conversar, e estamos nos reconectando... Não vi nada de mais.

Tiro a calça jeans e a bata que usei durante o dia e entro no chuveiro. Com a cabeça debaixo d'água, não consigo parar de pensar no convite da Danielle, e, consequentemente do Maurício. Eu sei que seria maravilhoso dar a

volta na Ilha Grande, ainda mais de lancha — deve ser uma experiência indescritível —, mas não estou muito segura disso. Preciso ir devagar. É muito óbvio que ainda tenho sentimentos por ele, sua felicidade esfregada na minha cara não é algo que eu pretendo presenciar.

Ou talvez seja uma boa para que o meu coração saiba que não há a menor chance do Maurício me ver com outros olhos. Talvez esteja na hora — e mais do que na hora — de seguir em frente, de verdade, sem que eu continue mentindo para mim, dizendo que está tudo bem. Eu *preciso* deixar esse amor ir embora e parar de viver pela metade.

Renovada e decidida, saio do banho e, depois de me secar, cubro-me com a toalha. Em frente ao meu guarda-roupa procuro meu *cropped* verde militar de manga comprida — eu amo tanto esse tipo de peça que tenho várias — e minha minissaia preta preferida.

Seco meus cabelos, visto o *look* escolhido e faço uma maquiagem leve, tudo em tempo recorde. A campainha toca bem na hora. *Ufa, consegui!*

Esbaforida, abro a porta sem nem olhar para o Maurício direito e peço para ele entrar.

— Fique à vontade. Já estou terminando aqui.

Corro de volta para o quarto, passo perfume e calço minhas sandálias. Quando volto para a sala quase perco o ar. Eu ainda não consegui me acostumar com o fato de que agora o meu amigo é um homem, e que homem! A barba por fazer, o azul dos seus olhos, o rosa da sua boca... Chega a ser uma beleza injusta, porque eu não posso ficar admirando como gostaria. *Foco, Paula!*

Mesmo usando uma blusa branca por baixo de uma camisa de botões xadrez em tons de azul — detalhe: está dobrada e deixa os antebraços definidos à mostra —, e uma calça jeans, ele está extremamente lindo. Seus braços estão cruzados no peito e o seu corpo todo apoiado na parede perto da porta. Não

consigo identificar o que a sua expressão diz, mas não é uma que eu já tenha visto em seu rosto. Ele me olha como se não me conhecesse... Não sei.

— Seu namorado deixa você sair assim? — ele pergunta, os olhos descendo e subindo por todo meu corpo e eu juro que, do nada, começo a sentir muito calor.

Por que a minha mente me prega tantas peças? Minha imaginação é fértil demais para pensar que ele está me cobiçando. Maurício é uma figura, na certa está me sacaneando para depois começar a rir, como sempre faz, então, resolvo entrar no jogo.

— No dia que um namorado me disser o que eu devo ou não vestir, ele não vai ter tempo nem de *dar tchau*.

Ele ri, sem desviar sua atenção e diz:

— É por isso que você não merece pouca coisa. Mulher igual a você é difícil de encontrar.

É alguma indireta por causa do Fábio? Mais cedo ele me perguntou se o policial iria com a gente ao cinema, mas eu disse que, além de ele estar de plantão na delegacia, nossa relação é atípica. Ele ficou perplexo. Acho que nunca imaginaria que a sua amiguinha, sempre meiga, teria um relacionamento aberto ou que estaria com alguém sem gostar, apenas por diversão. Ele ficou tentando entender por um bom tempo e, no final, disse que nunca teria evolução espiritual para ter uma relação assim.

— Mulher igual a mim, é? E que tipo de mulher eu sou? — pergunto, arqueando as sobrancelhas. Eu sei que precisamos sair logo, mas estou louca para ouvir a sua resposta. Como eu adoro me torturar...

Ele desgruda da parede e vem caminhando na minha direção. De salto, minha cabeça alcança o seu pescoço e preciso levantar meu rosto para olhar para o dele.

— Você é a mulher mais determinada que eu conheço. Uma mulher que abre mão dos seus sonhos para ajudar quem ama, que batalha para conseguir o que quer, é cuidadosa, engraçada, dança *pra caralho,* é linda, por dentro e por fora, sexy sem precisar ser vulgar... Uma mulher que merece amar e ser amada porque é perfeita ao seu próprio modo.

Eu sou isso tudo? É assim que ele me vê? Agora não é a hora para me emocionar! Não, ele não pode falar isso tudo para mim. Não é justo. Ficamos nos encarando, sérios, até que ele pisca os olhos de uma forma estranha e fala, agora esboçando um sorriso:

— E que pode deixar qualquer homem louco com essas tatuagens aparecendo. *Porra,* Paula, vou repetir o que eu te disse no Curral: você está gostosa demais!

Ele começa a rir e corre pelo apartamento enquanto eu vou correndo atrás, batendo nos braços e nas costas. Eu disse, esse cara não passa de um garoto. Só tem tamanho e idade. Isso tudo porque o meu top deixa parte da *tattoo* à mostra e a minissaia não cobre o caule da rosa tatuada na coxa direita.

— Para de me bater e vamos sair logo antes que o Theus fique mais bolado comigo. — Ele não perde a oportunidade de zoar o apelido que eu dei para o meu amigo.

— O Matheus não vai ficar bolado com você, e sim comigo. Vamos!



Chegamos à bilheteria e Matheus já está à nossa espera.

— Pensei que não fosse vir mais, sua amiga desnaturada — dispara.

— Ei, ela não teve culpa. Pode me xingar porque eu que me atrasei — Maurício se intromete para me defender e pisca para mim quando Theus não está vendo.

Eu, claro, reviro os olhos. O sacana é o mesmo. Matheus vira para ele e diz:

— Escuta aqui, Mauricinho, não tenta roubar a minha amiga, não, ouviu? Sei bem o seu joguinho. Chegando de mansinho para reconquistar o posto de melhor amigo. Agora, eu estou na jogada, querido!

— Calma aí, calma aí. Tem Paulinha para todo mundo, meninos. Parem de graça e vamos entrar.

Balanço a cabeça, sem acreditar no showzinho que o Matheus está fazendo. "*A bicha tá braba*".

— Ainda temos 15 minutos antes do filme começar, minha deusinha. Deixa eu bater um papo com seu amiguinho aqui. — E virando para o Maurício, ele pergunta na cara dura: — *Me* diz uma coisa, só *pra* gente ficar de boa e fingir que somos o trio da alegria. A vida no hospital é tipo aquela orgia do *Grey's Anatomy* mesmo? Os médicos saem varrendo a mulherada, elas dão em cima de vocês também e tal, ou é tudo *caô*?

— Matheus, pelo amor de... — começo a falar, mas sou interrompida.

— Em partes é verdade.

O quê?! Atônita, viro para o Maurício e ele dá de ombros.

— Não preciso mentir. Muitos amigos meus saem com enfermeiras, internas, residentes. As horas no hospital são exaustivas e extensas e tem profissionais que quase moram lá dentro e buscam se aliviar de alguma forma.

— Nossa, você acabou de me deixar com mais nojo ainda de hospitais — digo, fazendo careta.

— Ah, também não é assim. Quanto à limpeza, somos os mais chatos.

— Então você já... — Matheus insinua.

— Sim. Já saí com algumas médicas e enfermeiras.

Meu coração ainda está batendo? É agora que eu recebo aquele meme ridículo: “Oh, Paula, por que choras?” Qual a necessidade de saber disso? Tudo culpa dessa bicha rancorosa.

Mas espere aí...

— Mas você não namora desde quando se formou na faculdade? — questiono com a curiosidade lá em cima. Oras, se ele namora há quatro anos como aproveitou tanto nos hospitais pelos quais passou?

— A gente não namora há quatro anos direto. Tivemos nossas idas e vindas.

Por essa eu não esperava.

— Já estou satisfeito. Agora podemos entrar — Matheus diz, pleno, como se não tivesse armado um caos.

Maurício está pensativo, mordendo o canto da boca como faz quando está nervoso e eu estranho sua expressão.

— Está tudo bem?

— Sim. Não. É que eu não quero que você pense que eu sou um *filho da puta pegador dos hospitais*. No passado, foi um escape para mim. Era a forma que eu tinha para não enlouquecer. — Baixo a guarda e faço um carinho nas suas costas.

— Fica tranquilo, garoto. Todos tivemos nossos momentos. Quem sou eu para te julgar? — falo. Ele abre um sorriso fraco e beija o topo da minha cabeça.

— Você? Você é a minha melhor amiga.

O filme que vamos ver é uma comédia romântica — e que fique claro que eu só descobri do que se trata há alguns segundos, enquanto lia a sinopse no meu celular —, e adivinhem qual a temática? Um romance entre melhores amigos. Qual a chance disso acontecer sem ter sido premeditado?

Olho para o Matheus e estreito meus olhos, querendo que ele saiba que se pudesse, eu cravaria minhas unhas na perna que está bem do lado da minha. Ele apenas sorri, ajeitando-se na poltrona enquanto come sua pipoca na maior plenitude. Nunca desafie um amigo como o Matheus, ele sempre jogará baixo.

Achei melhor sentar entre os dois, no caso de sair algum possível desentendimento.

— Você curte comédia romântica? Porque me lembro de quando você dizia que era filme para quem não tinha bolas. — pergunto para o Maurício e caímos na risada.

— Não é o meu gênero favorito, mas a Dani adora, então, meio que fui obrigado a gostar.

— Ah, beleza então. Menos mal — respondo, forçando-me a sorrir.

A sessão começa. Acho que nunca fiquei tão nervosa no cinema como estou agora. Nervosa por estar ao lado do meu ex-atual-melhor amigo e nutrir por ele um sentimento maior que amor fraterno, além de assistir a um filme que

pode muito bem contar a história da minha vida.

Na parte em que os atores são crianças, nós três rimos das brincadeiras que eles fazem entre si. E até o Maurício diz:

— Olha nós dois aí.

Um dorme na casa do outro, são parceiros em cada tarefa, dão as mãozinhas indo para a escola. Fico emocionada, pois eu e o meu melhor amigo éramos assim.

Quando chegam à adolescência, eu rapidamente me identifico com a protagonista. Ela odeia as brincadeiras do garoto, vira a cara para ele e o rapazinho continua zoando.

— As meninas sempre sendo mais maduras que os meninos — sussurro para o Mauricio, e ele ri.

Até que chega a fase em que eles se formam no colégio. Sinto um aperto no peito com o que está prestes a acontecer. O garoto consegue a bolsa que tanto queria em uma grande faculdade, em outro estado.

Não há mais risos. Remexo-me na poltrona, desconfortável, e preciso respirar fundo para continuar vendo as cenas se desenrolarem. É nítido que há algo entre eles, mas nenhum dos dois enxerga. Dá vontade de chacoalhar cada um para ver se eles se tocam. Aí, começo a analisar a minha própria história e penso: “o sujo falando do mal lavado...”

— Por que eles não admitem que se gostam? Acho isso um saco!

A voz de Matheus se eleva, mas só nós conseguimos ouvir. Meu coração acelera tanto que eu tenho a impressão de que eles podem escutar. Viro-me tão rápido na direção do Theus, que ele até se assusta. Ele compreende o meu olhar e sabe que foi longe demais.

— Talvez porque eles não quisessem estragar a amizade de anos ou não

sabiam se o que sentiam era amor ou apenas um sentimento de perda por se separarem depois de tanto tempo juntos. Acho que há diversas possibilidades — Maurício responde, baixinho, e eu congelo. *Ah, se ele soubesse o quanto isso é verdade.*

— É, vai saber — Matheus finalmente resolve encerrar o assunto e eu volto a respirar.

— O que você acha?

Sinto um calafrio e não é por estar doente, mas porque o sussurro baixo de Maurício, encostando em minha orelha, deixa-me fora de controle.

Como pode? Como ele consegue causar tudo isso em mim? Por que eu não consigo ser indiferente a ele ao menos agora que estou decidida a não levar para a frente o que sinto?

— Acho o mesmo que você. — Observo seus olhos assim que viro meu pescoço para ele.

Mesmo com as luzes apagadas, o reflexo do telão faz com que eles brilhem como dois diamantes. E continuo:

— O medo da perda faz estragos.

Ele assente e pega minha mão esquerda, entrelaçando seus dedos nos meus e beija cada um. *Eu o amo tanto, meu Deus! Nunca deixei de amar.*

— Promete que a partir de agora você vai falar tudo o que está sentindo? Não vai guardar ou conjecturar coisas?

Sua pergunta é um soco no meu peito. *Como eu posso prometer uma coisa dessa?* Mas sua expressão é tão aflita, desesperada...

— Eu prometo se você prometer — respondo num fio de voz. Por dentro querendo que ele não faça isso.

Ele pisca uma, duas, três, quatro vezes antes de responder:

— Eu prometo.

Solto um suspiro pesado e ratifico minhas palavras:

— Então, eu prometo.



É incrível como a gente muda de ideia de uma hora para a outra. Depois da noite do cinema, eu estava decidida a não aceitar o convite para o passeio na Ilha Grande. Não depois da promessa que tive de fazer e que me deixou acordada por horas.

Contudo, como eu mudo de opinião como mudo de roupa — dizem que é mal de pisciano —, eu acabei me rendendo aos pedidos constantes do meu velho amigo. *Velho amigo... Que merda de expressão! Quantos anos eu tenho?*

Quando falei com Fábio sobre o passeio, ele ficou empolgado por ter sido incluído, e eu por não ter que ficar sozinha com o casal-maravilha, já que Matheus não foi convidado.

Maurício começou a trabalhar no hospital no início da semana e, no retorno dos seus plantões, a gente combinou de tomar café da manhã no meu apartamento. Pela primeira vez, eu tive consciência de como o trabalho dele é cansativo e desgastante.

Eu pensava “ah, é médico, ganha dinheiro sem fazer quase nada”, mas

não imaginava o esforço por trás de tudo aquilo. Passar horas a fio acordado, monitorando pacientes, fazendo cirurgias de emergência... Não é à toa que ele diz que a academia é um refúgio muito bem-vindo.

Por falar nisso, malhamos duas vezes juntos até agora e eu precisei de todo meu autocontrole para não ficar admirando o seu corpo definido. Meu Deus! Ele está mais lindo que nunca. Antes ele era bonito, tinha um charme natural, mas hoje ele grita masculinidade, os cabelos escuros despenteados em contraste com o azul dos olhos, o sorriso é sedutor sem fazer esforço, e a determinação em cada exercício é inspiradora.

E as tatuagens? O dragão imponente desenhado em suas costas chamou tanto a minha atenção, que era difícil me concentrar. O braço direito todo tatuado, saltando veias pelo esforço, e, para completar, tem um leão na coxa esquerda. Haja equilíbrio!

Fui obrigada a malhar com mais intensidade para afastar os pensamentos que minha mente não parava de jogar, sem contar as vezes em que tive que me conter para o meu amigo não perceber que eu estava secando seu abdômen trincado. Uma tortura cruel e injusta com uma pobre mulher.

Eu também não ignorei seu olhar vidrado quando eu estava de quatro no colchonete fazendo exercícios de perna e glúteos. Se fosse outro cara, eu acharia que até estava com segundas intenções, mas, sendo Maurício, era fato que estava zoando comigo.

— *Você com esse shortinho deve fazer um sucesso por onde passa, Paulinha. Já te falei que essa tatuagem na coxa é sexy demais?*

Eu estava com um top e short brancos, um conjuntinho que eu adoro e com o qual me sinto bem.

Revirei os olhos e continuei malhando, balançando a cabeça com sua pergunta. Eu já sabia que ele tinha adorado as minhas tatuagens — que naquele

momento estavam bastante expostas —, mas eu não conseguia filtrar se os elogios eram brincadeira da parte dele ou não. Até que ele ficou sério e insistiu:

— *Estou falando sério, garota. O Fábio deve ficar louco com você por aí, querendo um relacionamento aberto, toda linda e saradinha... Eu ficaria louco!*

— *Maurício...* — comecei a falar, ofegante por estar levantando uma das pernas com peso. — *Você ficaria louco? Imagino que a sua namorada pensa o mesmo de você.*

Respirei e recomecei o exercício com a outra perna.

— *Um médico gostoso... como estão dizendo por aí.* — Fiz questão de emendar para não ficar estranho. — *Tendo uma fila de mulheres para atender mesmo que não estejam doentes.*

— *Espere aí! É sério isso? Eu cheguei agora!* — perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

— *Ah, vai me dizer que não percebeu que, quando você está de plantão, a mulherada vai em peso se consultar?*

Ele pareceu pensar por alguns segundos, até que passou as mãos pelos cabelos.

— *Que merda, hein?! Se você não me fala eu nunca iria perceber.*

— *Pois é. Que Danielle não saiba* — completei e ri. — *Ela ficaria louca! Eu ficaria louca se fosse comigo* — deixei escapar.

— *Ela entenderia, faz parte do nosso trabalho. Mas quer dizer que você ficaria louca, é?*

Deitada de barriga para cima depois de ter encerrado a série, eu o encarei.

— Sim, eu não sei se teria estrutura para ver o meu namorado ser atacado descaradamente por um cardume de piranhas.

Ele riu tão alto que eu caí na risada também. A sorte é que malhávamos tão tarde que não tínhamos companhia. A academia era só nossa.

— Mas o Fábio é todo fortão, policial, aposto que deve ter um cardume de piranhas que se arrastam para ele...

Fiquei sem ter o que responder naquele momento, porque apesar de saber que Fábio é muito bonito, aos meus olhos ele não chega aos pés do Maurício, e não apenas por causa da beleza.

— Com ele é diferente. — Foi o que me dignei a responder e ele assentiu. Logo depois voltamos a malhar e não conversamos mais.

Neste exato instante, estou terminando de arrumar minha malinha de mão para seguir em direção ao shopping, o mesmo onde fica minha loja e que estará nas mãos da Amanda por esses dias. Contei para ela, por alto, o que estava acontecendo, e a garota ficou toda animada por saber que finalmente eu e o seu primo estávamos nos acertando.

Deste shopping é que a lancha vai sair. Eu ainda não me encontrei com o Maurício e a Danielle — só fiquei sabendo que ela chegou de madrugada —, mas meu amigo enviou mensagem mais cedo dizendo que eles já estavam saindo, pois precisavam comprar gelo e outros mantimentos. Lá tem uma área externa, de frente para o mar, onde há embarcações prontas para a navegação e outras que ficam estacionadas em uma marina, uma facilidade para quem vem a passeio de barco e pode desfrutar do supermercado e outros estabelecimentos — inclusive, vendo bastante para esses turistas.

Recebo uma mensagem de Fábio dizendo que chegou. Apesar de eu morar quase ao lado do shopping, ele quis passar aqui para que eu não carregasse peso. Ele tem seus momentos fofinhos e eu acho isso bonitinho.

Faço um *checklist* mental e concluo que não esqueci nada. Olho-me no espelho e arrumo a saída de praia preta curta com mangas 3/4. Respiro fundo e peço a Deus que me dê forças para seguir em frente. *Vamos, Paula. Você e o Fábio estão precisando se divertir. Vai ser ótimo! Uma nova fase.*

E com o pensamento positivo, saio de casa com um sorriso no rosto.



Chegamos e deixamos o carro no estacionamento do shopping.

— Ainda não entendi por que você não deixou o carro no meu prédio, Fábio. É tão perto!

— Está tranquilo, Paulinha. É melhor que na volta estaremos de cara para o gol e imagino que chegaremos cansados.

— Tudo bem, se você diz... Cadê suas coisas? — pergunto, estranhando quando ele pega uma mochila.

— Estão aqui dentro. — responde, apontando para as costas. Ele pega a minha malinha e caminha ao meu lado.

— Aff, vocês homens, sempre tão práticos...

— Fazer o quê? Não precisamos fazer um desfile de moda como vocês. Afinal, serão três dias de sol, praia e mar. Quanto menos roupa, melhor. — E pisca para mim.

O clima está leve como há muito tempo não sinto. Parece que, finalmente, as coisas estão entrando nos eixos. Meu melhor amigo está aqui e mesmo que estejamos engatinhando para que nossa amizade volte a ser o que foi um dia, estou curtindo cada minuto. A cereja do bolo é que vamos nos aventurar em um programa que sempre quisemos fazer. Ver a Ilha Grande em toda a sua magnitude, conhecer praias a que sempre tive vontade de ir, mas que não são de fácil acesso, sem dúvida alguma, será fascinante!

Decido ir direto para a marina sem passar na loja. É capaz que se eu for lá, Amanda queira que eu faça alguma coisa e hoje não estou com o *modo trabalho* ativado. Desde que o Maurício chegou, eu tenho me dado algumas

folgas. Acho que mereço depois de anos trabalhando sem parar.

Tento procurar o nome da embarcação que o meu amigo informou, “Dreams”, e a avisto um pouco mais afastada. Até fiquei surpresa por ser um nome legal, pois o que eu já vi de nomes engraçados, não dá nem para enumerar.

— Ali! — aponto para que Fábio veja.

— Ótimo. Pelo visto, o marinheiro já está lá. Vamos!

Eu o sigo e analiso a lancha. Ela é grande e muito bonita. Não sou especialista, mas de tanto ficar observando no horário de almoço da loja, tenho uma certa noção de tamanho e esta parece que tem 48 pés. Com certeza possui 2 quartos. As cores branca e azul-marinho contrastam e, ao mesmo tempo, formam uma combinação perfeita. Eles devem ter desembolsado uma grana e nem acho que seria necessário algo tão ostensivo. E por falar neles...

— Ei, vocês chegaram! — a voz de Maurício chama a nossa atenção, e o seu sorriso é como o de uma criança que ganhou um presente. Sua animação é contagiante.

Ele está vindo em nossa direção, carregando pesadas sacolas de mercado, enquanto a namorada vem um pouco mais atrás falando ao telefone. Fábio não perde tempo e coloca minha mala no deck para ajudar meu amigo.

— Olá! Que dia lindo, não é? — pergunto, satisfeita por tudo estar dando certo. O mar está um lago de tão calmo e o brilho que o sol lhe proporciona é uma visão que merece ser registrada.

— Realmente espetacular. Como senti falta disso! — Maurício responde.

Tiro o celular da pequena bolsa que transpassa meu corpo e fotografo o momento, postando nos meus *stories,* no *Instagram,* com a legenda: “Mais um dia perfeito no paraíso”. Acho que o povo deve estar cansado de tantas fotos que posto nesse estilo, pois sempre que, da minha varanda, vejo um amanhecer ou

entardecer lindos, eu registro, e não são poucos! Mas também não estou nem aí. Eu não obrigo ninguém a acompanhar minha vida, então, *foda-se*.

Maurício passa por mim e vai direto para a lancha deixar as coisas junto com o Fábio. Danielle chega ao meu lado e encerra a ligação em que estava. Os cabelos negros curtíssimos, óculos enormes e estiloso e o vestido branco longo e esvoaçante a deixam mais ainda com cara de modelo.

— Olá, Paula! Que bom que vocês conseguiram vir.

— Obrigada pelo convite, Danielle. Estou ansiosa demais! Esta lancha é incrível. Por favor, *me* passe o valor para eu ajudar depois...

— Que bom que gostou, Paula — ela interrompe. — Confesso que estou um pouco nervosa, porque nunca fui à Ilha Grande e também tenho um certo problema com mosquitos e insetos não identificados. E não se preocupe, o Maurício que alugou esta embarcação e até agradeço que seja aconchegante. Acho que eu cairia morta se fosse menor que isso.

Tive que forçar o rosto para não rir. *Caralho,* será que o Maurício alugou uma lancha desse tamanho por causa dela? Eu me pergunto por que ela sugeriu um passeio como este se não curte. E como se lesse meus pensamentos, emenda:

— O Maurício fala tanto que ama essa ilha, que eu não podia mais ignorar. Na verdade, eu estou ansiosa para conhecer, mas tenho zero espírito aventureiro.

— Eu entendo! Mas ele vai respeitar as suas vontades, fique tranquila.

— Fico tão feliz que vocês estejam se resolvendo, Paula. Você não sabe como ele estava incompleto sem a melhor amiga — muda de assunto e eu sorrio.

— Também estou feliz, Danielle.

— Meninas, vamos! Está na hora! — meu amigo nos chama.

Ele nos ajuda a subir na embarcação e Danielle demora mais tempo do que o normal para entrar. Nós nos acomodamos na sala onde há assentos estofados em forma de U e um televisor enorme pendurado. Maurício permanece de pé e começa a falar assim que o marinheiro dá a partida:

— Bom, bem-vindos a bordo, pessoal! Apesar de já ter comentado com a Paula que dormiremos em duas praias diferentes e que as pousadas já foram reservadas, ainda não mostrei para vocês o roteiro, pois estava organizando de um jeito que desse para a gente aproveitar ao máximo esses três dias. Uma volta na ilha, de lancha, dura apenas um dia, porém, como temos mais tempo à nossa disposição, poderemos curtir bastante.

— Conheço bem a área e posso ajudar, caso precise — Fábio se dispõe e coloca um braço atrás das minhas costas.

— Já tenho tudo sob controle, Fábio, obrigado! Tomem, aqui está a nossa programação. — Ele nos entrega um papel com todos os horários e o roteiro a ser seguido. Ergo minhas sobrancelhas, impressionada com a sua organização. Ele sempre foi o mais metódico de nós dois.

— *Porra*! Isso aqui é coisa de profissional, moleque! — Fábio diz com um jeito engraçado, típico de quem está falando com um camarada, e eu rio.

— Verdade. Adorei! — comento, admirada.

— Esse meu namorado é incrível! — Danielle se gaba.

— Que bom que gostaram. Vejam se estão de acordo com o roteiro. Se tiverem alguma objeção, é só dizer!

Segundo o informativo, estamos indo para o Abraão, onde ficaremos até amanhã de manhã em uma pousada, já que é a praia com maior estrutura de toda a ilha. Lá poderemos aproveitar os restaurantes, trilhas, ruínas de construções antigas e que fazem parte da história do Brasil. Lembro-me das outras vezes em que visitei a Vila e amei o clima acolhedor. Tem um forrozinho universitário que

eu adoro e sorrio em expectativa.

Assim que acordarmos, passaremos por Lopes Mendes — considerada uma das praias mais lindas do mundo —, porém, para chegar a ela, teremos que atracar em uma praia vizinha e fazer uma caminhada de 20 minutos, pois lá não tem cais para embarque/desembarque. Depois seguiremos para Caxadaço, linda, mas de difícil acesso.

Em seguida, Dois Rios, onde fica um presídio desativado, conhecido por abrigar alguns presos famosos há muitos anos, como por exemplo, o escritor Graciliano Ramos, que foi preso durante a Ditadura e o inspirou a escrever um dos seus principais livros: *Memórias do Cárcere*. O roteiro do meu amigo mais parece com aqueles que são entregues em Cruzeiros, de tão detalhado que está.

De Dois Rios continuaremos navegando até chegarmos à Parnaioca, uma praia espetacular que já tive o prazer de conhecer e que também não tem cais. Além de não ter energia elétrica, é proibido acampar. O melhor é a junção do rio, que fica no canto da praia, com o mar. De lá iremos para o Aventureiro.

Ah, como amo o Aventureiro. Um lugar paradisíaco, frequentado por muitos surfistas em busca de ondas perfeitas, que possui o famoso coqueiro que cresce com ângulo de 90º graus, e não estou brincando. É incrível! Outro povoado sem eletricidade, mas nem por isso não vive cheio. Contudo, por fazer parte de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), o número de pessoas, por dia, é limitado a 560, e quem vai para a praia precisa ter uma pulseirinha de acesso que é dada no Centro de Informações Turísticas, localizado na Praia do Anil. Por este motivo é que o Maurício deixou frisado que não poderemos ficar lá por muito tempo.

Passaremos também em Provetá — outra praia incrível e a segunda mais populosa da ilha, perdendo apenas para o Abraão —, Araçatiba, Freguesia de Santana, Lagoa Azul e Saco do Céu, que será o segundo, e último, lugar em que iremos nos hospedar. A esta última praia eu nunca fui. Dizem que a água é tão

calma, por ficar em uma enseada, que é perfeita para apreciar o céu estrelado de dentro do barco, fora que a gastronomia é um dos seus pontos fortes.

No retorno para a Marina, no outro dia, pararemos em outras ilhas pelo caminho como a da Gipoia — que é a segunda maior ilha de Angra e onde uma amiga minha casou. Foi inesquecível! — e também as famosas Ilhas Botinas.



Uau! Nem acredito que estou prestes a realizar um sonho de adolescente. Mesmo morando na cidade, não é algo que a gente consiga fazer com facilidade, pois custa caro e eu não dei a devida prioridade porque o meu melhor amigo não estava ao meu lado.

Tiro os olhos do papel e sei que Maurício está aguardando o meu veredito. Levanto-me para ficar ao seu lado e sussurro:

— Está simplesmente perfeito!

O brilho em seus olhos me diz que ele está tão feliz quanto eu.

— Fico aliviado que tenha gostado. Fiz pensando exclusivamente em você. Danielle não conhece nada, então, será lucro para ela. — Coçando a cabeça, ele diz: — Acho que não me esqueci de nada, não é? A não ser que você tenha mudado seu gosto, depois de tanto tem...

— Maurício, como eu disse, está perfeito. Nem acredito que você se lembrou dos nossos planos, do que a gente queria fazer...

Fábio e Danielle engataram uma conversa sobre não gostarem de mergulho e lugares fechados e, no meio disso, Maurício passa o polegar em minha bochecha, carinhosamente, prendendo minha atenção.

— Eu disse que consertaria as coisas, Paula. Danielle pode ter sugerido este passeio, mas eu que organizei tudo! Até porque, pelo que você já deve ter percebido, esta não é a praia dela.

Nós dois rimos e eu resolvo comentar o que está me incomodando.

— Maurício, por que uma lancha tão grande? Uma menor já bastaria.

— Eu queria fazer desses dias algo inesquecível e se eu não posso dar a volta na ilha a pé, que pelo menos seja em grande estilo, com a minha melhor amiga e parceira de crime.

Balanço a cabeça, sem acreditar que ele seja tão perfeito, e meu coração não consegue se segurar. Ele bate acelerado, fazendo-me ficar ciente de que a causa para estar assim é por Maurício estar aqui, bem na minha frente, e não posso fazer nada a não ser *deixá-lo* voltar ao normal.

Fecho os olhos e respiro fundo, colocando-me no meu lugar. Estamos aqui para nos divertir, ele está com a namorada, sou apenas a sua amiga. Somente isto. Ergo a cabeça e abro o meu maior sorriso, sem qualquer fingimento e restrições.

— Esse final de semana será lindo, Maurício, e eu mal posso esperar para aproveitar cada minuto.

Há vezes em que precisamos ignorar o coração para não sermos enganados pelas suas artimanhas. E é isto que farei para não perder a nossa amizade novamente.



— Nossa! Que ambiente gostoso! — preciso elevar minha voz para que o Fábio me ouça por cima do som de *Águas Mansas*, do *Circuladô de Fulô*.

Meu corpo mexe de maneira involuntária, sedento para dançar junto com os outros casais. Estamos perto de uma pequena igreja na entrada da Vila do Abraão e as pessoas vão se aglomerando. Há um bar conhecido mais para a frente, mas o que eu queria mesmo era aproveitar a noite, que está linda e estrelada.

— Vamos dançar? — como se lesse meus pensamentos, sou surpreendida com a pergunta de Fábio.

— Você gosta de forró?

— Não é a minha *vibe*, mas estou disposto a aprender para te acompanhar. — Ele abre um sorriso lindo, mostrando os dentes perfeitos e bem-alinhados.

Às vezes, não me dou conta de que ele é tão bonito quanto Maurício, mas é que os meus olhos só enxergam um homem de verdade e isto é uma *merda*.

Contudo estou disposta a mudar este quadro.

— Então vamos! — Puxo meu parceiro para o meio da *muvuca* e ensino os principais passos. Ele é esperto e rapidamente já está me acompanhando. O safado parece já saber dançar.

— Você não está aprendendo agora, Fábio.

Ele sorri de lado e sussurra:

— E se eu disser que venho fazendo aulas desde a festa da sua turma? Estava esperando o momento certo para te mostrar meus novos dotes. Acho que chegou o dia!

Além de lindo, ele sempre tenta me agradar. Solto um longo suspiro e declaro:

— Você é inacreditável.

— O melhor para você.

Continuamos dançando, ele me gira, *me* pega, *me* encoxa. Uau! De onde esse cara saiu?

— Parece que alguém andou ensaiando... — A voz de Maurício nos pega desprevenidos.

Paramos de dançar e cumprimentamos meu amigo e sua namorada. Eu pensei que eles fossem ficar na pousada descansando, mas, pelo jeito, mudaram de ideia.

Assim que chegamos ao Abraão, logo pela manhã, eu, Fábio e Maurício aproveitamos para fazer uma caminhada até a Cachoeira da Feiticeira, e Danielle preferiu ficar *pegando sol* na praia Preta. Apesar de estar em forma, a trilha para a cachoeira não foi fácil, mas a vista e a queda d’água de mais de 12 metros compensaram o sacrifício. Passamos um tempo lá, tirei um monte de fotos,

mergulhei na água geladíssima e não pude deixar de perceber que o Maurício vez ou outra me fotografava. Ele não deu alardes, então, resolvi deixar para lá.

— Pois é, Maurício, o Fábio estava escondendo o jogo. O safado está fazendo aulas e não me disse nada — comento, para logo abrir um sorriso orgulhoso.

— É claro. Tem horas que a gente precisa surpreender, não é mesmo? — Fábio brinca e beija meu rosto.

Maurício sorri, mas sua expressão me intriga, e eu arqueio minhas sobrancelhas, perguntando em silêncio se está tudo bem e ele dá uma piscadela, como se dissesse para não me preocupar.

— Isso é ótimo, Fábio. Surpreender a amada sempre é maravilhoso. — Acho que Danielle exagerou, mas prefiro ficar na minha. Duvido que Maurício tenha comentado alguma coisa com ela sobre os detalhes do meu “relacionamento”.

— Continuem dançando! Só viemos dar um alô. Estamos indo àquele barzinho logo ali — Maurício aponta o bar movimentando com o queixo, e eu meu parceiro assentimos.

— O que você acha da Danielle? — estranho a pergunta do Fábio, enquanto ele me puxa junto ao seu corpo e voltamos a dançar.

— Por quê? Só vejo que ela é linda, médica...

— Ah, não estou falando de beleza, até porque isso não é tudo, Paula. Digo no sentido de que ela parece sufocar o Maurício, sei lá, dá para ver que eles são muito diferentes um do outro. Pode ser só impressão minha também.

Não imaginei que Fábio perceberia o mesmo que eu. Será que só o Maurício não vê isso? Prefiro não estender o assunto com meu parceiro.

— Eu não sei muito o que pensar, Fábio. Cada um sabe onde o seu calo

aperta, então, se estão felizes, isso que importa, não é?

— Claro, claro. Vamos mudar de assunto. — Ele aproxima sua boca da minha e começa a me beijar com intensidade.

Agora está tocando um xote e dançamos ainda mais agarrados. Meus braços entrelaçam seu pescoço e ele abraça minha cintura, acompanhando o ritmo com destreza. Sua perna está no meio das minhas, pressionando um ponto que me deixa... Aff, que calor!

Olho de esguelha para os lados para ver se estamos dando um espetáculo sozinhos, mas graças a Deus todos estão presos em seus próprios mundos, envolvidos com a música. O lugar não está muito claro, apenas alguns poucos postes de luz iluminam fracamente a pracinha, o espetáculo é o brilho da lua sobre o mar. Que noite! Tudo seria perfeito se meu coração não fosse tão ordinário.

A pegada do Fábio me faz lembrar o motivo de termos começado a sair. Ele sabe como agir diante de uma mulher e suas mãos apoiadas no meu cóccix estão me levando à loucura. O subentendido sempre me excita. Ele diz palavras obscenas junto ao meu ouvido, e eu sorrio, deixando-me levar.

O vestido verde que estou usando destaca o tom bronzeado da minha pele, que foi reforçado pelo sol escaldante de mais cedo, e Fábio não para de dizer o quanto estou gostosa. O modelo é rodado no meio das coxas, o que me deixa livre para dançar e sentir o quanto meu parceiro está animado.

Ele beija o meu pescoço e, com discrição, desce a alcinha do meu vestido e me lambe com delicadeza. Como eu precisava disso! Após dias sem transar — mais precisamente desde que o Maurício chegou a Angra, porque ora eu o estava ajudando, ora o Fábio estava de serviço —, eu me encontro em um estão crítico, querendo subir nas paredes. Então, quando ele morde o lóbulo da minha orelha e pergunta se eu quero sair daqui, não penso duas vezes.

— Quero!

Ele me puxa para fora da rodinha formada e nos leva para a pousada. O que mais preciso é que o Fábio me faça esquecer o meu melhor amigo de uma vez por todas. Eu nunca quis tanto isso quanto quero hoje.



Acordo confusa e com o corpo um pouco dolorido. Não posso negar que era justamente o que eu precisava. Sua boca esteve em todos os lugares que eu necessitava e a minha não deixou por menos. Foi bom sentir que a gente continua conectado na cama.

Não tenho noção de que horas são, mas ao olhar pela janela vejo que ainda está escuro. Pego o meu celular e descubro que são 2h da manhã, porém a minha cabeça não parece saber disso. Olho para o lado e Fábio está em um sono pesado. Nem parece o policial durão com cara de mal que o povo comenta.

Afasto o lençol, levanto-me da cama e, nua, procuro o meu vestido pelo quarto. Eu o encontro perto da porta e o visto rapidamente, junto com a calcinha. Dou mais uma olhada em Fábio e ele continua do mesmo jeito. Ajeito meus cabelos com os dedos, pego minha carteira, calço um chinelo e resolvo andar um pouco. Aposto que ainda tem movimento nas ruas da Vila. Estamos na alta temporada, o que indica muitos turistas zanzando.

A pousada é honesta, aconchegante e bem localizada. Maurício foi sagaz ao escolher este lugar. Quando passo pela recepção, tomo um susto com a sombra de um homem bebendo o que parece ser uma cerveja, sozinho, em um dos sofás da entrada. Chego mais perto e fico ainda mais surpresa.

— Maurício? — sussurro em meio ao silêncio da madrugada.

Ele levanta a cabeça e seus olhos varrem meu corpo descaradamente.

— Por que a princesa está acordada? A noite não está sendo boa? — sua entonação é sarcástica e é óbvio que ele não está sóbrio. — Percebeu que você é areia demais para aquele caminhãozinho?

Ele começa a rir baixinho e volta a beber. Constato que é cerveja mesmo. Não vou considerar sua pergunta ridícula, pois claramente ele está bêbado.

— O que você está fazendo aqui fora?

— Um homem não pode ter um pouco de paz?

— O que aconteceu, Maurício? — resolvo sentar ao seu lado e coloco uma mão em seu ombro. — Pode falar comigo!

Ele ri novamente e balança a cabeça.

— *Pode falar comigo!* — replica minha fala.

— Por que isso? O que foi que eu fiz?

— Paula, é comigo. Não se preocupa. Vai fazer o que você estava indo fazer.

— Vem comigo. Quero beber alguma coisa também — chamo.

— Nisso eu posso te ajudar. — Ele se levanta, um pouco desorientado, mas se recompõe quando começamos a caminhar em direção ao barzinho.

As ruas são de paralelepípedo e Maurício tem um pouco de dificuldade em não tropeçar.

— Vamos nos sentar aqui — digo, apontando para uma mesinha com duas cadeiras. Como eu imaginava, o bar ainda está cheio.

Eu nunca vi meu amigo assim e estou preocupada. Será que ele brigou com a namorada? Um garçom aparece e eu pergunto se tem *caipiroska* de lichia.

— Infelizmente, não, menina, mas temos uma cachaça com gengibre que é a mais vendida da casa.

— É mesmo? — isso muito me interessa. — Então, quero uma. Você vai querer mais alguma coisa, Maurício?

— Só uma cerveja, meu amigo — ele pede para o senhor, que anota tudo em seu caderninho. — Se eu misturar cachaça agora não vou conseguir acordar amanhã.

O garçom sorri e se retira.

Estamos quietos. Deixo meu amigo em seu mundinho particular, bebendo sua cerveja e eu tomo a terceira dose de cachaça com gengibre. *Porra, que coisa boa isso aqui!* E perigosa. Já estou sentindo um calor fora do normal e minhas mãos estão dormentes. Geralmente, demoro a ficar no grau quando estou bebendo minhas *caipis*, mas essa cachaça está subindo rápido demais.

Com uma coragem que só a bebida pode me dar, tento conversar com o Maurício novamente:

— Você não vai me falar mesmo o que aconteceu? Cadê a porra da promessa que você fez no cinema, de que a gente falaria tudo um para o outro?

Ele me observa por alguns segundos antes de retrucar:

— Acho melhor não falarmos nada no nosso estado, Paula. Vamos curtir a nossa onda e só.

Sábio, porém não me convence.

— Sério que você vai me deixar no escuro, Maurício? Cadê a sua namorada? Vocês brigaram?

Ele respira fundo e se joga, derrotado, na cadeira. Só agora analiso suas roupas. Ele está com uma bermuda listrada de moletom e uma blusa com um fusca e uma prancha em cima, que no peitoral forte fica justa. Seu corpo está mais bronzeado do que eu já vi um dia. Mesmo com um homem lindo na minha cama, sou incapaz de ser indiferente ao que este cara me faz sentir.

Desvio o olhar, mas não a tempo.

— Gosta do que vê?

— Só estava reparando na sua roupa. Gostei da blusa.

— Sei... — murmura. — Esse seu vestido... — ele começa a falar, mas para.

— O que tem o meu vestido?

— Só posso dizer que se a gente não fosse amigo, eu faria um estrago nele.

Começo a tossir sem parar e ele apenas sorri de lado, entornando cerveja na boca rosada e perfeitamente desenhada. Peço uma água para o garçom, e prontamente sou atendida. Logo que melhoro, consigo dizer:

— Você só pode estar bêbado mesmo, garoto.

— Se você diz...

— Que saco, Maurício. Vou voltar para a pousada.

— Não faz isso, Paula. — Ele segura minha mão. — Vamos nos divertir aqui. Quer dançar um pouco? Ainda tem uma galerinha curtindo forró ali.

Olho para onde eu estava dançando com Fábio mais cedo e vejo alguns casais. Não sei se é boa ideia. Eu não estou sóbria, Maurício também não. O alarme soa na minha cabeça, porém, quando vou responder que não, sou puxada. Meu amigo me leva até a galera e gruda o meu corpo no dele de um jeito que eu não tenho como sair.

Começamos a *forrozear* e o álcool me deixa bem mais leve. Por estar sem salto, fico muito baixinha e Maurício precisa ficar curvado na minha direção. Ele encosta sua testa na minha e dançamos em passos mais lentos do que o normal por conta da bebida. Diferente do que foi com o Fábio, nossa dança é mais intensa, só que menos desenfreada. Sua boca desce até minha

orelha e diz:

— Eu penso em fazer isso desde quando éramos adolescentes. Dançar com você, tendo a lua como testemunha, na Ilha Grande.

— É mesmo?

— Sim. Só não poderia contar que você se transformaria nesta mulher deslumbrante. O tempo caprichou com você, Paula. Não pensei que te veria com esses cabelos loiros chegando à cintura ou que o seu rosto pudesse ficar ainda mais delicado ou mesmo que você seria tão decidida. Você é a coisinha mais linda que eu conheço.

Ficamos em silêncio. Minha pele está quente, meus pelos arrepiados, meu coração quase saltando do peito. Sua bochecha encosta na minha e faz uma carícia tímida. Estamos em um ponto perigoso.

— Minha vontade é... — ele começa, mas não termina.

— Maurício!

Paramos e viramos na direção da voz. Danielle. Ela tenta sorrir, mas só consegue esboçar uma careta. Parece sem jeito, cansada.

— Desculpa interromper vocês, mas fiquei preocupada. Você não voltou para o quarto. — Ela se dirige ao meu amigo.

— Eu precisava me distrair e, por acaso, encontrei a Paula na recepção. — É a única coisa que ele diz.

— Entendi. Bom, não quero atrapalhar. Eu... — ela começa a dizer.

— Não. Nada disso, Danielle. Eu vou voltar para a pousada. Conversem, porque eu acho que estão precisando. Amanhã teremos um longo dia pela frente e vocês precisam ficar bem. — Chego mais perto dela e digo em voz baixa: — Só pega leve, porque ele já bebeu bastante.

— Obrigada, Paula! — ela murmura de volta, tocando meu braço.

Não tenho coragem de olhar para o rosto dele quando começo a caminhar na companhia das minhas dúvidas. O que ele ia dizer com "*minha vontade é...*"? *Minha vontade é*??? E aquele carinho que o seu rosto estava fazendo no meu? Que droga! Será que foi tudo efeito da bebida? Por que sempre que eu quero me afastar dele, alguma coisa acontece para me jogar em seus braços de novo?

O jeito é tentar dormir um pouco e esperar pelo próximo capítulo da novela que é a minha vida.



O que era para ser um final de semana para espairecer, está se tornando um desafio para não fazer *merda. Porra!* Por pouco não estrago tudo.

Como eu pude ser tão irresponsável? Tudo desandou de vez quando eu e Danielle tivemos uma DR na noite passada. O motivo? Ela não parava de falar em como estava desperdiçando seu tempo em um passeio para me agradar e eu ainda não tinha tomado uma decisão sobre o nosso futuro. Ela quer que eu a peça em casamento, mas, *porra*, eu não estou preparado e o episódio de ontem só comprovou isso.

Deus sabe o quanto eu venho me esforçando para fazer tudo certo, para seguir em frente sem ficar sonhando com o impossível, porém *vê-la* dançando com o seu "namorado" foi *foda*. *Caralho*, a minha vontade era me levantar e dizer: *não dance assim com ela, filho da puta. Ela é minha!* Mas quem eu sou além do seu ex-atual-melhor amigo, não é?! Situação de *merda* a minha.

Eu não suportei presenciar aquilo. Era demais para mim e para o órgão que batia acelerado no meu peito toda vez que eu a via. Afinal, são anos alimentando um amor que nunca foi correspondido, não por culpa dela, mas por

covardia minha.

Em um rompante, levantei da cadeira do bar e disse para Danielle que precisava andar um pouco. Com isso, ela já imaginou que o motivo era porque eu não queria casar com ela, que eu não a amava e etc. O que ela tem de linda, tem de mimada, e eu não estava com paciência para aquilo, não naquela hora.

Em vez de andar para refletir sozinho, eu decidi levá-la de volta para a pousada a fim de conversarmos. Mesmo distante, a imagem *dela* dançando com aquele vestido verde curto não parava de me visitar. Que corpo era aquele! Como *ela* pôde ter ficado ainda melhor do que antes? Eu não consigo assimilar o quanto a sua beleza e a sua personalidade mexem comigo.

Contudo coloquei a cabeça no lugar e disse para a minha namorada que ela precisava ter calma, porque eu não funcionava sob pressão. Casar era um passo gigante em uma relação e não poderia ser resolvido de qualquer jeito. Ela pareceu entender e disse que estava cansada, mas eu ainda precisava distrair minha mente. Então, eu falei que precisava sair e ela não se opôs.

Até que o destino quis jogar sujo de novo. Eu já estava consideravelmente bêbado e adivinha quem apareceu no começo da madrugada e me chamou para beber? *Ela*. A mulher que me tira do sério e ocupa meus pensamentos e coração há anos.

Houve uma época em que éramos nós dois contra o mundo, onde um apoiava o outro e encontrávamos um lugar seguro em nossos abraços — porém eu sempre quis mais que amizade. Eu ainda não entendo como tudo acabou. Como nos distanciamos e nos tornamos dois desconhecidos. Eu fiquei tão cego para consertar as coisas entre a gente assim que cheguei a Angra, que nem me liguei que isto acabaria ressuscitando sentimentos adormecidos.

Eu não imaginei que eles estariam mais vivos do que nunca e só precisavam de um empurrãozinho. Quando a vi no Curral, depois de tanto

tempo... *Puta que pariu*! Eu soube que nunca poderia pertencer inteiramente a outra pessoa. Uma parte minha sempre seria dela.

Por um bom tempo eu pensei em me declarar. Ainda estávamos no colégio, ela era minha melhor amiga, minha parceira de crime, como costumávamos brincar... *Minha garota*, ela só não sabia disso, mas o medo de perder a sua amizade me travou e eu não tive coragem de levar o plano adiante. Ela acharia que era loucura minha e nossa amizade era valiosa demais para mim, por isso preferi ficar na minha e jogar aquele sentimento forte lá no fundo do meu peito. *Porra*! Só de vê-la o meu dia se transformava. Tudo ficava melhor, mais colorido, com mais sentido, com mais vida.

Quando entrei na faculdade, não foi nada fácil andar pelos corredores da universidade e não esbarrar com aquela garota de intensos olhos azuis e cabelos loiríssimos. Não receber o abraço daquela menina de pele bronzeada e corpo perfeito. Mas, acima de tudo, não foi nada fácil não ter a minha melhor amiga ao meu lado.

Eu não menti quando disse que os primeiros anos de Medicina me drenaram tanto que eu pensei que não iria aguentar. Não consigo contar nos dedos quantas vezes pensei em desistir, quantas vezes eu procurei minha amiga para conversar, mas ela achou que eu tinha a abandonado e fechou as portas do seu mundo. Eu me senti o cara mais miserável da Terra e foquei só nos estudos. Até que, depois de muito negar as investidas das garotas, eu resolvi sair com a Dani.

Ela era linda, estava fazendo Medicina também, tinha os mesmos ideais que eu e foi a deixa para que a gente começasse a sair. Não que eu tivesse esquecido a Paula, claro que não, mas eu precisava viver e tirar aquela loirinha da minha cabeça de alguma forma. Então, anos mais tarde, surgiu a oportunidade de prestar concurso para o hospital daqui e não perdi tempo. Isto sempre fez parte do meu sonho. Mais surpreso fiquei quando eu soube que passei em

primeiro lugar. Ao mesmo tempo que fiquei radiante, uma pontada de tristeza me fez lembrar que eu queria ter a minha melhor amiga vibrando comigo.

Eu ainda não sabia como seria voltar para minha cidade natal, conversar com a Paula e resolver o nosso mal-entendido, mas as coisas aconteceram naturalmente. Sem querer, fui parar no seu prédio e, aos poucos, estamos resgatando nossa amizade. Porém eu não estava preparado para vê-la com outro cara, mesmo dizendo que o relacionamento deles não é bem um relacionamento. É a mesma coisa para mim. Ela tem alguém e isso me deixou péssimo. Só que eu também tenho alguém, não tenho?

Uma droga querer tanto uma pessoa e não poder *tê-la*. Olhar para ela e desejá-la tanto a ponto de não conseguir ficar no mesmo ambiente. Ter o seu corpo tão perto do meu e não poder beijar sua boca, seu pescoço, sua nuca, morder seu queixo, lamber cada traço daquelas tatuagens que a deixam sexy pra *caralho* e passar minhas mãos pelas suas curvas pequenas e perfeitas.

Contudo eu me conformo em ser apenas seu amigo e jogo para longe o que sinto de verdade. Por mim, eu não a deixarei sair da minha vida novamente.

Suspiro e Fábio deve ter percebido que estou inquieto.

— Está tudo bem, cara?

Olho em sua direção por alguns segundos. Estamos apenas eu e ele sentados na sala da lancha, vendo TV, cada um está perdido em seus próprios pensamentos. Saímos cedinho do Abraão e já visitamos Lopes Mendes, Caxadaço e Dois Rios. Agora, estamos a caminho da Parnaioca, mas tenho outros planos e Fábio já está ciente.

— Sim, tranquilo! A Paula está lá em cima, né?

Eu nem sei por que a evitei até agora, porém precisava de um tempo para respirar sem sentir o seu cheiro peculiar, um perfume que é só dela.

— Sim, acabei de voltar de lá e disse que você tem uma surpresa *pra* ela. Adivinha como ela ficou?

— Ansiosa *pra caralho*! — respondo, abrindo um sorriso de leve. Fazê-la feliz me deixa feliz e tenho certeza de que ela vai amar o que preparei.

— Exatamente.

— E vocês? Como estão? — resolvo perguntar, mas depois é que eu me toco que posso estar sendo invasivo. — Desculpa, eu não...

— Sem problemas, Maurício. Eu sei que você se preocupa com ela. Estamos bem. Tem horas que ela parece estar mais próxima, mas logo se distancia. Eu nunca consigo ficar muito tempo com a Paula carinhosa, que quer ser amada. Na maioria das vezes, estou com a Paula fria, arredia e que só quer sexo.

Ouvir sobre a vida sexual da Paula com outro cara não é bem o que eu estava esperando, mas fico intrigado.

— Por você, as coisas seriam diferentes, imagino...

— Ah, por mim eu já teria pedido aquela mulher em casamento, Maurício. Mas, *porra*, ou o coração dela é de gelo ou ela se decepcionou tanto que até hoje não conseguiu se reerguer. Sinceramente, já tentei conversar, diversas vezes por sinal, e não adianta. Ela sempre foge.

Mais uma coisa que eu não esperava ouvir. Eu pensei que tanto a Paula quanto o Fábio quisessem ter um relacionamento aberto e sem compromisso, contudo o que estou vendo é que o Fábio a ama e, para não *perdê-la*, faz as suas vontades. Que *merda*! O que aconteceu com ela? Eu preciso dar um jeito de descobrir.

— Caramba, Fábio. Não posso sequer imaginar o que pode ter acontecido. Eu sei que a perda da nossa amizade a deixou muito mal, mas não

creio que tenha relação com isto.

— É, cara, eu também não sei. Enquanto ela quiser que eu fique ao seu lado, eu fico, porém não tem um dia que eu não pense que ela vai me enxotar a qualquer momento. Aquela mulher é imprevisível.

Estou surpreso com suas revelações e nunca estive tão disposto a descobrir o que está acontecendo com a minha amiga. Estou realmente preocupado. Olho para o relógio e só falta 15 minutos.

— Fábio, desculpa cortar o assunto, mas preciso subir para falar com a Paula sobre a surpresa.

— Claro, Maurício.

Caminho até um dos quartos e encontro Danielle deitada, folheando uma revista. Apesar de termos visitado praias lindas, e ter ficado realmente impressionada, Dani não tem espírito aventureiro e, quando tem a chance, *se* afasta para ficar sozinha.

— Olá! Estou indo. Você não quer ir mesmo? — pergunto, mas já sei a resposta.

— Não, Maurício. Eu odeio lugares fechados e não vejo a menor graça nisso. Pode ir com a sua amiga. Nós nos encontramos depois na pousada. — Ela volta a fazer o que estava fazendo.

Danielle não gostou de me ver dançando com a Paula e eu não a julgo por isso. Sabe Deus o que eu teria feito se ela não tivesse aparecido. Eu a observo, linda, com um futuro brilhante, uma mulher que qualquer homem faria de tudo para ter, mas... eu não a amo. Sinto uma tristeza tão grande por isso que não consigo falar mais nada e me afasto, fechando a porta.

A única coisa que me vem à mente é que, assim que chegarmos a Angra, vou terminar com ela. Não posso deixar que a Dani fique no meio da minha

bagunça, muito menos agora que estou tão perto da mulher que eu sempre amei. Não que eu tenha alguma esperança de um dia ficar com a Paula, mas prefiro estar sozinho a carregar alguém para um relacionamento infeliz.

Subo as escadas e encontro a personificação dos meus sonhos deitada de bruços em um dos grandes colchonetes da proa. Sua visão me faz perder o ar. Não é só algo carnal, mas é *toda* ela. Em toda sua pequena estatura, sua alma, *apenas ela*.

O biquíni preto deixa sua pele ainda mais bronzeada. Ela está com os cabelos presos em um coque e tem o rosto virado para o mar. Perfeita demais! Ciente de que não tenho mais tempo para apreciar a bela vista, chego mais perto e arranho a garganta. Ela me ouve e senta rapidamente.

Porra! Ela está toda vermelha, o que ressalta a sua boca carnuda e os olhos azuis. E, quando solta os cabelos, longos e espessos, preciso me segurar para não avançar e colocar a mão na sua nuca até trazê-la para a minha.

— O que foi? — pergunta, tirando-me da minha loucura interna.

— O Fábio te disse que tenho uma surpresa, não é?

Ela abre aquele sorriso. Aquele sorriso que me mata um pouco cada vez que é direcionado a mim. Que *merda* de amigo eu sou! Não queria me afetar tanto, mas está cada vez mais difícil de conter.

— Sim, ele disse! Vai me contar, é?

— Então, preciso que você esteja pronta em cinco minutos.

— O quê? Pronta para quê?

— Coloca aquele seu short jeans, a blusinha que você vestia mais cedo e uma toalha para se secar. Ah, e um chinelo.

— Ai, meu Deus! O que você está aprontando, garoto?

Garoto. Adoro quando ela me chama assim, porque sei que é uma coisa só nossa, independentemente da idade que temos. Paula parece um peru tonto, procurando as roupas e o chinelo, mas até que encontra tudo rápido e se arruma a tempo.

Uma lancha menor chega ao nosso lado, e um rapaz grita de lá de dentro:

— Maurício?

— Opa! Sou eu. Já estamos indo — grito de volta e minha amiga está com os olhos arregalados.

— Posso saber para onde a gente vai sem o Fábio e a sua namorada?

— Para um lugar a que estou querendo te levar desde quando eu tinha 17 anos, e ao qual você sempre sonhou ir. Quanto ao Fábio e a Dani, eles não curtiram a ideia por não se sentirem à vontade com o... espaço, digamos assim.

— Nossa, eu não estou entendendo nada, mas vou confiar em você. E o Aventureiro, hein? Pensei que fosse conseguir aproveitar agora que estamos quase chegando.

Eu sei que ela ama esta praia, mas quando fui reservar a surpresa ontem, em uma agência na Vila do Abraão, só tinha para este horário e não poderia perder aquela chance. O mar está como um lago, tranquilíssimo, e não é sempre que os dias são tão favoráveis assim para o tipo de lugar a que vamos. Por isto é que decidi abrir mão do resto do roteiro.

— Você vai ter que escolher, Paulinha. Ficar no Aventureiro, sendo que você já conhece a praia muito bem, ou desbravar um lugar novo, que, inclusive, será novidade para mim. Depois vamos direto para o Saco do Céu, onde ficaremos naquela pousada que te falei, que fica ao lado de um dos melhores restaurantes da região. O Fábio e a Dani já estarão lá.

Ela não pensa duas vezes e por isto eu a admiro tanto. Para ela não tem

tempo ruim.

— Ok. Vamos logo!



A voz de Adam Levine cantando *What Lovers Do* sai em volume máximo das caixas de som da lancha. Meus cabelos molhados chicoteiam meu rosto por causa da velocidade e, consequentemente, do vento, mas não me esforço para arrumá-los. O mar me hipnotiza, resplandecendo com o brilho do sol forte que embeleza o céu azul de Angra dos Reis.

Suspiro.

Pensei que hoje sentiria o clima estranho, mas muito pelo contrário. Maurício e Danielle estão agindo como se nada tivesse acontecido, como se o meu amigo não tivesse ficado podre de bêbado. Será possível que foi tudo coisa da minha imaginação? Não, claro que não foi, a dor de cabeça que senti logo que levantei foi bem real. Apesar de não ter estrondado na bebida, não estou acostumada a beber cachaça e, nossa, aquela era forte demais.

Estou sentada na parte mais alta da embarcação, reforçando meu bronze, e o resto do pessoal preferiu ficar lá embaixo. Eu precisava pensar. Pensar na vida. Pensar no que eu estou fazendo, para onde estou indo, nas palavras não ditas de Maurício. *Principalmente nas palavras não ditas de Maurício.*

Depois que voltei para o meu quarto, no meio da madrugada, não consegui mais dormir. Virava de um lado para o outro e o bendito sussurro do meu melhor amigo não parava de ecoar na minha cabeça.

Minha vontade é... Será que um dia eu saberei o significado desta frase?

— Você vai ficar preta, Paula!

Fábio chega e se senta perto de mim.

— Ah, sabe Deus quando vou pegar um sol desse de novo, mas fique tranquilo que estou usando o fator máximo de proteção.

— Como se fizesse muita diferença com esse maçarico ligado — ele diz e caímos na risada. Ele tem razão, mas está tão bom. — Estou te achando meio aérea desde que saímos do Abraão. Aconteceu alguma coisa?

Faço minha melhor expressão de não-sei-do-que-você-está-falando e respondo:

— Não, está tudo ótimo.

— Hum... Então tudo bem. Eu vim aqui para te falar que o Maurício tem uma surpresa para você.

Franzo minha testa e só agora olho para o seu rosto.

— Surpresa? Para mim?

— É. Acho que você vai gostar. Logo ele sobe e você vai saber o que é. — E, *se* afastando de mim, ele abre um sorriso enorme, sabendo que se ficasse por aqui eu faria com que abrisse a boca.

Ah, meu Deus! O que será que o Maurício está armando? A expectativa faz com que eu não pense em mais nada a não ser na bendita surpresa.



Ainda não consigo acreditar que eu e o meu amigo estamos indo para um lugar que não tenho ideia de onde seja, em uma lancha bem menor que a outra, mas não menos aconchegante. Confesso que fiquei um pouco triste por saber que não irei no Aventureiro. Eu estava ansiosa para rever aquele lugar, mas não poderia negar a proposta do Maurício. Ele sabe o quanto amo aquela praia e não faria nada que eu não fosse curtir.

— Vai demorar muito? — minha voz sai tão ansiosa, que pareço ter 15 anos.

— Calma, garota! — ele responde, rindo da minha impaciência. O brilho nos seus olhos é tão notável, que só por isso eu sei que vou amar a sua surpresa. — Já já chegamos.

O marinheiro diz que vai ligar o som, e eu mais que depressa concordo. Combinação perfeita: sol + mar + música + Maurício. Quando começa a tocar *Despacito*, eu levanto do assento e me apoio na poltrona do rapaz para não cair, já que estamos em alta velocidade. O trânsito de lanchas, traineiras e *jet skis* é intenso, afinal, é a época que traz mais turistas.

Começo a cantar com empolgação e meu amigo me olha, sorrindo com a minha performance. Ele parece não aguentar, porque logo está ao meu lado, segurando-se no mesmo lugar para ficar em pé. Levantamos as mãos livres, balançamos o corpo e cantamos juntos:

Pasito a pasito, suave suavecito
Nos vamos pegando, poquito a poquito
Cuando tú me besas con esa destreza
Veo que eres malicia con delicadeza

Pasito a pasito, suave suavecito
Nos vamos pegando, poquito a poquito
Y es que esa belleza es un rompecabezas
Pero pa montarlo aquí tengo la pieza

Ficamos de frente um para o outro, ondulando nossos corpos ao ritmo da música e fica difícil não rir quando nos chocamos com força por conta de uma manobra que o marinheiro precisou fazer para não pegar a onda que outra embarcação formou.

— Você se lembra daquela vez quando a gente veio para a Ilha Grande com os seus pais, e você estava morrendo de medo de cair do barco e ser esquecida no mar? — Mauricio grita para que eu possa *ouvi-lo* acima do som do motor e da música.

Reviro os olhos com a lembrança. Eu deveria ter uns 14 anos, por aí.

— Caraca, claro que eu lembro. Eu fiquei encolhida no meio do barco por 1h até chegarmos ao nosso destino para evitar o perigo de alguém me empurrar acidentalmente.

Caímos na risada. E ainda rindo, lembro-me de outro episódio:

— E aquela vez que viemos para a praia de Freguesia de Santana com o pessoal do Colégio e você quase perdeu o barco porque ficou se pegando com uma garota?

— Não foi bem assim — ele tenta justificar, mas intercepto.

— Foi bem assim, sim. Todo mundo já estava dentro do saveiro e você apareceu correndo, do nada, de mãos dadas com a garota.

— Ok. Culpado. Mas nem vem que você também não era uma santinha,

não, Paula.

— Eu? Em comparação com você, era sim.

Ele vai falar mais alguma coisa, mas o rapaz chama sua atenção:

— Maurício, chegamos!

A velocidade é reduzida aos poucos e, quando não vejo praia alguma, apenas uma costa rochosa com alguns pneus entre o mar e a pedra — que servem para não machucar o casco das embarcações quando estacionam —, tomo ciência de onde estamos.

Eu só vi este lugar por meio de fotos e pesquisas na Internet. Nós passaríamos aqui na nossa expedição de volta à Ilha Grande, e o Maurício sabe que eu sou louca para conhecer desde a adolescência. A correria da vida e o desânimo de depois de passar anos sem o meu melhor amigo do meu lado me impediram de visitá-lo. Agora, estar tão perto, e com ele, *me* deixa emocionada. Impossível não ficar com os olhos marejados. Agarrando-me por trás, ele sussurra:

— Surpresa!

Viro-me para ele e trago o seu rosto até mim, beijando sua bochecha delicadamente.

— Obrigada, garoto! Enfim, estamos aqui, juntos, eu... — Ele coloca o polegar nos meus lábios.

— Ei... Eu também estou muito feliz por isso. Você não imagina o quanto. — Seus dedos tiram as mechas que se soltaram do meu coque bagunçado pelo vento. — Vamos! Você se lembra de que só dá para aproveitar bem enquanto o sol está forte, não é?

— Sim, claro. Vamos logo.

Gruta do Acaiá. Este é o nome do nosso destino. Se me dissessem que existia uma praia subterrânea antes de saber sobre a gruta, nunca acreditaria.

Ela fica a mais ou menos 5 metros abaixo do nível do mar. A costa que a gente vê ao chegar de barco possui uma fenda e é por onde a água tem acesso a um salão subterrâneo. Este salão é considerado como uma praia de pedra subterrânea. Isso mesmo! A luz solar, propagada na água, forma o fenômeno da fluorescência, que é incrível. Na escuridão da caverna, pelas fotos que vi, é como se tivessem ligado alguma luz neon, mas é somente o reflexo do sol na água e, por isso, só dá para aproveitar este fenômeno quando há sol.

Um dos meus maiores receios quando li sobre este lugar foi saber que o acesso não é fácil. A gente precisa descer por uma passagem estreita, literalmente rastejando, e isso para mim será o mais difícil. Contudo tentarei pensar no que eu verei lá dentro, tenho certeza de que compensará qualquer coisa.

Maurício pega a minha mão ao me ajudar a sair da lancha e caminhamos sobre a rocha. É muito engraçado, pois quem não sabe que aqui existe uma gruta, sempre vai passar despercebido. Só tem mata e pedra. O ditado “quem vê cara, não vê coração” nunca fez tanto sentido.

Após pagarmos a nossa entrada — um valor para preservação e manutenção da gruta —, chegamos a um buraco que possui uma escadinha de madeira para a auxiliar a descida.

— Uau. O negócio parece ser tenso, hein? — pergunto para o Maurício, fingindo estar calma e tranquila, mas ele percebe minha hesitação.

— Você vai tirar de letra, Paulinha. Posso descer primeiro?

— Tudo bem.

Chego para o lado e meu amigo desce a escada.

— Pode vir.

Caramba, quando disseram que era necessário rastejar, não estavam mentindo.

— É melhor você ir. Qualquer coisa estarei bem atrás de você!

Agora entendi o motivo do Fábio e da Danielle não quererem vir. Eles sabiam do plano do Maurício e ambos não gostam de lugares fechados, mergulho e tudo o mais que os limite de alguma forma.

— Se eu não conseguir...

— Você vai conseguir, Paula. Vai logo!!! — ele fala e sorri.

No seu sorriso eu encontro a minha paz e sei que vai dar tudo certo. Rastejo os 10 metros, respiro fundo buscando ar e soltando devagar, até chegar à caverna escura.

Meu. Deus. Do. Céu. Que lugar é esse? Eu não tenho como levantar, porque, segundo informação logo na entrada, a gruta tem 60 centímetros de altura, então, fico sentada. Por um momento, imagino que posso ter desmaiado e que estou sonhando, mas quando sinto o homem responsável por me trazer até aqui, sentando-se atrás de mim com as pernas abertas, puxando meu corpo para si, sei que estou bem-acordada.

Nenhuma foto ou imagem faz jus à beleza que estou tendo o privilégio de presenciar. Não era mentira ou lenda, eu estou *vendo* a linha cor neon saindo da fenda por onde a luz do sol atravessa.

Balanço minha cabeça, ainda sem acreditar.

— O que foi? Não gostou?

A voz baixa de Maurício parece preocupada e meu corpo tem um espasmo com a risada baixa que eu solto. Viro para o lado, apenas para que ele

veja metade do meu rosto, quando digo:

— Você está louco? É a coisa mais incrível que eu já vi! O lugar mais lindo em que já estive. Eu estou balançando a cabeça, pois não estou acreditando que isso é real... Bem na nossa cidade, e demoramos tanto tempo para conhecer...

— Eu não posso discordar de nada. É espetacular! Eu acho que tudo tem um motivo, um modo de ser. Se só viemos agora é porque tinha que ser assim.

— Você tem razão. Se eu tivesse vindo sozinha, não teria a mesma beleza que estou vendo neste momento... com você...

— Eu sei. Eu sei, garota.

Ele beija a minha nuca e me aperta mais contra o seu corpo. Se eu morresse agora, morreria feliz, porque já estou no paraíso.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro — respondo, admirando tudo ao meu redor minuciosamente.

— O que aconteceu com você? Estive conversando com o Fábio... — Ele vacila e percebo que está sendo cuidadoso ao escolher suas palavras. — ... E ele me contou que a história do relacionamento aberto partiu de você. Porque você tem uma certa... dificuldade de se relacionar. Segundo ele, tem horas que você age com carinho, mas, na maioria das vezes, é fria. Só quer sexo e pronto.

Balanço a cabeça, sem acreditar que o Fábio se abriu desse jeito para o Maurício. Ele só pode estar desesperado para expor a minha vida desse jeito. Tento me afastar, mas meu amigo me segura com força.

— Maurício, não aconteceu nada comigo. Eu só... Eu só acho que não sirvo para estar em um relacionamento sério. Ainda não encontrei um homem a quem valesse a pena dar o meu amor — minto descaradamente, mas não posso admitir logo para ele toda a verdade.

— Tem certeza? Você nunca amou alguém?

— Eu te amo, oras! — Tento brincar para dissipar o clima tenso que se estabeleceu, mas ele não sorri.

Sinto uma vontade gigante de gritar bem no seu rosto que eu o amo desde sempre, mas ainda não fiquei maluca. Isso acabaria com a nossa amizade e não quero *perdê-lo* de novo.

— Eu também te amo, Paula! — diz, sem qualquer divertimento. Ele pega meu queixo de um jeito que consigo ver metade do seu rosto. — Muito.

Engulo em seco, minha alma gritando para que aquelas palavras sejam direcionadas de outra forma. Que nada tem a ver com amor fraterno.



— Vamos aproveitar e entrar um pouco na água? — ele pergunta e eu agradeço internamente por não continuarmos com aquela conversa.

— Claro!

Apesar de ter mais dois casais e dois adolescentes, é como se estivéssemos a sós. Tiramos nossas roupas e descemos sentados, com cuidado para não ralar nada, e entramos. A água está gelada.

— Ui! — grito e ele ri.

— Com frio?

— Esqueci que aqui não tem sol *pra* gente se esquentar.

— Eu te esquento.

Estamos com os joelhos dobrados para não batermos com a cabeça na rocha, ele me envolve com os seus braços fortes; eu o abraço de volta. Aconchego-me em seu peito e ouço seu coração bater tão acelerado que tomo um susto, porém, para não estragar o momento, prefiro ficar na minha.

Sem falar nada, ele pega minhas pernas e as entrelaça em sua cintura. O contato fica íntimo demais. Afasto-me e olho para o seu rosto. *Ele é meu amigo*, trato de lembrar. *Ele não está vendo maldade*, digo para mim. *É coisa da minha cabeça, ele só fez isso para ficarmos à vontade, não é nada de mais...*

— O que foi? — pergunta, a testa franzida.

Com a luz neon, seus olhos ficam como duas pedras preciosas, mas consigo enxergar que há algo de diferente.

— Nada. — Volto a me recostar em seu peito e suas mãos acariciam minhas costas de baixo para cima. Tão perfeito que fecho os olhos!

Ele me leva mais perto e se curva para lamber o meu pescoço. Sou obrigada a abrir um sorriso. Eu sei o que ele está querendo fazer. Uma hora dessas! Da última vez eu disse que ele iria me pagar.

Subo meu corpo até chegar à altura do seu pescoço e passo minha língua, bem devagar, por ali. Eu posso jurar que ele estremeceu.

— Eu disse que você iria me pagar, garoto!

— Olha quem está brincando, agora, hein? Qual foi a sensação? Sou bastante gostoso, não sou?

— Até que não — minto. *Gostoso pra caralho*, minha mente grita.

— Hum... Não sei por que eu acho que você está mentindo, garota. Posso dizer que você continua tendo o melhor gosto que já provei.

E, de repente, eu o imagino entre as minhas pernas, provando o meu gosto de verdade. Já nem sinto frio. Um calor intenso invade meus poros. Ele e suas brincadeirinhas que acabam com meu psicológico.

— Acho que terei que provar de novo — provoco.

— Pode vir — ele balbucia com a voz rouca.

Mais uma vez, subo meu corpo e demoro um pouco mais que antes. Quero prová-lo de verdade. Se ele me deu autorização, preciso aproveitar cada segundo. É como se aqui embaixo eu tivesse mais liberdade para fazer o que quero, o que sempre quis, mas nunca tive coragem. A escuridão tem suas vantagens.

Além de lamber seu pescoço, passo minha língua em seu maxilar até chegar à orelha, onde também me divirto. Sinto seus braços me apertarem mais e uma das suas mãos vai até a minha nuca. Como eu adoro que me peguem pela nuca. Mordo o lóbulo da sua orelha e ele arqueja. Será que fui longe demais? Mas quando penso que Maurício vai me fazer parar, ele vira o rosto e fica a centímetros do meu.

Ofegante, pergunta:

— E agora? Deu *pra* sentir?

Perdida em seus olhos, uma coisa não me escapa. *Puta que pariu*! Ele está com desejo. Desejo de mim.

— Quase — digo, hipnotizada tanto por seus olhos quanto pela descoberta.

Ele molha os lábios e diz:

— Eu não estou mais aguentando, Paula. Você quer me provar de verdade? Eu preciso ouvir da sua boca linda e gostosa que você quer que eu te prove de verdade. Porque, *porra*, Deus sabe o quanto eu quero, mas nunca faria...

— Eu quero!

Nem espero que ele termine de falar e, quando ouve minha resposta, ouço-o suspirar fortemente, parecendo não acreditar no que está acontecendo. Assim como eu.

Como se estivesse receoso com a possibilidade de eu me arrepender, ele me encara por alguns instantes, mas logo sua língua começa a traçar um caminho em meus lábios e penso que vou desfalecer. Deixo escapar um gemido fraco, tomando cuidado para não passar vergonha perante as outras pessoas. Abro minha boca, sedenta e impaciente, e minha língua encontra a dele. Por um momento, permanecemos em choque. Parados. Respirando com força.

Ele aperta minha nuca e leva minha boca mais para perto, mordendo meu lábio inferior e lambendo-o em seguida.

— Preciso ir devagar, Paula. São anos imaginando este momento...

Estou em um sonho. Com toda certeza estou em um sonho. Meu coração não poderia estar mais louco dentro do peito, regozijando-se pelas palavras que sempre quis ouvir. Ele não era indiferente a mim. Minha nossa! Não posso acreditar nisso.

Quando menos espero, ele me beija e é como se toda a luz neon que atravessa a gruta invadisse a minha alma. O beijo começa devagar, um reconhecendo a boca do outro, nossas línguas se acariciando em um ritmo suave e ao mesmo tempo intenso.

Dançamos não com nossos pés, mas com nossos lábios, nossas línguas, seguindo uma música silenciosa, a mais linda que já pude ouvir em toda minha vida.

Minhas pernas apertam seu quadril com mais força, meu corpo querendo deixar claro que não quer *soltá-lo* nunca mais, e ele me aperta de volta, seu braço direito segura-me no lugar e a mão esquerda agarra meus cabelos. Que homem! Que pegada! Tão perfeito.

Não percebo que estou em seu colo até que eu consigo *senti-lo* de uma maneira que nunca pensei que sentiria. Eu não sei se quero gritar porque ele me deseja ou se quero só aproveitar e senti-lo pressionando aquele ponto certeiro

entre minhas pernas.

Mordisco seu lábio inferior, sugo sua língua, e voltamos a nos beijar profundamente. Ele diminui o ritmo de repente e já começo a sentir sua ausência.

— *Puta que pariu!* — sussurra, lambendo meu pescoço até chegar a poucos centímetros do meu tomara que caia, e ambos suspiramos em expectativa. — Se estivéssemos sozinhos, eu faria tudo o que quero fazer com você há anos, bem aqui, garota, mas esses turistas idiotas estão nos atrapalhando.

Não consigo deixar de rir e ele também cai na risada, colocando as mãos gigantes em cada lado do meu rosto.

— Você tem ideia de que isto... — ele tira uma das mãos do meu rosto por um segundo para fazer um gesto apontando para nós dois — ... é o que eu sempre quis? Você é o que eu sempre quis, Paula. Só você!

Mordo meu lábio e não consigo impedir que uma lágrima role, antes de falar:

— Tenho. Porque é o que eu sempre quis também. Só você!

— Como... Como a gente deixou passar tanto tempo? Por que você nunca me falou?

— Da mesma maneira que você nunca me falou.

Ele concorda, abrindo um sorriso de lado que não chega aos olhos.

— Que *merda*! Tanto tempo perdido! — diz, os olhos vidrados, sem me olhar de fato.

— Vai saber o que poderia acontecer se a gente não soubesse, com certeza, o que queríamos, Maurício? Eu me culpei por anos, pensando que tinha perdido a minha chance de ser feliz.

— Não. Espera! — pede e coloca o polegar na minha boca com carinho. — Não vai me dizer que eu... eu fui a causa por você não querer se envolver com nenhum outro homem? Durante todos esses anos?

O que eu faço? Admito de uma vez que ele foi o único homem que amei? Ou é cedo demais? Mas já confessamos que sempre nos desejamos...

Viro meu rosto para o lado e tomo ciência de que estamos sozinhos na gruta. Maurício não deve ter percebido.

— Responde, Paula. Por favor, eu preciso saber a verdade. Toda ela.

— Sim, eu nunca consegui amar outra pessoa, porque eu sempre te amei. Sempre te amei com todo o meu coração e alma. Não tinha como me entregar de verdade para um cara se eu sempre fui sua, mesmo que você não soubesse.

Seu peito começa a subir e descer e ele me solta, arrastando-se para sentar na rocha seca.

— *Porra*! — ele sibila, ainda ofegante. Fico sem entender o que está acontecendo. — Você não tem noção... Se eu soubesse... Nós...

— Maurício, para!

Saio da água e imediatamente um vento frio me faz tremer ao me ajoelhar ao seu lado. Seguro seu rosto lindo, que tem uma expressão perturbada e inquietante, e volto a falar:

— Já basta eu ter me culpado quase a vida toda por ter perdido a sua amizade por puro capricho e imaturidade. Também me culpei demais por pensar que nunca poderia te amar desse jeito, porque sempre fomos amigos... Hoje vejo que tanta culpa não me levou a nada. Nós não precisamos sofrer. — Acaricio seus traços com delicadeza e ele fecha os olhos. — Agimos com a melhor das intenções ao pensar que a nossa amizade poderia ser afetada, e acabou que nem precisamos confessar nada para que ela se perdesse pelos anos. É uma *merda*, eu

sei muito bem, mas a gente amadureceu, você se formou, passou em um concurso; eu me formei, abri minha loja, nós nos tornamos adultos. Acho que tudo acontece por uma razão, mesmo que seja difícil de assimilar. Tudo isso me fez compreender que, hoje, eu sei bem o que quero e imagino que você também deva ter a mesma consciência.

Nem eu sei de onde tirei estas palavras. Palavras que procurei por tanto tempo, mas não encontrava. Dizer que a dor nos faz amadurecer é a mais pura verdade.

— Eu era completamente apaixonado por você, Paula.

Meu coração perde um compasso. Saber disso me deixa feliz e triste ao mesmo tempo. Feliz por saber que eu não estava sozinha e triste por ele ter usado o verbo no passado. *Era*. E continua:

— O pior é que eu fazia o mesmo que você, culpava-me por nutrir um sentimento tão forte pela minha única e melhor amiga. O momento que me separei de você foi o pior da minha vida. Chorei por dias, sozinho, antes de dormir. Sonhava com você, sentia sua falta *pra caralho*, fiquei assim por um tempo. As garotas chegavam, davam em cima de mim, mas eu não conseguia te esquecer... eu não queria te esquecer!

Ele me olha, pega minha mão e a beija.

— Então, a Dani apareceu. Por um tempo, eu projetei que ela poderia ser uma boa amiga, que ela poderia te substituir, já que você não queria mais a minha amizade.

Dói ouvir isto, mas eu mereço.

— Mas não foi nada disso que aconteceu. Ela se apaixonou por mim e disse que não poderia ser somente minha amiga. Eu estava cansado de lutar contra, de pensar só em você, e eu tinha que seguir em frente. Então, dei uma chance para tentar ver se o que eu sentia por você era amor mesmo ou apenas

saudade.

Eu entendo bem o que ele está dizendo, pois também me senti assim. Precisei sair com outros caras para ter a real noção de que eu sempre amaria o meu melhor amigo. E o Fábio foi uma perfeita válvula de escape. Maurício não consegue parar de falar e eu o ouço com atenção.

— Começamos a sair, e logo acreditei que eu poderia, sim, te esquecer, sabe? Achei realmente que tinha encontrado a mulher da minha vida ou coisa parecida, mas... — ele ri de suas memórias. — Quão idiota eu fui ao achar que poderia te esquecer? Depois de um tempo, a euforia foi passando, e eu fui percebendo que você estava de volta na minha mente, nos meus sonhos...

Faz uma pausa, respira fundo e continua:

— Terminei com ela. Eu não poderia continuar me enganando e, pior, enganando outra pessoa. Ela não ficou nada bem e eu... eu tentei aproveitar. Passei 2 anos solteiro. Saí com outras mulheres, não queria me comprometer com mais ninguém, mas, então, Danielle começou a trabalhar no mesmo hospital. — Ele abre um sorriso estranho que mais parece uma careta. — Voltamos a sair, fui me acostumando com a sua presença e, mais uma vez, acreditei que poderia ser feliz com ela. Até que resolvi fazer o concurso e passei. E qual não foi minha surpresa quando cheguei a Angra e te encontrei naquele galpão?

Ele faz suspense e eu ergo minhas sobrancelhas, querendo saber sua resposta, porém, em vez de continuar, ele me pega pela cintura e me coloca em seu colo, ajeitando meu cabelo atrás da orelha.

— Eu não tive como ignorar como o meu coração ficou quando te vi e não sabia se era saudade, alegria, excitação, amor... Mas, nesta viagem, eu descobri. Finalmente, eu descobri, Paula. Acho que, na verdade, eu venho compreendendo isto desde o momento em que começamos a nos reaproximar.

Contudo, depois que te vi dançando com o Fábio... *Porra*! Aquilo *pra* mim foi demais. Eu... eu não consegui dormir e comecei a beber. Eu estava perdido, sem saber o que pensar, se me declarava de uma vez, se me afastava... E aí, você apareceu e disse que queria beber.

Sinto a força que faz ao se controlar e abrir o coração.

— Eu fiquei te olhando durante todo o tempo no bar, tentando ver se havia algo que indicasse que você poderia sentir o mesmo por mim. Quando começamos a dançar... Ah, eu senti alguma coisa ali. Eu senti que você não estava indiferente ao meu toque. No momento em que eu ia dizer o que sentia, que eu sempre te quis, a Dani apareceu.

— Caraca, Maurício! Eu nem dormi por causa daquilo. Tentei conjecturar, adivinhar o que poderia ser, mas em nenhum momento passou na minha cabeça que você iria dizer algo assim. — Ele abre um sorriso de lado.

— O que quero dizer é que eu era apaixonado lá atrás, mas, hoje, eu te amo, Paula. Eu não sabia que existia a possibilidade de um sentimento ser tão avassalador como esse tal amor! Amo sua amizade, seus sorrisos, suas lágrimas, sua determinação, seu gênio forte, sua risada descontrolada...

Impossível não rir, mesmo com o rosto molhado e vermelho de tanta emoção.

— Suas tatuagens que me deixam louco, seus olhos intensos, seus cabelos de sol, seu rosto delicado, suas sardas, suas curvas perfeitas, seus defeitos, suas manias e, principalmente, amo sua alma.

Coloco meu rosto em seu pescoço e choro de verdade. Tantas emoções me envolvem, há tanto que eu queria dizer, mas não consigo. É como se, pela primeira vez, eu soubesse que a minha vida tem um propósito.

Ele beija meu ombro e suas mãos deslizam pela minha cintura.

— Eu te amo... — ele repete, como se ainda não acreditasse que finalmente pode falar em voz alta e eu abro o maior sorriso que sou capaz de dar.

Será que tudo isto é real mesmo?

Afasto-me um pouco, desgrudando meu corpo do dele, e Maurício continua deslizando seus dedos ágeis por toda parte, aquecendo cada pedacinho de pele. Minhas tatuagens não escapam do seu toque, e é inevitável ofegar com o carinho. Mesmo com a luz esverdeada iluminando a gruta, consigo notar que seus olhos azuis estão escuros de desejo, enquanto acompanham o que seus próprios dedos estão fazendo.

Sentada em seu colo, eu o sinto excitado novamente. Ele resolve brincar com meu biquíni, um sorriso sacana despontando em seus lábios, querendo ver o restante do desenho entre os meus seios cobertos pelo tomara que caia — que eu sei que ele está louco para ver desde que nos reencontramos —, mas seguro sua mão. Meu desejo é tão grande quanto o dele, tanto que chego a me esfregar um pouco sobre ele, o que o faz fechar os olhos. Meus mamilos estão duros, preparados para recebê-lo com sua boca deliciosa, mas... Não posso! Apesar de querer tudo o que ele tem para me dar, minha cabeça está com um pisca-alerta ligado e um nome pisca com ele.

— E a Danielle, Maurício? — consigo murmurar, num fio de voz.

Ele abre os olhos e respira fundo, parecendo ter percebido só agora que há questões que precisam ser resolvidas.

— Eu vou terminar com ela assim que chegarmos a Angra. Eu já tinha decidido isso mais cedo. Não tem a menor possibilidade de deixar você escapar, Paula. Não agora que eu sei que você me ama. Você é o meu lar, garota. Eu posso ter pensado que voltei para a nossa cidade por causa de um emprego, mas eu voltei *pra* você, só você!

— Eu te amo, garoto!

E selamos um pacto só nosso com um beijo que faz com que todos os meus medos, dúvidas e temores sejam dispersados. Um beijo desesperado, línguas circulando, lambendo, bocas sugando, desejando. Mãos apalpando todos os lugares, apertando, instigando. Suspiros. Respiração pesada. E assim ele acaba. O prenúncio de que finalmente poderemos ser mais que amigos.



Chegou a hora de enfrentarmos a realidade. Passa das 16h e estamos a caminho da pousada. Estou enrolada na minha toalha, enfrentando o vento gelado, enquanto a lancha desliza pelo mar. Maurício se encontra sentado ao meu lado, parecendo estar com a mente em um turbilhão, assim como a minha, e nossos dedos estão entrelaçados. Enquanto não resolvermos tudo, achamos melhor evitar qualquer tipo de contato mais íntimo, por mais difícil que seja depois que descobrimos o que um sente pelo outro.

Como em algumas horas nossas vidas podem mudar tanto? De manhã, eu estava triste, desesperançosa, sem imaginar que um dia poderia ser feliz de verdade, e, então, a tarde veio e transformou tudo, trazendo alegria e esperança de volta para o meu coração.

— Estamos chegando — o marinheiro avisa.

Imersa em minhas reflexões, nem percebi que o Maurício já tinha levantado. Avisto a praia, calma e sem ondas, e sinto uma paz me invadir. Estou ansiosa para conferir se realmente o céu daqui é tão estrelado como dizem, contudo, antes de qualquer coisa, preciso comer. A nossa aventura foi ótima, mas

não levamos nada para beliscar.

— Eu comeria um camarão com catupiry agora, ou ao alho e óleo, ou... sei lá. Só quero comer algo delicioso.

Maurício ri e diz:

— Eu também estou louco para comer alguma coisa, mas, antes de tudo, preciso tomar um banho.

Minha alegria diminui um pouco e sinto um aperto no peito. Ele ainda está com a Danielle e ela está em seu quarto.

— Não faz isso, Paula. — Maurício me conhece bem demais.

Ele não encosta em mim, porque já chegamos perto o bastante da praia para qualquer pessoa perceber alguma coisa, mas sussurra próximo ao meu ouvido:

— Assim como a Danielle está no meu quarto, o Fábio está no seu, e só em pensar nisso fico louco *pra caralho*, mas preciso que você saiba que, desde o momento em que me declarei para você, eu sou seu. Então, não vou te desrespeitar, minha linda garota.

O ar volta aos meus pulmões e, antes da lanchar parar, consigo dizer:

— E eu sou sua, meu lindo garoto. Não precisa se preocupar.

Tocamos de leve nossos dedos e suspiramos juntos. A vontade de beijar chega forte, mas não podemos nos dar ao luxo de fazer isto agora.

— Talvez a Dani e o Fábio já tenham almoçado, quer dizer, pela hora, tenho quase certeza. E como já está tarde, acho que vou comer algo leve para depois jantar melhor. O que acha? — ele pergunta, ajudando-me a sair da embarcação.

— Tudo bem. Assim está ótimo. Vou descansar um pouco para aproveitar

a noite.

— Isso! — concorda. Olhando para trás, agradecemos ao marinheiro pelo passeio.

Caminhamos pelo cais, em silêncio, e, quando chegamos a um casarão, somos recepcionados por uma moça. Dizemos nossos nomes e ela nos passa os números do quartos que devemos procurar, pois os outros já estão hospedados. Coincidentemente, um fica na frente do outro.

Maurício me olha e se aproxima ligeiramente. Ele passa os dedos pelo meu rosto e sua voz macia reverbera do meu ouvido para todo corpo:

— Até logo, meu amor. Muito em breve teremos nosso momento a sós.

Fecho os olhos e concordo com a cabeça, confessando o que sempre desejei falar:

— Eu não vejo a hora.

Ele se afasta e sorri, como um adolescente bobo.

— Eu não consigo acreditar que você finalmente é minha, Paulinha.

— Estamos no mesmo barco, Maurício. — Ele olha para os meus lábios e eu sei que se a gente não se separar logo, não vai dar certo. — Melhor entrarmos. Não confio em mim com você tão perto.

E sorrindo, uma vez mais, diz:

— Tampouco confio em mim. Te amo, princesa. — Sem olhar para trás, some atrás da porta.

Princesa. Meu apelido preferido a partir de agora, ainda mais saindo daquela boca maravilhosa. Entro no meu quarto com um sorriso tão grande que dou graças a Deus por Fábio estar dormindo, mas também me sinto um pouco mal porque teremos que conversar amanhã. Eu não sei como ele vai reagir, se

ficará bem...

Por falar nisso, preciso ligar para o Matheus, urgente. Tenho que *deixá-lo* a par de tudo o que está acontecendo ou ele vai me rogar uma praga de onde quer que esteja.

Resolvo tomar um banho, coloco um vestido com estampa de onça, longo e de alcinhas, e nos pés uma rasteirinha com pedraria. Penteio meu cabelo molhado e observo que Fábio continua apagado. Saio de fininho para ligar para o Theus lá da praia. Antes, decido pedir um pastel de queijo no restaurante da pousada.

Com o salgado na mão, sigo em direção à areia. A noite está chegando, mas ainda consigo ver o horizonte colorido pelo pôr-do-sol. Ligo para o meu amigo, que, no segundo toque, atende:

— *Quer dizer que a desnaturada lembrou que tem um pobre amigo...*

— Matheus, não começa com drama. — Mastigo o pastel e até chego a suspirar porque está uma delícia. — Você não vai acreditar no que tenho para te contar.

— *Só espero que você mastigue o que está comendo antes de falar.*

— Seu grosso! Não dá vontade de falar mais nada.

— *Desembucha, mulher. Você não é louca de ligar e deixar uma bicha morta de curiosidade.*

— Está sentado? — pergunto, fazendo aquele suspense.

— *Ah, pronto. É hoje que parto dessa pra melhor. Olha, Paulinha, se você não...*

— Eu e Maurício nos beijamos — jogo de uma vez e a linha fica em silêncio. — Theus, está aí?

Depois de alguns segundos, ele pergunta, perplexo:

— *Vocês o quê?*

— Nós nos beijamos — digo e resolvo contar tudo. — Ele me levou à Gruta do Acaiá, aquele lugar que eu falei que sempre quis ir, mas que não...

— *Não queria ir porque te fazia lembrar do seu melhor amigo. Sim, eu lembro. Continua* — pede.

— Pois é. Ele quis fazer uma surpresa, aproveitando o tempo que estava maravilhoso. Fomos sozinhos, pois o Fábio e a Danielle não curtem esse tipo de passeio em lugar fechado. E aí, lá dentro... aconteceu. Ele me disse que sempre me amou, você tem noção disso, Theus?

— *Minha Nossa Senhora das Pobres Almas Pecadoras. Ele não fez isso, Paulinha. Que babado fortíssimo!*

— Fez, querido. E eu, claro, confessei que sempre o amei. Matheus, se você soubesse o quanto estou feliz... Foi emocionante!

— *Eu estou sentindo na sua voz, mulher. Meu Pai do Céu, estou chocado. E o "bola-murcha"? Suspeita de alguma coisa?*

— Não o chame assim, Matheus. Acho que Fábio não suspeita não. Cheguei há pouco e ele estava dormindo quando saí do quarto, mas a primeira coisa que farei amanhã, assim que chegar a Angra, será terminar tudo.

— *Claro, estava mais do que na hora. E o seu ex-atual-melhor amigo que agora é seu... sei lá o que ele é... Aff, que confusão! Ele vai terminar com a namorada?*

— Sim. Ele disse que amanhã, antes de ela ir para o Rio, vai terminar tudo.

— *Meu Pai! Ainda não consigo acreditar nisso. Se deu bem, hein, loira?*

Porra, pegou logo o médico mais gato de Angra! As suas coleguinhas vão pirar.

— Ainda estou custando para acreditar também, Matheus, mas... é real! É muito real. Você sabe que eu o amo muito antes de ele ser o médico mais gato da cidade.

— Brincadeiras à parte, Paula, eu estou pulando de alegria por você. Pensei que nunca te veria feliz desse jeito e você merece tanto. É um motivo para comemorar, mulher!

— Com toda certeza, Theus. Obrigada por sempre torcer por mim. Só espero que dê tudo certo.

— Já deu! — ele enfatiza. *— Seu tempo de vaca magra já passou, querida, agora é aproveitar, e muito, pra mamar bastante essa vaca gorda aí... Ou melhor, esse touro tesudo.*

A gargalhada sai antes que eu consiga controlar. Ainda bem que eu já comi o pastel todo, senão estaria entalada depois dessa. Não consigo parar de rir. *Puta que pariu!* Vaca gorda, touro tesudo... De onde ele tira essas *merdas*?

— Matheus... — Rio. — Eu não consigo parar... — Rio mais alto.

— Calma! Respira. Não começa com doideira, não.

Inspiro longamente e expiro. Vou me acalmando.

— Caraca. Pensei que não fosse conseguir parar. Você está proibido de falar esse tipo de coisa *pra* mim.

— Impossível, loira. Faz parte da minha essência e eu sei que você ama.

— Sim, eu amo.

— Vai lá, Paulinha. Aproveite esta última noite de passeio e, quando chegar aqui, me dá um toque.

— Pode deixar. Um beijo, Theus.

— *Um beijo, Paulinha.*

Desligo a chamada e me dou conta de que o céu está todo preto, a não ser pelas estrelas que começam a aparecer. Sento-me na areia, em um lugar que não tenha tanta iluminação e, com os pés dentro da água, aprecio a noite.

Passo a língua pelos meus lábios e é inevitável me lembrar do beijo. Eu e Maurício estávamos sedentos, desesperados, querendo provar mais e mais um do outro. Uma confusão de pernas e mãos. Só de recordar cada carícia e a sensação de senti-lo com tanto desejo, minha respiração acelera.

Uma coisa é imaginar uma situação por anos, e outra é saber lidar quando, por uma obra do destino, aquilo acontece. Olha, foi muito melhor do que eu esperava! Ouço passos se aproximando e me viro para trás.

— Ei! Não te vi chegar — Fábio comenta e se senta ao meu lado.

— Olá! Não quis te acordar. Como foi o resto do dia?

— Ah, eu e Danielle preferimos vir direto *pra* cá. Nós almoçamos, bebemos alguns drinks e depois resolvemos descansar um pouco. E você? *Me* conta o que achou da gruta.

— Foi espetacular. Nunca vi nada igual, Fábio. — Faço um esforço para me conter nos detalhes.

— Legal, hein? E realmente é um lugar contraindicado para claustrofóbicos?

— Vou te falar que até eu senti um pouco de medo, mas depois fiquei lá dentro numa boa.

— *Tô* fora — ele fala, rindo, e eu rio também. — Está com fome?

— Comi um pastel quase agora, mas topo comer alguma coisa depois.

— Tranquilo. E o Maurício e a Danielle? Falaram alguma coisa?

— O Maurício disse que gostaria de jantar com a gente, mas até agora não se manifestou. — *O que, inclusive, estou achando estranho*.

— Ah, devem estar matando a vontade. A Danielle disse que tinha uma surpresa assim que ele voltasse.

Meu estômago embrulha. Eu sei que o Maurício disse que não faria nada com ela, mas ouvir isto me dá ânsia de vômito. O que eu sinto por ele está numa dimensão muito maior depois que eu me declarei, assim como o sentimento de que ele agora é *meu*.

— É mesmo? E como você sabe disso? — pergunto, fingindo tranquilidade.

— Porque quando estávamos bebendo, a Danielle já estava mais soltinha e disse que poderia não ser aventureira para acompanhar o namorado, mas entre quatro paredes conseguia ser bastante ousada. Até cheguei a rir porque eu não precisava ouvir aquilo, mas ela estava precisando conversar...

Que *merda* é essa?

— Nossa, desnecessário.

— E não sei se o Maurício comentou alguma coisa com você, mas ela deu a entender que os dois vão se casar em breve.

— O quê? — o choque foi tão grande que minha voz saiu rouca.

— Pois é. Ela disse que, com a vinda dele para Angra, eles estavam pensando nisso.

— Isso não é verdade, Fábio. Ele teria me falado.

— Bom, parecia ser bem verdade, ainda mais quando ela disse que estava procurando uma casa em Angra.

Minha vista ameaça escurecer e preciso me controlar para não desmaiar.

Como assim? Casar? Procurando casa em Angra? Onde está o Maurício uma hora dessas? Só em cogitar que ele pode estar enfiado entre as pernas daquela mulher me dá um calafrio.

O Fábio deve ter percebido que fui surpreendida, porque fiquei muda de repente, mas pela graça de Deus ele não fala nada. Eu não confio em mim neste momento.

Fico de pé em um salto e sei que preciso fazer alguma coisa para me acalmar.

— Vou lá para dentro. Vai ficar aí? — pergunto por educação, pois a minha intenção é ficar sozinha.

— Tudo bem. Depois te encontro — ele diz, e eu saio com pressa.

Minha esperança é encontrar o meu amigo — ainda não tenho um outro título para ele —, mas, pelo visto, ele continua trancado. Será que mentiu para mim ao dizer que me amava? Que iria terminar com a Danielle? Não é possível. Claro que não. *Daqui a pouco ele aparece*, penso andando *pra* lá e *pra* cá na recepção.

Uma hora se passa e nada de Maurício e Danielle. Lágrimas começam a rolar pelo meu rosto e minha vontade é sumir.

Pouco me importa se estou sendo imatura ou se estou interpretando as coisas de maneira errada, eu só precisava vê-lo para saber se tudo o que vivemos nessa tarde não foi coisa da minha cabeça.

Que loucura! O que devo pensar? Por que ele não me mandou uma mensagem sequer? Resolvo juntar minha dignidade e volto para o quarto. Jogo-me na cama, com as costas no colchão, e fico imóvel por alguns minutos até Fábio entrar. Sua expressão é calma, porém decidida.

Seco meu rosto e tento disfarçar minha tristeza.

— Eu sabia — É a única coisa que diz. Não vejo raiva, ódio, desespero, nada disso, só enxergo uma tristeza profunda.

— Sabia o quê? — pergunto apenas por perguntar. Minha expressão de derrota não me deixa fingir mais.

— Que o Maurício é o homem que você ama.

Nenhuma palavra. Nenhum som a não ser das cigarras escondidas nas árvores. Mais lágrimas molham meu rosto, e não as impeço. Sinto que, finalmente, chegou o momento de contar a verdade. Ainda deitada e sem forças, começo a falar:

— Eu queria poder dizer que não, Fábio. Contudo não aguento mais esconder isso. Não aguento mais sofrer calada. São anos e anos fingindo que estou bem, que sou forte... Não dá mais. Só peço que você me perdoe por todas as vezes em que eu neguei o seu amor. Você não sabe o quanto me ajudou com carinho e compreensão, e por isto, serei eternamente grata.

Ele caminha na minha direção e senta na ponta da cama, colocando uma mão em meu rosto.

— Paula, você não tem nada que me pedir perdão ou me agradecer. Eu sabia muito bem onde estava me metendo. Você não me enganou ou me prometeu amor eterno. Eu que sempre fiquei na expectativa de que um dia você pudesse me amar como eu te amo, mas agora percebo que isso não vai acontecer.

— E como você descobriu sobre o Maurício? — questiono.

— Você esqueceu que sou policial? Meu dever é ler e estudar as pessoas. Desde que o seu amigo chegou a Angra, você mudou completamente. Como eu não tinha mais nada a perder, não quis abrir mão da sua companhia, então, esperei para ver até quando você aguentaria esconder o que realmente sente.

— Isso é triste, Fábio. Você merece uma mulher que te ame e te coloque

em primeiro lugar.

— Eu sei disso, Paula. Eu sei disso. Mas quem disse que o coração segue a lógica?

Apesar do clima de pesar que nos envolve, soltamos uma risada baixa.

— Pura verdade — respondo e decido sentar, aproximando-me de Fábio. — Eu estava disposta a falar com você amanhã, mas não esperava que fosse ter essa reação quando você me falou aquelas coisas. Foi uma junção de sentimentos e eu fiquei...

— Acho que eu não ajudei nisso, Paula, e peço desculpas — ele me interrompe, a voz baixa e arrependida. — Eu contei tudo o que a Danielle me falou com o propósito de te fazer enxergar que talvez o Maurício não seja para você. Eu queria que você sentisse exatamente o que eu senti ao descobrir que você estava apaixonada por ele. Pode me xingar, porque eu fui um tremendo *filho da puta* e nem me reconheço.

Balanço a cabeça e digo:

— Eu te entendo, Fábio. Não tem por que te xingar. Você não é de ferro.

— Vou sentir sua falta, Paula. Apesar disso tudo, sua companhia é incrível.

— Também vou sentir falta da sua companhia, Fábio.

— Só mais uma pergunta. O Maurício sente a mesma coisa? Eu sei que ele é muito cuidadoso com você, gosta de te agradar e tal, mas é um cara mais difícil de ler. Talvez porque eu o conheça há pouco tempo.

Sem falar nada, sigo até a varanda. O clima está agradável e o vento faz carícias pelo meu corpo. Olho para o céu, em um gesto de reflexão, mas sou pega de surpresa com a quantidade de estrelas que enfeitam a noite. Que coisa mais linda!

Por alguns segundos, esqueço a densidade desta conversa, que estou arrasada com a possibilidade de que tudo o que vivi hoje à tarde com o Maurício seja uma mentira ou o término definitivo com o Fábio. A vida e seus mistérios. Não temos certeza de nada, além da morte. O que nos resta é acreditar que tudo vai dar certo.

Quando abaixo minha visão, Fábio está ao meu lado, parecendo igualmente encantado com as estrelas. Solto um longo suspiro e, enfim, respondo:

— Eu achava que sim, mas agora não tenho certeza. A minha parte eu fiz, Fábio. Agora está nas mãos do universo.



Mauricio

Sabe aquela máxima: quando você pensa que as coisas serão mais fáceis, aí é que elas complicam. Pois é. Assim que cheguei do passeio mais imprevisível, e igualmente incrível, da minha vida, eu estava tão feliz e com a mente repleta de planos, que custei a assimilar a cena diante de mim quando entrei no quarto.

Danielle estava com uma *lingerie* vermelha minúscula, deitada sobre a cama *king size* e com um sorriso safado nos lábios pintados de vermelho-sangue. Por um instante, eu fiquei sem saber o que fazer. Eu prometi para a Paula que não faria nada, mas sabia que se eu negasse a mulher que estava seminua, oferecendo-se para mim, sua reação não seria das melhores. Mesmo não sendo adepta de baixaria, Danielle não suportaria ser rejeitada.

Isso tudo foi passando pela minha mente confusa, mas a única coisa que a minha boca conseguiu pronunciar foi:

— *Eu não te amo.*

Logo que a frase saiu, eu me xinguei internamente, pois não era para ser

daquele jeito, porém meu senso de urgência não viu outra saída. Quando comecei a imaginar a Paula se entregando para o Fábio, caso a situação fosse contrária, não consegui me conter. Eu não poderia estragar tudo quando, enfim, estava prestes a ficar com a mulher que eu sempre amei e desejei.

Uma transa com a Dani me daria um prazer momentâneo, mas, depois, a culpa tomaria conta de mim e aí só ladeira abaixo. Eu falei o que meu coração mandou, mesmo que tivesse magoado profundamente uma pessoa que era importante para mim.

Danielle piscou uma, duas, três vezes até entender o que estava acontecendo. Em um pulo, ela saiu da cama e se cobriu com um roupão felpudo branco.

— *O quê?* — perguntou tão baixo que foi como se não soubesse ao certo se queria ouvir minha resposta.

— *Desculpa, Dani, mas...*

— *Eu quero que você repita.*

Então, teríamos aquela conversa antes da hora. *Que merda*, pensei.

— *Eu não te amo.*

— *E você descobriu isso só agora?*

Eu imaginei que ela fosse gritar comigo, *me* xingar, mas apenas se sentou em um pequeno sofá perto da cama e se encolheu, parecendo frágil e pequena.

— *Eu venho pensando nisso há um tempo. Mas nesse fim de semana foi que eu tive certeza.* — Precisei ser vago, porque, se eu comentasse sobre a Paula naquele momento, só iria piorar a situação.

— *Entendo.* — A alegria que lhe era característica quando estávamos juntos havia desaparecido.

Seus olhos castanhos estavam mais brilhosos que o normal, sinal de que as lágrimas logo desceriam por seu rosto.

— *Eu achei que estávamos bem. Que...*

— *Nós sempre nos demos muito bem, Dani. Mas há algum tempo que eu venho me perguntando se eu realmente te amo e percebi que, só por estar em dúvida, já sabia a resposta. Eu tentei, mas não posso continuar enganando você e a mim mesmo. Eu te admiro, te acho linda, inteligente pra caralho, mas meu coração não bate por você como...*

— *Como bate por* ela — Danielle completou, a voz trêmula, derrotada. — *Eu sabia que você sentia alguma coisa por ela. Eu queria não acreditar, mas, no fundo, eu sabia. A maneira como vocês estavam dançando na noite passada. Aquilo foi... intenso demais. Porém eu estava com tanto medo de te perder que preferi fingir que não percebi nada. Assim, talvez, as coisas continuassem iguais.*

Aquilo partiu meu coração. Ver aquela mulher sempre tão forte, de repente vulnerável e insegura, doeu em mim. Eu nunca fui um *filho da puta* e não seria com a Dani, que sempre esteve ao meu lado e torceu tanto por mim. Eu me sentei ao seu lado e sequei suas lágrimas com meus polegares.

— *Me perdoe, Dani. Eu nunca quis te magoar. Por favor, acredite em mim.*

E, então, contei tudo para ela. O que eu sentia desde a adolescência, o quanto tentei esquecer a Paula e como foi difícil viver com aquele sentimento reprimido por tanto tempo, o quanto eu fiquei arrasado quando a nossa amizade se perdeu, até o momento em que retornei para Angra e tudo o que eu sempre sentia retornou junto comigo.

Ao mesmo tempo em que ela chorava copiosamente, pedia para eu continuar falando... Queria saber de tudo e era o mínimo que eu podia fazer.

— O passeio de hoje foi premeditado? V-Você imaginava que seria d-do jeito que foi? — ela gaguejou, meio arredia, sem saber como fazer aquela pergunta.

Respondi de pronto:

— Nunca! Eu não sabia que ela sentia o mesmo por mim, muito menos que chegaríamos a nos beijar. Minha única intenção foi de fazer um agrado para a minha melhor amiga, mas não com segundas intenções.

— Entendi. E, sério, eu não vou te julgar. Você finalmente pode ser feliz, como eu sempre quis que fosse, mas não vou negar que saber que não serei eu a responsável por isso, dói demais, Maurício.

Eu a abracei forte e ela chorou ainda mais em meu peito. Eu não estava indiferente à sua tristeza. Foi doloroso, triste e me deixou muito mal.

Eu não consegui sair do quarto. A Dani disse que preferia jantar lá e pediu para que eu a acompanhasse. Ela queria passar todos os segundos comigo, porque sabia que, quando saísse daquele ambiente, a realidade bateria com força. É claro que eu cedi ao seu pedido e fiquei torcendo para que a Paula entendesse quando eu explicasse o que aconteceu.

Acordei há um tempo e estou sentado na recepção com a perna direita balançando de nervoso. A Dani custou a dormir e eu a deixei descansando. Estou ansioso para encontrar a minha garota, mas nem ela nem o cara aparecem. Olho para o relógio: 9h da manhã.

Dizem que mente vazia é oficina do diabo, e eu não duvido disso, porque o que tem chegado de imagens na minha cabeça, da Paula com o ex-parceiro, fazendo todo tipo de sacanagem, não é brincadeira.

Como pela força do pensamento, o Fábio e a Paula aparecem, e me levanto do sofá. Meu coração bate tão acelerado, que preciso respirar fundo para não ter um mal súbito. Ela está linda, como sempre, mas só por saber que agora

é só minha, fico excitado na hora. Minha animação é contida quando analiso seu rosto, sério, e fico alerta.

— Ei, Maurício! — Fábio me chama, aproximando-se de mim e logo está na minha frente, baixando a voz para que só eu escute o que tem a dizer. — Quero dizer uma coisa somente. Se você machucá-la, eu juro que te caço por Angra. Eu a amo, mas não vou insistir em ficar com uma mulher que tem outro cara no coração. Ela merece o mundo, então, não lhe dê menos que isso.

Olho para a Paula de relance e ela percebe o quanto estou surpreso e aliviado por Fábio saber de tudo.

— *Porra*, cara, eu nunca faria nada para *machucá-la*. Não de propósito. Ela é a minha vida há muito tempo. Eu desejo que você encontre a sua pessoa, Fábio, porque a Paula é a minha.

— Tudo bem! Vai lá falar com ela, pois, ontem, a noite foi *foda*. Ela ficou louca por não te ver aqui e ficou imaginando um monte de besteiras...

— Se eu te falar que fiquei consolando a Dani, você acredita? Acabei falando tudo para ela também. Eu não podia *deixá-la* sozinha, cara. Não dava...

— Eu não duvido, Maurício. Apesar de ser homem, adulto, eu não estou tão bem quanto aparento, então, imagino como a Danielle deve estar se sentindo... Mas nada como um dia após o outro. É melhor pensar assim se não a gente pira.

— Fábio, obrigado! Mesmo! Você é um cara que merece ser feliz e não estou falando para ser legal contigo, nada disso. Todos nós merecemos a felicidade, afinal. Eu demorei tempo demais me enganando, achando que poderia encontrar em outros braços a minha felicidade, por medo de não ser correspondido e estragar uma amizade. Um conselho que posso te dar: nunca tenha medo! Ele *fode* com tudo.

Nós fazemos um cumprimento com as mãos em um estalo e ele se afasta,

dizendo que vai até o restaurante aproveitar o café da manhã. E, em um segundo, minha atenção se volta para a mulher que me tem nas mãos desde sempre. Ela está na parte de fora, na areia, de costas para mim, olhando para o mar.

O vento bagunça os cabelos loiros, que batem na cintura, e o cheiro do seu shampoo invade minhas narinas. Eu poderia senti-lo pelo resto da minha vida. Primeiro aproximo meu nariz de sua nuca, inspirando seu perfume, sua essência, e é nítido o quanto seus braços ficam arrepiados. Uma coisa que estou aprendendo sobre ela: um ponto fraco na nuca. Seja quando eu a pego em minhas mãos, ou passo minha língua, ou apenas respiro perto, ela sempre se arrepia toda. Um tesão de mulher.

— Bom dia, minha linda garota!

Ela nada responde e eu sei que precisarei me esforçar para explicar o que aconteceu. Dou a volta e fico na sua frente. Ela me encara de volta e olha para os próprios pés, mordendo o lábio inferior, sem jeito. *Porra*, como ela me deixa louco! Preciso me recompor para conversar com ela sem querer beijá-la a cada segundo.

— O Fábio me disse que você contou sobre a gente. — Coloco uma mecha loira, que cobre o seu belo rosto, atrás da orelha. — Você acredita que, em vez de esperar chegar a Angra, eu acabei confessando que não amava a Dani? Ela estava me esperando, no quarto, com nada menos que um conjunto de *lingerie*, e eu... eu não pude...

— Você transou com ela?

Quando não completo minha fala, ela conjectura o pior e seus olhos azuis ficam marejados na hora.

— Claro que não! — confesso e seguro suas mãos, a fim de expressar toda a minha verdade. — Eu te falei que não faria nada com ela, que te respeitaria e, principalmente, que sou seu, Paula. Eu sei que ainda estamos nos

conhecendo no quesito homem e mulher e não mais como amigo e amiga, mas a minha palavra sempre foi muito importante para mim, você sabe disso. Por conta disto é que eu precisei confessar para a Dani que não a amava. Dali em diante, não consegui sair do quarto porque ela ficou inconsolável. Mal *pra* cacete mesmo.

— Eu fiquei com tanto medo, Maurício... — ela finalmente diz, abraçando-me forte, e eu retribuo o gesto, não perdendo a chance de beijar seu pescoço.

— Não precisa ter medo, minha linda. Eu estou aqui e sou todo seu.

Ela me beija com carinho, no canto da boca, e eu não resisto. Tanto tempo apenas sonhando que agora quero *beijá-la* a cada toque, a cada contato, a cada encontro. Minha língua não pede licença e se entrelaça com a sua. Mordisco seus lábios, sugo com força a sua língua gostosa, minhas mãos apertam sua pequena cintura e encosto meu corpo no seu, fazendo-a sentir o que ela faz comigo. Seu vestido longo e floral é tão fino que, quando ouso descer minhas mãos para o seu bumbum empinado, consigo sentir a calcinha fio-dental e preciso de todo meu controle para não *levá-la* para algum lugar reservado.

Ofegante, encosto minha testa na sua.

— Paula... *Caralho,* eu não sei como estou me segurando.

— Eu também estou louca por você, Maurício. Cada toque está me deixando ainda mais à flor da pele, por isso acho melhor a gente só se tocar quando chegarmos ou na minha ou na sua casa.

Abrimos um sorriso, e eu concordo plenamente, assentindo com a cabeça. Mais um minuto aqui com ela e não responderei pelos meus atos. Ainda bem que a Danielle ainda não apareceu. Por falar nela, fico preocupado.

— Acho que terei que acordar a Dani, princesa. Tudo bem para você?

— Sim, claro. Eu estou sem graça, pois não queria que ela achasse que eu sou uma *filha da puta*, sei lá...

— Ela sabe que eu sempre te amei, Paula. Eu contei simplesmente tudo para ela, assim como eu sei que você contou para o Fábio. E a Dani é uma mulher boa demais para ser vingativa ou alguma coisa do tipo.

— Sim, ela é uma dama. Talvez por isso eu a ache tão perfeita.

— *Você* é perfeita, Paula.

— Vai lá antes que eu te agarre de novo.

— Eu não te impediria, mas preciso ir.

Deposito mais um beijo em seus lábios viciantes e sigo a caminho do quarto. Posso estar sendo egoísta, mas não vejo a hora disso tudo acabar e ter um momento, finalmente, com a Paula, a sós. O que me deixa mais tranquilo e em paz é que eu sei que será perfeito. Afinal, ela é a mulher que eu sempre quis e amei.



Estar em casa nunca foi tão bom. Quando saímos da pousada na praia do Saco do Céu, começou a chover forte e tivemos que ficar na parte de dentro da lancha. Por conta disto, e do clima emocional que não estava nada legal, todos decidimos abortar o restante do passeio na Lagoa Azul e nas Ilhas Botinas.

A ex-namorada do Maurício ficou sentada na sala onde estávamos eu, Fábio e o meu... bom, ainda não sei como devo *chamá-lo*. Cada um estava refletindo em seu próprio canto, mas foi impossível não perceber a tristeza da Danielle e ouvir o seu choro baixo.

Eu não consegui ficar no mesmo ambiente e precisei entrar em um dos quartos da embarcação. Nós conversamos brevemente na pousada e pedi desculpas por, indiretamente, ser a causadora de sua dor. Disse ainda que no coração a gente não manda e que nunca tive a intenção de *prejudicá-la*. E fui totalmente sincera. Por isso mesmo compreendi quando ela disse que ainda não conseguia falar comigo. *Um dia, quem sabe*, ela falou.

Assim que chegamos ao continente, o Fábio — que demonstrou ser um grande amigo — *me* deu uma carona até o meu apartamento e o Maurício seguiu

para o dele com a Danielle, porque iria ajudá-la a arrumar as malas para, em seguida, levá-la à rodoviária. Claro que eu entendi e nem retruquei quando ele me contou seus planos. O que importa é que depois disso tudo nós ficaremos, finalmente, juntos, e aí eu nem sei como vou lidar com a excitação de tê-lo só para mim.

Enquanto estou deitada no meu futon, olho para o nada, pensando se ligo para o Matheus ou se descanso um pouco depois de uma noite e uma manhã intensas. Meus olhos começam a pesar e meu corpo relaxa. *Acho que vou descansar só um pouquinho, depois eu ligo para o meu amigo*. É o meu último pensamento antes de capotar.



Acordo num pulo com o barulho insistente da campainha. *Meu Deus, que susto!*

— Calma! Já estou indo — grito. Aperto o roupão em volta do meu corpo, vejo se a minha “carinha” está apresentável no espelho e vou atender a porta.

— O que... — Nem termino de falar quando sou empurrada com delicadeza para o lado e encostada na parede. Ouço apenas a porta ser fechada e trancada.

Sua boca me invade, faminta e desesperada. Enquanto isso, suas mãos fortes descem do meu rosto para o pescoço, massageando-o até chegar à nuca. Seus dedos deslizam pela minha clavícula e abaixam um pouco o roupão para ter acesso aos meus ombros, e logo seus dentes e língua estão em cada um deles.

A respiração ofegante e carregada soa como música para os meus ouvidos, refletindo o meu estado de entrega. Anos de espera. Anos o amando em segredo. Anos o desejando. *Meu Pai! Eu sou completamente apaixonada por este homem! Com toda minha vida e alma!*

— Maurício, que loucura... que loucura é essa? — pergunto, desnorteada.

— Loucura é saber que você está sem nada por baixo desse roupão quando estou há uma vida te desejando.

— E como você sabe... que estou... sem nada? — consigo perguntar em meio aos beijos e ofegos, arrepios e quentura, que só o seu toque me causa.

— Eu blefei — ele mal responde, porque está ocupado demais me provando —, mas saber que acertei só me faz te querer ainda mais.

Agilmente, sua língua percorre um caminho por todo o meu colo e suas mãos apertam a minha bunda por cima do tecido felpudo. Entendo esta euforia, esta vontade insana de fazer o que sempre quis e nunca pôde, por isso eu também entro no jogo. Levanto a barra da sua camisa polo, e ele me ajuda a tirá-la. Com o torso nu, aprecio cada gominho em seu abdômen deliciosamente definido, as tatuagens que cobrem todo o seu braço direito e uma parte do dragão, que chega perto da sua costela, e suspiro com a beleza e perfeição à minha frente.

— Você é tão lindo. Parece que estou sonhando.

Solto um gemido quando ele desce um pouco mais o tecido que me cobre, expondo a parte superior dos meus seios e beija cada pedaço de pele.

— Pode pegar, é tudo seu! Já esperamos tempo demais, *garoto* — provoco, tão entregue quanto ele. O sono e a lerdeza ao acordar de supetão dão lugar a um desejo atroz.

Sem esperar mais, ele desamarra o meu roupão e confirma sua suspeita, estou completamente nua. Ele sibila, passa as mãos nos cabelos castanhos e espessos e dá um passo para trás.

— *Puta que me pariu*, Paulinha. Você é gostosa *pra caralho*! Olha isso — diz, a voz rouca e grave, admirando, no meio dos meus seios, a tatuagem que ele sempre quis ver.

O toque dos seus dedos em volta do desenho faz os meus mamilos ficarem duros instantaneamente. O que não passa despercebido por ele, que sorri de lado, satisfeito por me afetar tanto.

— É linda demais. Toda você. Perfeita.

Ele se curva e sua língua substitui seus dedos, deslizando em um carinho torturante pelo meio dos meus peitos.

— Nossa, Maurício... Que delícia. — Agarro seus cabelos com força.

Solto um gemido alto quando ele abocanha meu mamilo e sua mão desce até o meu centro, constatando o quanto estou pronta.

— Delícia é você! — diz, levando os dedos com que me tocou até a boca. Ele fecha os olhos ao prová-los. — O melhor dos gostos.

Seus olhos estão injetados com luxúria, prazer e algo mais. Ele coloca minhas pernas em volta do seu corpo e me carrega até o meu quarto. Assim que me põe no chão, tira o meu roupão e o joga no chão.

— O que você está fazendo? — pergunto, ao vê-lo se abaixando na minha frente.

— Admirando a minha princesa como eu sempre quis admirar. — Suas palavras mexem tanto comigo, que sinto que não há nada no meu estômago senão borboletas.

Mesmo totalmente exposta, não tenho vergonha diante de sua avaliação. Sorrio para ele e recebo o mais lindo dos sorrisos de volta. Ele volta a olhar para o meu corpo, passando suas mãos grandes e decididas em cada parte, mas sua atenção é voltada para a tatuagem em minha coxa.

— Tem algum significado? — pergunta, dando beijos em toda extensão do desenho, perto o bastante da minha virilha, o que me faz silvar em expectativa.

— Sim. — Afasto-me um pouco do seu toque para que eu consiga falar sem me perder.

Abaixo a cabeça e digo:

— Eu sempre amei rosas. Elas são lindas, mas têm espinhos que podem machucar, ferir. Assim como a vida. Ela é linda, bela e tem seus espinhos, dores.

— Uau, *garota*. Acabo de constatar que inteligência também me deixa com tesão.

Rio da sua fala e comento:

— Acho que estamos em desvantagem, *garoto*. Por que você não tira essa bermuda?

E começo a cantarolar com um sorriso nos lábios, enquanto ele levanta e começa a tirar a peça, junto com a cueca boxer preta e o tênis colorido:

Diz pra eu ficar muda faz cara de mistério
Tira essa bermuda que eu quero você sério
Tramas do sucesso, mundo particular
Solos de guitarra não vão me conquistar
Uh, Eu quero você, como eu quero
Uh, Eu quero você, como eu quero...

— Quer mesmo, é? — Maurício pergunta, com seus 1,80m de altura se agigantando em cima de mim. O corpo, sarado e musculoso, completamente nu. E uma parte em particular que me tira a habilidade de falar. — Eu posso ter imaginado milhões de vezes te ter assim, Paulinha, mas nada se compara à realidade. Eu quero que seja perfeito, então avise se eu estiver indo muito rápido...

— Você está falando demais, Maurício — interrompo-o e deito na cama, analisando sua expressão paralisada e alucinada ao me ver ainda mais exposta quando abro minhas pernas em sua direção. — Tivemos a vida toda para falar, imaginar, pensar, e, agora, estamos aqui, juntos, finalmente fazendo o que sempre quisemos. Não somos mais crianças, meu lindo e eterno garoto. Somos homem e mulher, duas pessoas que tiveram seus desejos, sonhos e amor

reprimidos por tempo demais. Eu te amo como nunca amei alguém e eu sou toda e completamente sua. Então, *me* toca, *me* beija, *me* pega, *me* faz sentir o que eu sei que só vou sentir com você.

Hipnotizado, ele sobe na cama e paira em cima de mim. Uma mão em cada lado do meu rosto, o corpo apoiado pelos seus cotovelos, a centímetros do meu, o que não impede que eu o sinta, duro, entre minhas pernas, e estremeço.

— Você nunca vai deixar de ser a minha melhor amiga, princesa. — Sua boca está tão perto, que sinto sua respiração entrando em minhas narinas. — Eu quero te fazer feliz pelo resto da vida, como homem, mas quero que a nossa amizade também dure para sempre, porque foi a primeira coisa que eu amei em você.

— E você sempre será o meu melhor amigo, meu lindo. O primeiro, para sempre e sempre.

— Você continua tomando sua pílula? — pergunta, e demoro para assimilar sobre o que ele está falando.

— Ah, sim, claro. Eu já teria pedido para você pegar uma camisinha, caso contrário, mas quero te sentir todinho — digo e seus olhos azuis escurecem.

— Adoro te ouvir falar assim, tão atrevida, sem vergonha, uma mulher que sabe o que quer. — E me beija.

É profundo e sinto necessidade de tê-lo em mim com urgência. Levanto minha pélvis apenas para senti-lo mais um pouco e ele geme em minha boca. Arranho suas costas, desesperada, à beira da insanidade. Tão perto e tão longe.

— Quero mais. Preciso de mais — sussurro e mordo o seu ombro tatuado.

Sem qualquer receio, ele faz o que peço, com um único movimento, e nós dois gritamos. É íntimo. Inesquecível. Bem melhor do que um dia imaginei.

Ele começa devagar, conhecendo meu corpo, até não ser o bastante. Ambos necessitamos de mais. Gritos, gemidos, urros, suor escorrendo, palavras de carinho, uma mistura só nossa em um momento que define as nossas vidas.

Sua boca desce pelos meus seios, morde meus mamilos, e arquejo. Arranho suas costas, mordo seu pescoço, chupo o lóbulo da sua orelha, ele grita; vai mais fundo.

Quando chegamos, enfim, no ponto alto do prazer, trememos, trocamos juras de amor, ficamos bêbados de luxúria, longe de termos nos saciado.

— Nossa! — é o que consigo dizer.

Nós nos desgrudamos aos poucos e ficamos encarando o teto, recuperando o ar.

— Foi bom *pra caralho* — ele diz, igualmente sem fôlego. E, *se* virando para o meu lado, continua: — Veja como já estou.

Olho para onde ele aponta e arregalo os olhos. Nunca achei que fosse possível um homem se recuperar tão rápido!

— Acho que você tem alguma disfunção, Maurício.

— Ah, só se essa disfunção se chamar Paula. Quem manda ter um corpo tão gostoso? — confessa.

Chegando perto do meu ouvido, sussurra:

— Quando eu falei que sempre te imaginei assim, não estava mentindo. Foram noites e noites...

— Eu sei bem o que você está dizendo — retruco, mas não me prolongo.

— Vai confessar que você se tocava pensando em mim?

Ele abre um sorriso convencido, e eu reviro os olhos. Já que estamos tendo esta conversa franca e saudável, resolvo abrir a boca:

— Sim. Muitas vezes quando descobri o que sentia por você, lá pelos 16, 17 anos. E algum tempo depois, quando já estávamos separados.

Seu sorriso se desfaz e o desejo está ali novamente.

— *Me* mostra — pede, e olho para o seu rosto. Ele não está brincando.

— Eu imaginava sua boca beijando e lambendo todas as partes do meu corpo e começava a me estimular assim. — Movimento meus dedos entre minhas pernas, tocando o ponto certo. Solto um gemido contido, como lembro bem que fazia para não chamar a atenção dos meus pais.

— Assim? — pergunta, levando sua boca das minhas coxas para minha barriga, chupando, lambendo, chegando aos meus seios, mordiscando meus mamilos, meu pescoço e eu acelero meus dedos. Que delícia poder me dar prazer e ter o motivo exatamente aqui do meu lado.

— Isso... Isso... — é o que consigo balbuciar assim que entro em êxtase, estremecendo por inteiro, com meus dedos ainda trabalhando, até diminuir o ritmo.

— *Caralho*, Paula. Isso foi...

— Agora, você — murmuro, voltando aos poucos ao normal. — Quero ver exatamente como você fazia quando pensava em mim.

— Com todo prazer — diz, sem qualquer vergonha.

— Como você me imaginava?

— Acho que é melhor perguntar como eu não te imaginava, Paulinha. — Soltamos uma risada e bato no ombro dele de brincadeira. — Eu te imaginei em todas as posições possíveis e inimagináveis. Fazer o quê? Era um pobre garoto no auge dos meus hormônios, mas uma imagem que ficou muito tempo na minha cabeça foi do dia em que dançamos pela primeira vez, lá no Curral. *Porra*, fiquei duro por dias, garota.

— Nossa, se eu te falar que aquela foi a primeira vez que senti algo parecido com tesão, você acredita? Eu nunca tinha sentido aquilo antes e fiquei confusa, mas era tão bom, ainda mais quando você esfregava sua perna... Lembro que até me senti mal por ter sentido aquilo com o meu melhor amigo.

— É verdade. Você ficou estranha por dias, mas, naquela dança, eu vi o quanto eu te queria. Não só como amiga. E fiquei um tempo pensando se eu te falaria ou não, mas como já sabemos, eu não falei nada, assim como você não falou nada, e seguimos com as nossas vidas.

— Pois é...

Uma nostalgia recai sobre nós, mas antes que o nosso fogo se apague pelas velhas lembranças, *me* ajoelho diante dele na cama e peço:

— Vamos lá. Não me enrole. Quero ver como você fazia. Como eu te deixava louco.

Ele abre aquele sorriso arrasador e começa a mover sua mão direita com rapidez. Olhando para mim, fala:

— Estou imaginando você de quatro... toda pequena e delicada... — arqueja. — Eu enrolando seus cabelos longos na minha mão. *Porra*! Pegando essa bunda deliciosa, dando um tapa de leve, só para deixar vermelhinha... — Geme. — Estou me curvando na sua direção, enquanto você rebola bem devagar, beliscando seus mamilos durinhos e rosados...

— Acho que a nossa noite será muito interessante, garoto — falo, abrindo um sorriso que poderia muito bem se assemelhar com o gato de *Alice no País das Maravilhas.*

Afasto a mão com que ele está se acariciando e puxo seu corpo para cima.

— O que você quer de mim, dona gostosa? — pergunta, curioso e com a

voz rouca.

— Fica de joelhos — comando, e rapidamente ele obedece com um sorriso safado no lindo rosto.

Antes que Maurício perceba o que estou fazendo, fico de quatro em sua frente e dou a minha cartada final:

— Vem! Termina o que a sua imaginação começou, porque acho um desperdício só ficar te olhando enquanto posso te ter todo para mim.

— *Puta que pariu!* Você é a minha garota mesmo! — sussurra e solto um grito quando ele se encaixa de uma vez. — Perfeita! Perfeita para mim.



— Assim você me mata... — Maurício murmura, os olhos ainda fechados, acordando aos poucos, enquanto minha boca sobe e desce, provando-o com gosto. — Princesa, essa sua boca é deliciosa demais!

Eu gemo apenas por dar satisfação a ele. É o meu novo vício.

— Nem acredito que você aceitou ser minha namorada... — continua falando e gemendo. — Isso! Mais devagar... Isso!

Faz trinta dias que estamos saindo direto, vinte que ele me pediu oficialmente em namoro e cinco que eu aceitei. Eu preferi pensar bem antes de dar um passo tão importante. Não por eu ter dúvidas do que sentia por ele, mas para não agir apenas por impulso. Contudo Maurício consegue ser bem convincente e decidiu dormir em meu apartamento em todos os dias que não tinha plantão, o que não reclamei, obviamente. Acordar ao seu lado é sinônimo de felicidade, ainda mais ouvindo o quanto ele me ama a cada minuto. Às vezes, penso que estou sonhando e a qualquer momento vou acordar e cair feio da cama.

No início, tive medo e comecei a colocar um monte de “e se”, mas a cada dia vem sendo mais natural confiar no homem que está ao meu lado.

Termino meu serviço e beijo sua barriga trincada.

— Bom dia, garotão. Já pode ir trabalhar.

Levanto, nua, e vou até o banheiro, ciente de que os seus olhos estão me acompanhando. É incrível como tem sido fácil a gente se adaptar como casal. Se me falassem que isso aconteceria, depois de anos sem termos contato, e que não haveria estranheza por termos sido amigos, eu nunca acreditaria. É como se a gente namorasse há anos. Eu ainda não consigo entender como tudo aconteceu tão rápido, mas a minha mãe falou uma coisa, quando eu contei sobre o namoro, que me fez refletir:

— Paula, feliz é aquele que consegue encontrar a felicidade em um mundo tão mal. Aproveite, curta, namore, ame, porque a vida é trem-bala e se você ama este rapaz, não deixe que o medo te impeça de seguir e ter o amor que sempre mereceu.

E é o que eu venho tentando fazer. Aproveitando, curtindo, namorando e amando. Mesmo tudo parecendo tão perfeito, eu sei que nosso relacionamento está se fortalecendo para permanecer firme nos momentos que não serão tão bons. Afinal, a vida é repleta de altos e baixos.

Tomo um banho e, quando saio do toalete, Maurício está terminando de se vestir. Nem parece que a minutos atrás estava descabelado e com cara de sono, pelo contrário, está lindo e desperto. Nunca vi uma pessoa para tomar banho e se arrumar tão rápido como ele, mas sua desculpa é que precisou aprender a ser assim com o tempo contado que tinha quando começou a trabalhar em hospitais.

— Meu médico preferido está tão gostoso — digo, chegando perto dele só com uma toalha cobrindo meu corpo. O uniforme azul escuro deixa a sua

beleza ainda mais realçada e não nego que o bichinho do “ciúme” vez ou outra ataca, mas nada preocupante.

Eu e Maurício temos feito aulas de dança quando ele não tem plantão, e eu sei como fica doidinho quando vou sozinha, porém nunca sequer cogitou em me impedir de ir. Não é que ele se incomode ou não confie em mim, é pelo fato de outros caras poderem aproveitar minha companhia e ele não. *Homens!*

— Paulinha, não chegue perto de mim desse jeito ou serei obrigado a me atrasar.

— Nada disso — retruco, correndo para longe. — Vou me trocar e descer para o meu apartamento. Matheus vai chegar daqui a pouco.

A gente fica revezando de apartamento. Nessa noite foi a vez de dormirmos no dele.

— Tinha esquecido que hoje é o dia de vocês curtirem. Que inveja! E pensar que só te verei amanhã de manhã.

— E eu estarei te esperando, lindinho.

Ele se aproxima, o olhar de um predador, e eu logo falo:

— Nada disso, Maurício. Você precisa sair. — Mas não adianta. Enquanto não fizer o que quer, ele não vai embora.

Fico parada e ele me alcança. O cheiro de amaciante do uniforme e do perfume que eu amo chega em minhas narinas e me envolve por inteiro. Ele passa as mãos grandes e atrevidas em cada parte do meu corpo por cima do tecido felpudo e faz questão de abrir minha toalha, deixando-me completamente nua.

— Como eu posso sair sem mergulhar nesse corpo gostoso que fica se insinuando *pra* mim? — seu sussurro é tão erótico que preciso fechar os olhos. — Aposto que você já está prontinha.

Seus dedos, especialistas em me dar prazer, alcançam o ponto que mais me enlouquece, e arfo, rendida e sem forças para impedi-lo. Quero mais é que ele tome posse de mim agora mesmo.

— Delícia — murmura, lambendo os dedos com o meu gosto.

— Agora, eu que não quero que você vá antes de mergulhar em mim.

Maurício me beija ao mesmo tempo que me levanta do chão e encosta meu corpo na parede. Minhas pernas envolvem sua cintura e meus braços enlaçam seu pescoço. Com uma mão ele abaixa sua calça junto com a cueca e o sinto em toda sua grandeza quando ele se lança sobre mim sem hesitar. É impossível cansar da sua paixão ou negar o quanto ele me excita. Nessas horas, agradeço por ser pequena, pois o que ele faz comigo... Ah, você não acreditaria.

Eu sei que não vai demorar... Quando ele está assim, à flor da pele e ao mesmo tempo atrasado para o trabalho, não consegue se segurar por muito tempo. Para ser sincera, nem eu o aguento quando ele me pega desse jeito!

Nós nos satisfazemos juntos, gememos como em um coro ensaiado, e seus braços musculosos me abraçam, deixando-me parada, enquanto ele me preenche.

— Sempre perfeita, princesa. Eu te amo tanto...

— Eu te amo mais, meu lindo garoto.



— Paula, onde você colocou a *Nutella*? — Matheus pergunta da cozinha. Maurício foi trabalhar e só volta amanhã, então, eu e meu amigo decidimos passar o dia vendo filmes. Faz dias que não conseguimos aproveitar a companhia um do outro, e eu estava morrendo de saudade.

— Não está dentro do armário de cima?

— Não! Só tem um pote vazio. Quem deixa um pote vazio dentro do armário?

Reviro os olhos, sabendo exatamente o culpado desta proeza.

— Com certeza foi o Maurício, Theus — grito de volta.

Meu amigo entra na sala com um pote de pipoca em uma mão e na outra uma garrafa de coca-cola.

— Esse cara só tem tamanho, loira. Não é possível! Imagina quando vocês se casarem!

— Nem me fale! Só espero que até lá ele aprenda a jogar lixo no lixo.

Nós dois caímos na risada.

— Quem diria você cogitando casar, hein?

Ah, ele me pegou!

— Um dia, Matheus. Não agora.

— Duvido que se o Maurício te pedisse você não aceitaria. Ah, mas duvido mesmo!

— Ele não é louco de fazer isto, Theus. Temos muita coisa para viver

ainda, o trabalho dele está cada vez mais complicado, sem hora para estar em casa, eu com a minha loja precisando aumentar os lucros, mas, lá *pra* frente, não descarto a possibilidade.

— É, e já sabe que eu vou ser o padrinho da cria de vocês, não é? — fala e me olha, piscando o olho, como se estivesse falando de trivialidades. — Se não sabia, está ciente agora.

— Você é uma bicha abusada mesmo, não?

— Assim você me ofende, querida. Dê graças a Deus que eu estou me oferecendo.

Eu não aguento e começo a gargalhar. Não sei o que faria sem o Matheus na minha vida. Agora, falando sério, caso eu tenha um filho um dia, não vejo outra pessoa para ser o padrinho. Ele pode parecer porra-louca, mas sei que daria conta do recado como ninguém, porém ele não precisa saber disso por enquanto, porque aí é que vai ficar se achando a *rainha da cocada preta*.

— Vai, você escolhe: comédia romântica ou suspense? — Matheus pergunta, fazendo-me voltar à realidade.

— Hoje estou para suspense. Aqueles filmes que te fazem pensar e pensar e, no final, você erra tudo.

— Ah, você vai gostar de um que lançou recentemente na *Netflix*, se é que você já não viu. O nome é *Fratura*. Estou querendo assistir faz um tempo, porque a sinopse muito me interessou, mas não consegui ainda.

— Então vamos nele! Não assisti não.

Ele pega o controle e começa a procurar o filme.

— Mulher, não acredito que me esqueci de te falar.

— O quê?

— *Te* contei mais cedo que fui ao Curral ontem à noite e que estava bastante animado, rolando forró direto, não é?

— Sim, e aí?

— O Fábio estava lá, Paulinha. *Se* acabando de tanto dançar com a mulherada. Estão dizendo que ele é o cara mais disputado das noites de forró.

— Não acredito! Que bom *pra* ele, Matheus. Quero que ele seja feliz, sabe? Ele merece.

— Não duvido que ele esteja tentando bastante, viu?

Esse meu amigo não presta. Começo a rir e ele toca seu ombro no meu, comendo pipoca e abrindo um sorriso safado.

— Uma coisa que eu queria saber é se a Danielle está bem — comento, pegando um punhado de pipoca.

— Maurício nunca mais falou com ela?

— Ele disse que tentou ligar, mas o número não completou. E quando entrou em contato com o hospital onde ela trabalhava, disseram que deu uma pausa na residência e foi passar alguns meses fora do país.

— Então, ela está ótima, querida. Viajar para outro país tira qualquer um da *merda*.

— Matheus, não sei de onde você tira essas conclusões sem sentido.

— Oras! É verdade, Paulinha. A mulher é bonita, rica, solteira... Eu, hein! No lugar dela, eu pegaria um cara por dia e estaria plena. Ainda mais se fosse italiano... Ui, misericórdia! Imagina? Bem estilo mafioso, brutão... Vou até parar de falar senão vou salivar nessa pipoca toda.

Sinceramente, se eu achava que Matheus era sem noção, agora então?! Como não rir das coisas que esse ser fala?



Alguns dias depois...

— Quem diria que nossos filhos estariam juntos, hein, Marta? Esses meninos esconderam direitinho da gente.

— Nem me fale, Sandra. Fiquei tão surpresa quanto você, mas vou te falar que, no fundo, eu suspeitava de alguma coisa, viu? Só que o Maurício era tapado demais, tadinho.

Não consigo segurar a risada, e meu namorado fala:

— Mãe, para com isso! Pelo amor de Deus. — Ele passa as mãos no rosto, consternado, e eu rio mais ainda. — Estamos almoçando e você me vem com uma dessas?

— O que foi, meu filho? Estou falando sério. Eu via como você olhava *pra* Paulinha e não fazia nada. Tadinho, tão paradinho.

Ele apoia a cabeça nas mãos, balançando-a em incredulidade e eu acaricio seu braço tatuado, não sem dar a minha contribuição:

— Ah, dona Marta. Ele estava com medo de receber um toco, o *paradinho*.

Maurício vira o pescoço e me encara, estreitando os olhos. Eu conheço a sua expressão safada. Lá vem!

— É mesmo, dona Paula? Eu estava com medo ou você é que não iria aguentar a pressão?

— Parou, parou! Vamos acabar com essa sem-vergonhice agora mesmo — minha mãe bate palmas, chamando nossa atenção, e eu desisto de dar uma resposta à altura. Afinal de contas, estamos em um almoço de família.

Olho para o meu pai e o pai de Maurício, os dois estão rindo enquanto bebem suas cervejas. Eu e meu namorado resolvemos fazer este almoço para oficializarmos o compromisso. Ideia do meu médico preferido, que descobri ser bastante certinho.

É engraçado o quanto a gente se completa. Estamos nos conhecendo de verdade, como homem e mulher, pela primeira vez, e é diferente da forma que um amigo e uma amiga se conhecem. Seus gostos, suas manias, a posição preferida ao fazer amor, como o seu rosto fica sereno pelas manhãs, quando ele chega do trabalho e deixa a roupa espalhada pelo apartamento todo, como é dedicado à Medicina, o quanto fica sexy usando óculos de grau para estudar... Tudo é um aprendizado e é por cada experiência desta que eu me apaixono um pouco mais, dia após dia.

Apesar de termos gostos muito parecidos, sempre há alguma coisinha em que a gente diverge, mas acabamos nos acertando na cama. O melhor lugar para enfrentarmos os dias ruins e celebrarmos os dias bons.

— Cheguei! — Matheus grita e todos nos viramos para a porta.

Imediatamente, nós nos levantamos para recebê-lo. Em sua mão há uma garrafa de espumante e na outra um maravilhoso arranjo de orquídeas. Estou muito feliz que ele tenha conseguido vir.

Por ser alta temporada e férias escolares, o estacionamento está uma loucura de turistas. A gente mal tem conseguido se ver. O almoço é familiar, mas não poderia deixar de *chamá-lo*. Ele virou um irmão para mim ao longo dos anos e é como se já fosse de casa. Tanto meus pais quanto os de Maurício o adoram.

— Até que enfim, Theus — digo, pegando o arranjo e a garrafa de suas

mãos e os coloco na mesa.

Ele me dá um abraço apertado e sussurra:

— E aí? Tudo certo por aqui?

— Tudo tranquilo. Só estávamos esperando você chegar para começarmos a almoçar.

Desvencilho-me dos seus braços e Maurício o saúda com um aperto de mão exagerado, que ecoa em toda a sala. Quem diria que virariam grandes amigos. A vida e seus surpreendentes mistérios.

Aumento o som e um simples almoço vira uma festa. Para mim, onde há música e amor, a diversão é garantida, e aqui tem tudo isso de sobra.

Horas mais tarde, eu e meu namorado estamos sozinhos. Deitados, assistimos a um seriado espanhol na *Netflix* chamado *Vis a Vis* e discutimos como Macarena, a protagonista, cresceu na série. Começou como uma barata tonta até que depois de tanta porrada, virou gente grande e aprendeu direitinho. Coisas que só um casal tem tempo para fazer, ser comentarista de séries.

Eu abro um sorriso de contentamento, pois adoro essa sensação de lar, de simplicidade e, principalmente, de calmaria. Depois de tanta tempestade, mares revoltos, uma hora a bonança chega, e, hoje, vejo que tudo tem seu tempo determinado para acontecer. Antes das coisas boas virem até nós, precisamos estar preparados para viver aquilo com sabedoria e gratidão. E isso, só aprendi na marra.

Respiro fundo e inspiro o perfume que é uma essência só dele. Minha cabeça está em seu peito e, reflexiva, olho para o seu rosto compenetrado na televisão. Agradeço ao universo pela segunda chance. Por me dar a oportunidade de ser feliz como nunca pensei que poderia ser. Por me presentear com este eterno garoto, o homem da minha vida, o meu melhor amigo.



Dez anos depois...

— Clarinha, anda mais rápido ou você vai chegar atrasada.

Maurício está no Hospital e hoje é a minha vez de levar a nossa filha para a escolinha. Desde que foi promovido a diretor geral, nossa vida virou uma loucura, mas nada que não consigamos equilibrar.

Clara vem caminhando devagar, a mochila nas costas, quase do tamanho dela, e preciso me controlar para não rir da cena. Parece que estou me vendo, porque eu era exatamente assim. Odiava acordar cedo e fazia cara de poucos amigos.

— O que foi, filha?

— Eu não sei por que não posso estudar de tarde. Eu odeio acordar cedo, mamãe.

— Porque não tem turma para você, querida. Vamos. Logo você se

acostuma.

— Eu nunca vou me acostumar. Nunca, nunquinha. Eu *odeiooooooo* — ela grita, antes de subir em sua cadeirinha no banco de trás do carro.

Reviro os olhos diante da sua manha e a prendo no assento. Não sei para quem ela puxou para ser tão temperamental...

— Eu já te disse que se você não se comportar, não vai ter visita do tio *Thetheus*.

Sua boquinha faz um arco para baixo e ela cruza os braços.

— Eu quero o tio *Thetheus*. Ele vai vir sim!

— Ele só vem se você parar de ser desobediente, *tá* ouvindo, mocinha?

Ela fica muda, os olhos marejados e eu sei que não dará mais problemas. Eu a conheço. Ela esperneia, grita, mas depois vai se acalmando, pois sabe que se não fizer isso, só tem a perder.

Desde que fui mãe, há seis anos, minha vida é outra. Quer dizer, desde que eu me casei, há sete anos, muita coisa mudou. Quando reflito sobre tudo o que aconteceu, vejo que fui muito abençoada. Minha filha, apesar de odiar acordar cedo, é uma menina de ouro e o xodó de Maurício. Como ele a mima! Chega a ser engraçado.

Eu e Maurício namoramos por três anos, curtimos adoidado, viajamos, até o dia em que ele me surpreendeu pedindo minha mão em casamento. Foi em Nova York, em pleno Natal — a melhor época do ano para mim —, em meio à Broadway, neve caindo, e ele se ajoelhou na minha frente e me estendeu uma caixinha preta de veludo com um brilhante singelo e perfeito. A cena perfeita de um filme natalino. Eu chorei tanto que o Maurício achou que eu estava tendo um acesso de choro igual ao de riso que costumo ter. *Tolinho*. Eu só estava feliz demais.

Um ano depois nos casamos. Decidimos fazer um *Mini Wedding*[1], com familiares e amigos mais próximos, do jeito que amamos: pé na areia e o mar ao fundo. O lugar escolhido foi um restaurante na Ilha da Gipoia, onde uma amiga casou, e que sempre me chamou a atenção. Inesquecível!

Juntamos nossas bagunças no apartamento dele e eu aluguei o meu. Foi bom, pois com a renda extra eu conseguia tocar alguns projetos.

Quando eu achava que não haveria mais emoções na minha vida, veio a Clarinha. Doze meses depois de casarmos, em um momento de troca de anticoncepcional, eu engravidei. Foi um susto, mas já tínhamos curtido tanto a sós que consideramos que era para ser. E era mesmo.

Eu descobri o amor mais intenso, transbordante e genuíno. Quando peguei a Clara nos braços, eu só conseguia chorar e admirar a sua beleza tão inocente e única. Maurício não me deixou nem por um minuto. Ele assistiu ao parto, *me* tranquilizou, filmou — até hoje eu me nego a ver tudo — e chorou muito quando a nossa filha veio ao mundo esperneando sem parar.

Com a vinda de nossa princesa, tivemos que procurar um lugar maior, então, decidimos comprar uma casa em um condomínio perto do shopping. Eu tinha minhas economias, Maurício tinha as dele, e conseguimos dar um valor bom de entrada. Não poderíamos ter feito coisa melhor. Clarinha ama brincar no quintal, sempre convida os amiguinhos, e eu e Maurício temos o nosso cantinho para apreciar as estrelas e o mar.

O que sinto é que não se passaram dez anos. Porque falando assim é tempo demais. Eu vivi tão intensamente com o amor da minha vida, o homem que me mostrou o verdadeiro significado da palavra felicidade, que nem parece que tantos anos se passaram. Eu continuo o amando tanto... Mais até do que antes.

Assim que deixo Clara na escola, sigo para a minha loja no shopping.

Depois de ter me formado em Moda — sim, eu consegui! —, eu decidi reestruturá-la. Fiz uma boa reforma, mudei o nome para Paula Menezes e assino todas as peças. Eu desenho, minhas costureiras produzem e depois vendo. Pensei que demoraria para as pessoas da cidade se acostumarem com o novo conceito, mas tive a grata surpresa de ter mais sucesso do que antes. Investi em *marketing*, redes sociais e, hoje, minhas roupas são usadas por blogueiras e modelos conhecidas, algo que nunca imaginei que aconteceria.

Ainda custo a acreditar que em breve terei uma loja na cidade do Rio de Janeiro. Eu e Maurício, desde que começamos a namorar, sempre visitamos o apartamento que ele mantém por lá e assim conheci a fundo cada bairro da Zona Sul. Com a ajuda dele, consegui um ponto muito bom em Copacabana e vamos nos aventurar em mais esta empreitada.

O mais incrível é que terei uma pessoa de confiança. Amanda, a prima de Maurício e que foi minha funcionária por anos, casou e está morando no Rio, e aceitou ser a minha gerente na nova loja. Quando eu digo que tudo conspira a favor na hora que é para ser, não estou mentindo.

Assim que estaciono meu carro no shopping, meu celular toca.

— *Tudo certo para eu ver a minha afilhadinha linda hoje?* — a voz de Matheus me atropela antes de eu dizer “Alô”.

— Bom dia para você também, querido!

— *Ah, para de graça, luxuosa. Quero saber se poderei ver a minha afilhada ou se você já deu uma de Malévola e a colocou de castigo.*

Meus saltos ecoam no estacionamento e entro no shopping.

— Nossa, quem ouve pensa que a menina vive de castigo. Como você é rancoroso! Só aconteceu uma vez e porque ela precisava aprender que sempre que desobedecer haverá consequências. Quando meu afilhado tiver a idade dela, eu quero ver.

Matheus está casado com o Thiago há quatro anos e os dois decidiram adotar um bebê. O bolinha fofa, que se chama Bernardo, tem seis meses e trouxe muita alegria. Engraçado ver o meu amigo tão paternal, mas acho que ele se empolgou mesmo quando eu o chamei para ser padrinho da Clara. Tinha vez de ele não querer ir embora da minha casa, porque não conseguia se afastar da minha filha. Virou um padrinho babão de carteirinha. E o seu defensor número um. Não posso fazer nada para *discipliná-la*, que ele já me olha com desaprovação.

— *Meu filho vai ser livre, querida. Ele vai fazer o que quiser. Não vai ficar em um regime rigoroso igual à minha linda Clarinha fica. E nem ouse ser uma madrinha* Malévola *com ele.*

Eu começo a gargalhar no telefone.

— Ai, Matheus. Eu não vejo a hora do Bernardo ter seis anos para eu dizer: eu avisei!

— *Para de me agourar e me fala logo se posso ver a minha Clarinha hoje, sua louca.*

— Sim, às 18h. Se quiser, pode levar o bolinha fofa do meu afilhado.

— *Você para de chamar meu filho de bolinha fofa, sua...*

Eu rio novamente e Matheus fica me xingando. Ele odeia o apelido que eu dei e justamente por isso, não paro de provocar. O que eu posso fazer se o bebê é todo gorduchinho e parece com aquele mascote da *Michelin*?

— *Tá* bom, *tá* bom. Parei! Se quiser levar o Bernardinho, pode levar.

— *Ok, verei se vou levar meu filho para a casa de uma bruxa desalmada. Até mais, minha amiga.*

— Até, meu amigo.

Ainda sorrindo, entro na minha loja e respiro fundo. Mais um dia de trabalho, fazendo o que eu amo. Quem diria, aquela Paula que pensou que não seria feliz, que não tinha esperanças de viver com o amor da sua vida... Sonhos se realizam, e podem ser muito melhores do que pensamos e imaginamos.



— Está tudo certo, Marcos? Já posso anunciar *pra* patroa?

— *Pode sim, Dr. Maurício. No sábado já pode pegar as chaves comigo e partir para o abraço.*

— *Porra*, aí sim! E nada de me chamar de doutor, Marcos. Estamos trabalhando juntos faz tempo para me tratar com formalidade.

— *Tudo bem, Maurício. É a força do hábito. E como a sua mulher não desconfiou de nada, hein?*

— Até eu estou surpreso que consegui guardar esse segredo dela. Aquela mulher sabe me ler como ninguém, rapaz!

Rio porque é verdade. Nunca vi pessoa para me conhecer tanto. Eu precisei fingir que estava atarefado de trabalho para que ela não percebesse que eu estava preocupado com outra coisa na verdade. Tudo por uma boa causa!

— *Imagino, Maurício. Mas agora está tudo certo. Te mandei as últimas fotos que tirei, conforme as mudanças que você pediu, e agora é só entrar. Vai ser sucesso!*

— Era isso que eu queria ouvir. Obrigado, Marcos. Você foi essencial para preparar tudo em tão pouco tempo.

— *Estou às ordens, Maurício! Precisando, só chamar.*

— Com toda certeza! Até sábado!

Desligo o telefone e encosto minhas costas na poltrona. Apesar de estar bastante cansado pela carga horária de trabalho pesada que venho mantendo aqui

no Hospital, sinto uma animação só por imaginar a reação da minha mulher quando descobrir o que venho escondendo há meses.

Lembro-me de quando meus planos estavam apenas no campo dos sonhos e hoje me sinto um homem completamente realizado. Até mais do que eu planejei. Exemplo disto é a minha filhinha linda e esperta que é uma cópia perfeita da mãe. Cabelos loirinhos, olhos azuis que mesclam entre os meus e os da Paula, narizinho arrebitado, a boquinha perfeita... Até o temperamento afiado e enérgico. Como eu amo aquelas meninas! Minha vida é fazê-las felizes.

Paulinha me surpreendeu. Ela tinha medo de ser mãe, de que poderia não dar conta de criar um filho, mas ao longo desses seis anos, nunca vi uma mulher tão dedicada e com um instinto de cuidado como ela. Ao mesmo tempo, sabe se impor e disciplinar. Ela é maravilhosa e isso só me faz amá-la mais e mais.

Nem tudo foram flores, obviamente. Como qualquer relacionamento, o nosso também teve seus altos e baixos, mais por conta do meu trabalho, que exige muito de mim, porém nunca nos distanciamos. Sempre que temos um problema, a gente senta e conversa para não gerar uma bola de neve de mal-entendidos. Depois que começamos a praticar isso, evitamos 80% das brigas. Os outros 20% são inevitáveis ou seríamos perfeitos demais.

A minha admiração por aquela mulher não para nunca. Ela continua tão linda quanto antes. Seu corpo ficou mais curvilíneo depois da nossa filha e me deixa louco só de imaginar cada parte, os seios cheios, o bumbum arredondado, os cabelos mais curtos, que a deixam elegante e sexy ao mesmo tempo... *Porra*! Ainda hoje ela me tira do sério. Além disso tudo, é uma estilista e empresária de sucesso, que conseguiu abraçar todos os seus sonhos e realizá-los com mérito. E eu participei de cada momento. Não poderia ser mais orgulhoso da esposa que eu tenho.

Eu mencionei que continuamos *forrozeando*? Fizemos da dança o nosso momento sagrado, revigorante e onde recuperamos nossas forças.

— Dr. Maurício. Precisamos da sua opinião em um caso.

Uma das médicas de plantão interrompe meus pensamentos ao aparecer na porta da minha sala. O mal de ser chefe é que você precisa ter resposta para tudo, até para o que não tem ideia do que é ou do que fazer.

— Ok, Dra. Vanessa. Já já eu encontro vocês. — Ela assente e sai de vista.

Levanto-me da cadeira e posso prever que será mais um dia de trabalho intenso. Apesar disto, estou feliz com o rumo que as coisas tomaram na minha vida profissional. Implementei novas medidas, renovei o quadro de funcionários, trouxe cursos de atualização, novos aparelhos e, com isso, conseguimos contribuir para a saúde na cidade, o que sempre foi o meu objetivo.

Concluindo minhas reflexões, eu estou onde pertenço, com uma família que amo mais que a minha própria vida e uma surpresa a caminho e que não vejo a hora de compartilhar com a minha parceira e melhor amiga.



Parece que o tempo passou devagar só de sacanagem. Sábado chegou e minha ansiedade está lá em cima. Mãos suando, inquieto, a perna direita não para de balançar... É claro que Paula sentiria o quanto eu estava estranho.

— Você está bem, amor?

Viro-me para ela, um pouco fora de área, e respondo:

— Estou, minha linda. Só umas coisinhas de trabalho.

— Nossa, não gosto de te ver assim. Sabia que a Clarinha percebe quando você está nervoso?

— Sério?

— Sério. Eu nem tinha percebido, mas fui levá-la para o colégio esses dias e ela disse que o papai estava muito agitado. Você acredita?

Puta que pariu! Acabo de constatar que minha filha é pior que a mãe. E eu fazendo de tudo para a Paula não perceber nada e a Clara acompanhando minha encenação de camarote.

— Caramba! Acho que ela tem mais de seis anos de idade, não é possível...

— São as crianças de hoje em dia, Maurício. Estão atentas a tudo. É até perigoso, viu? Quando você vem com aquelas suas saliências *pra* cima de mim... Temos que tomar cuidado.

— Verdade — sussurro, prensando-a na parede do nosso quarto quando me levanto da cama. — Então, teremos que nos limitar a este recinto. — Beijo seu pescoço, um ponto fraco, e ela arqueja. — Vamos aproveit...

— *Mamãeeeeeeeeeeeeeeeeee! Mamãeeeeeeeeeeeeeeeee!*

Acho que Clarinha é especialista em *empatar foda*. É incrível como ela tem talento para isto.

— Nossa filha está *te gritando!* — murmuro com a minha testa encostada na dela. Ela respira fundo e se ajeita, indo em direção à porta.

— Depois continuamos de onde paramos, *garoto*.

— Com toda certeza, *minha linda garota*. Só que terá de ser mais tarde. Lembra que eu disse que estava organizando um passeio *pra* gente hoje?

Ela bate com a mão na cabeça e responde:

— É verdade! Tinha esquecido completamente. Sem problemas. Vou ver o que a Clarinha quer. Que horas você pretende sair?

— Em uma hora, pode ser?

— Ótimo. Dá tempo de arrumar a Clara. Você não vai me falar *pra* onde vamos?

— *Mãeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!!!* — mais um grito.

— Vai, que a sua filha está histérica — eu falo e damos risada. Paulinha finalmente sai do quarto e eu olho para o teto.

Só mais uma hora, penso.

No horário combinado, saímos de casa. Paula está linda com um vestido branco com desenhos azuis e, nossa filhinha, com o vestido igual ao da mãe, está uma fofura. Aposto que foi uma das criações da minha mulher. Clarinha está toda boba, dizendo que ela é a mini *mamãe-barbie*.

— Você não me respondeu para onde estamos indo, Dr. Maurício. — Estava demorando!

— Paulinha, meu amor, você vai saber quando chegar.

— Papai, por que você está tão misterioso? — a voz aguda reverbera no carro.

— Porque eu quero levar vocês para um lugar muito legal.

— É perto ou longe? — começou! Ela sempre faz essa brincadeira para tentar descobrir informações. Terei que tomar cuidado.

— Perto.

— Mar ou terra?

Estou dizendo que a menina é esperta demais para a idade que tem.

— Mar. — Logo que respondo, dou uma olhada para a Paula, que me observa com as sobrancelhas arqueadas, fazendo inúmeras perguntas silenciosas. Se eu tivesse mentido teria que me ver com a minha filha depois.

— É só um passeio, meninas.

Mais cedo estive com o Marcos e peguei as chaves que estavam separadas para mim. O nervosismo só aumenta, a apreensão em saber se Paula vai gostar, se vai entrar na minha loucura... Paro no estacionamento do shopping e ela não se aguenta.

— Pensei que fôssemos para o cais.

— Não, vamos pegar aqui mesmo.

Ela fica muda. Com certeza, analisando cada informação na cabeça, tentando completar o quebra-cabeça.

Saio do carro e abro a porta para ela, em seguida, desafivelo as tiras que seguram minha filha na cadeirinha e a pego no colo. Caminhamos em silêncio e paramos em frente à lancha bonita e mediana que eu aluguei.

Minutos depois de navegarmos pelo mar calmo e azul de Angra dos Reis, a Vila do Abraão aparece em nossa vista.

— Olha lá, papai. Estamos chegando! — minha filha vibra em meu colo. Ela adora andar de barco, e acho que seria difícil não gostar tendo pais que amam o mar.

— Sim, filha. Estamos quase lá. — Meu coração saltita. Acho que, se ele pudesse dar cambalhotas, estaria fazendo isso agora.

Paula permanece em silêncio, apenas observando, curtindo o vento em seus cabelos, mas aposto que está muito ansiosa para saber o que estou armando. Eu a conheço demais e sei o quanto está se esforçando para parecer indiferente. Beijo seu rosto, e o seu sorriso preguiçoso me acalma.

Logo que desembarcamos da lancha, caminhamos pelo cais e viramos para a esquerda. Sempre gostei desta parte em especial. Fica de frente para o mar, perto do comércio, da principal pracinha. Diversas pousadas ficam por aqui, e paro de frente a uma casa verde, grande, como quem não quer nada. Ela tem uma cerca viva espessa, que cobre toda a entrada, mas não tapa a visão do espaço de dentro. Há vários coqueiros pela propriedade e uma pequena piscina se estende à direita, com uma cascatinha caindo sobre ela sem parar.

— Bonita, não é? — pergunto.

— É muito bonita, papai. Nós vamos entrar? Eu quero entrar! — Clara, como sempre, distribui alegria. Ela balança as perninhas em animação e eu preciso segurá-la com mais força.

— Calma, filha!

Olho para a Paula e ela está petrificada. Lágrimas rolam em seu rosto bonito e ela não faz questão de impedi-las. Sua visão está vidrada em uma placa de madeira grande.

— Por que a mamãe *tá* chorando, papai? — minha filha sussurra ao meu ouvido como se estivesse contando um segredo.

— Acho que ela gostou daqui — respondo no mesmo tom, baixinho. — Você gostou?

— Eu gostei muito, muito, muito. Eu adoro verde, papai. E é a cor preferida da mamãe.

— Ah, sim. É verdade. — Abro um sorriso contido.

Chego perto da minha mulher, que agora está com as mãos na boca, emocionada demais para se conter, e sussurro, reproduzindo cada palavra escrita na madeira.

— *Minha linda garota*.

Ela balança a cabeça e se vira para mim.

— Você é complemente louco, *garoto!*

— E você é a *minha eterna linda garota*.

— Por que você fica chamando o papai de garoto e o papai chama você de garota, mamãe? Vocês são velhos, não são garotos.

Eu e Paula caímos na risada, a emoção nos envolvendo, e curvo-me para tocar minha testa na dela.

— É uma longa história, querida. Sua mãe sempre será a minha garota, assim como eu sempre serei o garoto dela. A nossa alma será eternamente jovem, Clarinha.

Minha mulher me beija nos lábios e eu retribuo.

— Argh! Depois vocês namoram! Eu quero entrar na casa, papai.

— Filha, aqui não é uma casa qualquer. É a *nossa* casa, mas a gente vai

receber outras pessoas também. Por isso que chamamos de pousada.

— É nossa?! Uau! Que legal, *papa*! Uma pousada? Que combina com marmelada, que combina com amassada, que combina com *abestada*...

— Filha! De onde tirou isso? — Paula sai do torpor do momento para repreender Clarinha. Nossa filha tem cada uma que já desisti de tentar entender.

— O Marcelinho chamou a Paty assim esses dias lá na escolinha.

— Meu Deus! Você não pode falar isso, não, ouviu? É muito feio.

— *Tá* bom! Agora que entrar na p*ouvada*.

— Não é *pouvada*, filha. É pousada. *Pousada Minha Linda Garota.* O lugar mais lindo e mais cheio de amor da Ilha Grande a partir de agora — Paula se gaba, ainda sem acreditar. — Vamos que estou louca para ver por dentro.

— *Obaaaaaaa*! — minha filha grita.

Abro os portões de madeira e coloco Clarinha no chão. Logo ela começa a correr pelo gramado verde e recém-aparado.

— Vem, Clarinha! Vamos entrar na casa!

— Vamos!

Passo pela varanda e abro a porta de entrada. Paula chega a soltar um suspiro de admiração quando vê a recepção montada e os quadros de praias diversas da Ilha Grande, que estão espalhados pelo ambiente azul-claro, assemelhando-se ao mar. Está tudo muito bonito.

— Maravilhoso! — sua voz ecoa. — Não tenho nem palavras, Maurício.

— Uma recepção, vinte quartos, uma cozinha, um espaço para café da manhã e eventos, uma *jacuzzi*, uma pequena piscina, e uma sala para os hóspedes que quiserem fazer massagens.

— Nem acredito que você escondeu isso tudo de mim. Meu amor...

— Olha, mamãe, tem um monte de quartinhos! — Clara grita do outro lado e nós dois rimos.

— Ela está se divertindo — minha mulher comenta.

— Essa menina é de ouro, mas tendo uma mãe como você, não poderia ser diferente! Vocês são a minha maior riqueza. — Aproximo-me do seu corpo e a beijo com intensidade, aproveitando que minha filha está desbravando o local. Eu estava querendo fazer isto desde que chegamos.

Passo minhas mãos sobre o seu vestido leve, sentindo a calcinha minúscula em minhas mãos e endureço na hora.

— *Porra*! Isso é sacanagem, meu amor. Eu estou louco para mergulhar em você, bem gostoso e devagar, sem correria...

— Temos 20 quartos para inaugurar, Dr. Maurício — sua voz sai ofegante, enquanto faço com que ela sinta como estou excitado, esfregando-me em uma dança sem música. *O nosso xote perfeito.*

— Eu te amo, princesa. Obrigado por ser minha melhor amiga, minha amante, meu amor, minha parceira, meu tudo!

— Ah, Maurício... Se você não fosse o meu melhor amigo nada disso teria acontecido. Tudo começou com uma amizade e foi por ela que o nosso amor desabrochou. Eu não seria metade da pessoa que sou hoje sem você. Eu te amo e quero viver por toda minha vida ao seu lado.

— *Papaiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii*!

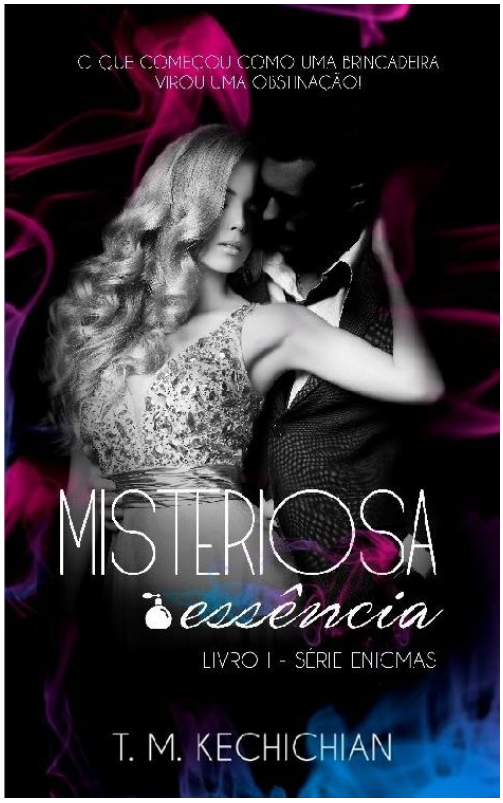
E o fruto do nosso amor reaparece, correndo e se esgueirando em nossas pernas, completando o momento perfeito.

O que eu mais quero é que vivamos felizes para sempre e farei o

possível, e o impossível, para isto acontecer.

Fin

Demais Obras



MISTERIOSA ESSÊNCIA

Sinopse:

Se te perguntassem se em uma noite tudo pode mudar, o que você diria?

Scarlett Ryan é uma mulher linda, forte e bem-sucedida. Futura CEO, por herança de seu pai, de uma das maiores agências de marketing dos EUA, Scarlett nem sempre teve uma vida boa. O fato de sua mãe tê-la abandonado ainda pequena e a descoberta de uma doença em seu pai, fizeram com que se tornasse

uma mulher com grandes responsabilidades, apesar de seus 25 anos.

Sua primeira grande paixão foi Paul Mayer. Eles namoraram na faculdade, porém, em uma noite de farra com os amigos, ele a traiu. Depois disso, a vida amorosa da empresária nunca mais foi a mesma.

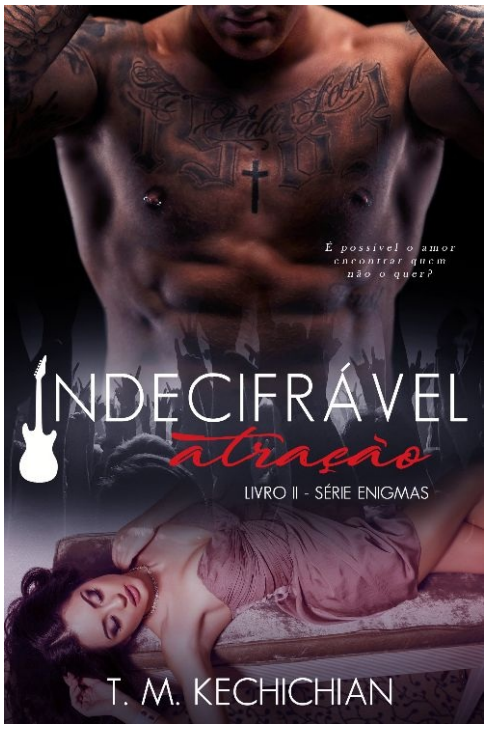
Mas, o destino tinha outros planos...

Além do ex-namorado reaparecer como seu colega de trabalho, em uma balada com as amigas, Scarlett se vê envolvida em uma situação que foge ao seu controle. O desconhecido nunca foi tão bem-vindo.

Um mistério. Uma entrega. Uma essência.

Você conseguiria resistir?

Adquira o seu aqui



INDECIFRÁVEL ATRAÇÃO

Depois da CEO Scarlett Ryan (Livro I, Misteriosa Essência), agora é a vez da empresária Liv Scott contar sua história. Após o grande sucesso no Wattpad, ela chegou para abalar a Amazon com todo seu poder e confiança, assim como abalou o mundo do rockstar Josh Morris. Leia a sinopse:

"INDECIFRÁVEL. 1. impossível ou muito difícil de ser decifrado. 2. que é muito difícil de se penetrar, compreender ou explicar; enigmático, misterioso.

LIV SCOTT é uma mulher sem "papas na língua". Nova-Iorquina, dona de uma beleza estonteante e um gênio forte, Liv é proprietária da Models & Models — uma próspera agência de moda —, e tem como lema "curtir a vida e não se apegar".

Após ver sua amiga Scarlett Ryan tomar um rumo diferente do que

planejou para si — ela está comprometida —, Liv convida Ticy Parker, sua outra melhor amiga, para passar um final de semana de diversão em Los Angeles a fim de irem ao show da maior banda de rock do momento.

JOSHUA MORRIS, conhecido como Josh "Fucked" Morris, não é um cara qualquer. Eleito o homem mais sexy e desejado da atualidade, Josh é vocalista da afamada banda Sultans of Swing e vive como bem quer, sem compromissos e cobranças. E está muito bem assim.

O que os dois têm em comum? Uma noite. E tudo o que pensavam ser o certo, de repente, parece ter outro sentido, porém INDECIFRÁVEL. Pode uma ATRAÇÃO intensa unir duas pessoas iguais? É possível o amor encontrar quem não o quer?"

Adquira o seu aqui



NATAL EM 2

Sinopse:

T. M. Kechichian e John K são irmãos e amam a leitura e a escrita. Decidiram escrever este eBook para levar a paixão que nutrem pelo Natal. Conheça "Natal em 2". Dois contos. Duas histórias diferentes. Um só propósito: aquecer corações!

Natal Inesperado, por John K. (Autor de A Árvore Sagrada - Conto Amazon, e de diversas Antologias)

Para Robert, não existe época melhor no ano do que o Natal! A magia flui através dos sorrisos, cores e músicas, proporcionando o momento perfeito para abrir o coração e se declarar para Samantha, sua colega de trabalho. No entanto, seus planos são frustrados quando um cachorro arranca o buquê de sua mão e foge pelas ruas de Nova York, iniciando assim uma aventura inesperada.

“Um Natal Inesperado” é um conto divertido e nos ensina que, mesmo que as coisas não aconteçam como imaginamos, nem tudo está perdido.

O que Aconteceu com o Natal?, por T. M. Kechichian

Já imaginou viver em uma cidade onde o Natal deixou de ser comemorado? Onde as pessoas não se importam umas com as outras e a tristeza é constante? Onde a frieza é sentida tanto no frequente clima congelante como nas feições de cada morador? Forlorn fora esquecida, diziam seus habitantes. Sem amor, não havia esperança. E, sem esperança, não existia alegria.

Neste conto, veremos que a tristeza e a desesperança podem contagiar e congelar sentimentos, mas um pequeno fio de esperança, de onde menos se espera, é poderoso para aquecer corações e mudar histórias.

Adquira o seu aqui

Biografia



Talitha Kechichian ou T.M. Kechichian, como é conhecida no mundo literário, intitula-se como uma “paulista carioca”. Sua formação é no Direito, mas seu coração bate mais forte pela escrita de seus romances.

Gosta de criar personagens femininas fortes, sempre mantendo suas características particulares. Escreve sobre pessoas reais, permitindo, com muito carinho e sensibilidade, que a inspiração e a criatividade aflorem a cada novo romance criado.



Perfil Wattpad

https://my.w.tt/1F0oHZl1XK

Perfil Facebook

https://www.facebook.com/100004297324540

Perfil Insta

https://www.instagram.com/tmkechichian/?hl=pt-br

Perfil Twitter

https://mobile.twitter.com/TMKechichian

Página de autora

https://m.facebook.com/tmkechichian

---

[1] A tradução desse termo **em português é mini casamento**, ou seja um casamento mais intimista, enxuto e para menos convidados.